

KATHRYN  
STOCKETT

As  
Serviçais  
*(The Help)*

*Tradução de Fernanda Semedo*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina



*Para o avô Stockett, o melhor dos contadores de histórias*



AIBILEEN

CAPÍTULO I

*Agosto de 1962*

**A** Mae Mobley nasceu numa madrugada de domingo de 1960. Uma bonequinha de igreja, como gostamos de dizer. Cuidar de bebés brancos é o meu trabalho, além de cozinhar e de limpar. Ao longo da minha vida, criei dezassete miúdos. Sou capaz de os adormecer, de os fazer parar de chorar e de os ensinar a usar a casa de banho ainda antes de as mães deles se levantarem de manhã.

Porém, nunca tinha visto um bebé gritar como Mae Mobley Leefolt. No primeiro dia em que atravessei aquela porta, lá estava ela, vermelha como um tomate e a gritar por causa das cólicas, lutando contra o biberão como se este fosse um nabo podre. A senhora Leefolt parecia aterrorizada com a própria filha.

— Que estou a fazer de errado? Por que não consigo calar isto?  
*Isto?* Foi o meu primeiro indício: alguma coisa está errada.

Tomei nos braços aquela menina cor-de-rosa e vociferante. Fi-la saltitar sobre a minha anca, para o gás circular, e a bebé não demorou dois minutos a parar de chorar e a começar a sorrir para mim, como ela faz. A senhora Leefolt, essa, não voltou a pegar na filha o resto do dia. Vi muitas mulheres com depressão pós-parto, na altura devo ter julgado que era isso.

Vou dizer uma coisa acerca da senhora Leefolt: além de estar sempre a franzir o cenho, é esquelética. As pernas dela são tão delgadas que parece que as deixou crescer na semana passada. Tem vinte e três anos, mas é magricela como um rapaz de catorze. Até o cabelo castanho é fino, pode ver-se através dele. Ela tenta dar-lhe volume, mas só consegue que pareça mais fino. Tem o rosto da mesma forma que aquele diabo vermelho na caixa de doces, com o queixo pontiagudo e tudo. De facto, com tantas saliências e bicos no corpo não admira que não consiga acalmar a menina. Os bebés gostam de gordura. Gostam de enterrar a cara no nosso sovaco para dormir. Também gostam de pernas grandes e gordas. Lá disso, não tenho dúvidas.

Quando tinha um ano, a Mae Mobley seguia-me para todo o lado.

Chegavam as cinco da tarde e ela estava pendurada no meu sapato *Dr. Scholl*, a arrastar-se pelo chão, chorando como se eu não fosse voltar nunca. A menina Leefolt semicerrava os olhos para mim, até parecia que eu tinha feito algo de errado, e arrancava a bebé chorosa dos meus pés. Acho que é o risco que corremos quando deixamos outras pessoas criarem-nos os filhos.

A Mae Mobley tem agora dois anos. Tem olhos grandes, castanhos, e caracóis cor de mel. Porém, aquela falha de cabelo na nuca parece desequilibrar tudo. Quando está chateada, faz a mesma ruga que a mãe, entre os sobrolhos. Até certo ponto, são parecidas, mas a Mae Mobley é gorducha. Não será nenhuma rainha de beleza. Acho que isso aborrece a senhora Leefolt, mas a Mae Mobley é o meu bebé especial.

Perdi o meu filho, Treelore, pouco antes de começar a servir em casa da senhora Leefolt. Tinha vinte e quatro anos. A melhor parte da vida de uma pessoa. Não passou tempo suficiente neste mundo.

Tinha um apartamentozinho em Foley Street. Namorava uma rapariga às direitas, chamada Frances, e acho que iam casar-se, mas ele era lento nesse género de coisas. Não por andar à procura de alguma coisa melhor, mas porque era do tipo pensativo. Usava óculos grandes e estava sempre a ler. Começara até a escrever o seu livro, sobre o que é ser um homem de cor a viver e trabalhar no Mississípi. Meu Deus, que orgulho isso me dava! Porém, uma noite, ficou a trabalhar até tarde na serração de Scalon-Taylor, acartando barrotes de madeira para o camião, as farpas a cortarem-lhe as mãos através das luvas. Era demasiado pequeno e franzino para esse género de trabalho, mas precisava do emprego. Estava cansado. Chovia. Escorregou da plataforma de carga e caiu na estrada. O condutor do camião reboque não o viu e esmagou-lhe os pulmões antes de ele se conseguir mexer. Quando eu soube, já estava morto.

Foi o dia em que todo o meu mundo se tornou negro. O ar parecia negro, o Sol parecia negro. Deitei-me na cama e fitei as paredes negras da minha casa. A Minny vinha todos os dias para ver se eu ainda respirava, dava-me comida para me manter viva. Levei três meses até, pelo menos, olhar pela janela, ver se o mundo continuava no sítio. Fiquei surpreendida ao descobrir que o mundo não parara por o meu rapaz ter parado.

Cinco meses depois do funeral, icei-me para fora da cama. Vesti

a minha farda branca, voltei a pôr a minha pequena cruz de ouro ao pescoço e fui trabalhar para casa da senhora Leefolt, que acabara de ter a menina. Contudo, não demorei muito a perceber que alguma coisa em mim mudara. No meu âmagô, fora plantada uma semente de amargura. E eu já não era tão tolerante.

— Arruma a casa e depois faz uma daquelas saladas de frango — diz a senhora Leefolt.

É dia do clube de brídege. Todas as últimas quartas-feiras do mês. Claro que já tenho tudo preparado — fizera a salada de manhã, engomara as toalhas de mesa ontem. A senhora viu-me a fazê-lo. Tem só vinte e três anos e gosta de se ouvir a dar-me ordens.

Já traz o vestido azul que engomei esta manhã, aquele que tem *sessenta e cinco* pregas na cintura, tão estreitas que tenho de semicerrar os olhos por detrás dos óculos para as engomar. Não odeio muitas coisas neste mundo, mas eu e aquele vestido *não* nos damos bem.

— E vê lá se a Mae Mobley não nos vai interromper. Digo-te, estou tão farta dela. Rasgou o meu papel de carta bom em cinco mil pedaços e tenho quinze cartas de agradecimento da Liga Júnior para escrever...

Fui arranjando isto e aquilo para as amigas dela. Pus os cristais melhores, tirei o serviço de prata do armário. A senhora Leefolt não põe uma mesa de jogo pequenina, como as outras senhoras. Usa a mesa da sala de jantar. Tapamo-la com uma toalha para esconder a fissura em forma de L e mudamos o centro de mesa vermelho para o aparador, onde a madeira está toda arranhada. A senhora Leefolt gosta de tudo muito bem arranjado quando dá um almoço. Talvez queira compensar o facto de a sua casa ser pequena. Eles não são ricos, isso já eu percebi. As pessoas ricas não se esforçam tanto.

Estou habituada a trabalhar para casais jovens, mas acho que esta é a casa mais pequena em que já trabalhei. Só tem um andar. O quarto dela e do senhor Leefolt, na parte de trás, é de tamanho razoável, mas o quarto da menina é minúsculo. A sala de jantar e a sala de estar são praticamente juntas. Só há duas casas de banho, o que é um alívio, porque já trabalhei em casas onde havia cinco ou seis. Levava um dia inteiro só a limpar casas de banho. A senhora Leefolt paga noventa e cinco cêntimos por hora, o valor mais baixo que ganhei nos últimos anos. Porém, depois da morte do Treelore, aproveitei o que pude. O

senhorio não esperaria muito mais. E, embora pequena, a senhora decorou a casa o melhor que pode. É bastante habilidosa com a máquina de costura. Qualquer coisa que não possa comprar nova, arranja um pouco de tecido azul e costura-lhe uma capa.

A campainha toca e vou abrir.

— Olá, Aibileen — diz a menina Skeeter, porque é do género que fala com os criados — Como estás?

— Olá, menina Skeeter. Estou bem. Bolas, que calor lá fora!

A menina Skeeter é muito alta e magra. Tem o cabelo loiro cortado curto por cima dos ombros, porque está encrespado o ano todo. Terá uns vinte e três anos, como a senhora Leefolt e as outras todas. Pousa a carteira na cadeira, retorce-se durante um segundo dentro das roupas. Usa uma blusa de renda branca, abotoada como a de uma freira, sapatos rasos, para não parecer mais alta, acho eu. A saia azul abre na cintura. Parece sempre que foi outra pessoa que lhe escolheu a roupa.

Ouçõ a senhora Hilly e a mãe, a senhora Walters, subirem a rampa e buzinaem. A senhora Hilly não vive a mais de três metros daqui, mas vem sempre de carro. Abro-lhe a porta, ela passa rapidamente por mim e calculo que seja boa altura para acordar a Mae Mobley da sesta.

Assim que entro no quarto dela, a Mae Mobley sorri-me e estende os bracinhos roliços.

— Já estás acordada, bebé? Porque não gritaste por mim?

Ela ri-se, dança uma espécie de giga satisfeita, esperando que a pegue ao colo. Dou-lhe um grande abraço. Acho que não recebe muitos abraços destes depois de eu ir para casa. Por vezes, chego ao trabalho e encontro-a a soluçar no berço; a senhora Leefolt está atarefada na máquina de costura, revirando os olhos como se um gato vadio tivesse ficado preso na porta de rede. Estão a ver, a senhora Leefolt apearalta-se todos os dias. Anda sempre maquilhada, tem uma garagem, um *Frigidaire* de duas portas com congelador incorporado. Vemo-la no armazém de mercearias Jitney 14 e não nos passa pela cabeça que deixe o bebé a chorar no berço daquela maneira. Mas as criadas sabem sempre.

Porém, hoje é um dia bom. A menina sorri.

Eu digo:

— Aibileen.

Ela diz:



— Aib-ee.  
Eu digo:  
— Amor.  
Ela diz:  
— Amor.  
Eu digo:  
— Mae Mobley.  
Ela diz:  
— *Aib-ee*.

Depois farta-se de rir. Está tão encantada por falar e, tenho de o dizer, já não era sem tempo. O Treelore também não disse nada até aos dois anos. Quando andava na terceira classe, porém, desatou a falar melhor do que o Presidente dos Estados Unidos, chegava a casa a dizer palavras como *conjugação* e *parlamentar*. Entrou no ciclo e fazíamos aquele jogo em que eu dizia uma expressão simples e ele arranjava uma maneira mais sofisticada de dizer a mesma coisa. Eu dizia *gato de casa* e ele dizia *felino domesticado*, eu dizia *batedeira* e ele dizia *rotunda motorizada*. Um dia, eu disse *Crisco*<sup>1</sup>. Ele coçou a cabeça. Nem queria acreditar que tinha ganhado o jogo com algo tão simples como *Crisco*. Tornou-se uma brincadeira secreta entre nós, representando algo que não se pode engalantar, por mais que se tente. Começámos a chamar *Crisco* ao pai dele, porque não é possível embelezar um homem que fugiu da família. Além disso, é o canalha mais imprestável que se pode conhecer.

Levo a Mae Mobley para a cozinha e instalo-a na cadeira alta, pensando em duas tarefas que preciso de acabar hoje, antes que a senhora Leefolt tenha um ataque: separar os guardanapos que começam a desfiar e arrumar o serviço de prata no armário. Bolas, acho que tenho de fazer isso enquanto as senhoras estão aqui.

Levo o tabuleiro de ovos recheados para a sala. A senhora Leefolt senta-se à cabeceira e à sua esquerda está a senhora Hilly Holbrook e a mãe, a senhora Walters, que a filha trata sem qualquer respeito. À direita da senhora Leefolt encontra-se a menina Skeeter.

Começo a servir os ovos, começando pela velha senhora Walters, porque é a mais idosa. Apesar do calor, tem uma grossa camisola castanha em volta dos ombros. Levanta um ovo com a colher e quase o

---

<sup>1</sup> Marca comercial de gordura vegetal, usada para cozinhar.

deixa cair porque está a ficar com paralisia cerebral. Depois viro-me para a senhora Hilly e ela sorri e tira dois. A senhora Hilly tem cara redonda e cabelo castanho-escuro, penteado ao alto. Tem a pele cor de azeitona, com sardas e verrugas. Usa muito xadrez vermelho. E está a ficar com o rabo gordo. Hoje, como está tanto calor, usa um vestido vermelho sem mangas nem cintura. É uma daquelas mulheres maduras que ainda se vestem como uma rapariguinha, com grandes laços e chapéus a condizer e isso tudo. Não gosto lá muito dela.

Passo à menina Skeeter, mas ela torce-me o nariz e diz «Não, obrigada», porque não come ovos. Digo-o à senhora Leefolt sempre que ela recebe o clube de brídege, mas ela manda-me fazer os ovos à mesma. Teme que a senhora Hilly fique dececionada.

Finalmente, sirvo a senhora Leefolt. Como é a anfitriã, é a última a servir-se dos ovos. Assim que acabo, a senhora Hilly diz, «Não se importam que eu...» e saca mais dois ovos, o que não me surpreende.

— Adivinhem com quem me cruzei no salão de beleza — diz a senhora Hilly às outras.

— Quem? — pergunta a senhora Leefolt.

— Celia Foote. E sabem o que me perguntou? Se este ano podia ajudar na Beneficência.

— Ainda bem — diz a menina Skeeter. — Precisamos de ajuda.

— Não precisamos assim tanto. Disse-lhe, «Celia, para participares tens de ser sócia da Liga, ou apoiante.» Que pensa ela que é a Liga Jackson? De entrada livre?

— Não estamos a aceitar não-sócias este ano? Já que a Beneficência se tornou tão grande? — pergunta a menina Skeeter.

— Bem, é verdade — responde a senhora Hilly. — Mas eu não ia dizer-lhe isso.

— Nem acredito que o Johnny se casou com uma rapariga tão simplória — diz a senhora Leefolt, e a senhora Hilly faz um gesto de aquiescência com a cabeça. Começa a dar as cartas para o brídege.

Sirvo a salada de fruta e gelatina e as sanduíches de fiambre e não posso deixar de ouvir a conversa. Estas senhoras só falam de três coisas: os filhos, as roupas e as amigas. Ouço a palavra *Kennedy*, mas sei que não estão a discutir política. Estão a falar da roupa que a senhora Jackie usou na televisão.

Quando chega a vez da senhora Walters, ela tira só metade de uma sanduíche pequena.

— Mãe! — grita-lhe a senhora Hilly. — Tira mais uma sanduíche. Estás magra como um palito. — A senhora Hilly olha para as outras. — Estou sempre a dizer-lhe, se aquela Minny não sabe cozinhar, o que tem de fazer é despedi-la.

Fico de orelhas arrebitadas. Estão a falar da criada. A Minny é a minha melhor amiga.

— A Minny cozinha bem — diz a velha senhora Walters. — Só que já não tenho tanta fome como dantes.

A Minny é praticamente a melhor cozinheira de Hinds County, talvez de todo o Mississípi. A festa de beneficência da Liga Júnior é todos os outonos e pedem-lhe que faça dez bolos de caramelo para leiloar. Devia ser a criada mais procurada de todo o estado. O problema é que a Minny tem boca. É sempre respondona. Um dia é com o gerente branco do armazém Jitney Jungle, no dia seguinte é com o marido e todos os dias é com a senhora branca para quem trabalha. Se está com a senhora Walters há tanto tempo é por ela ser surda como uma porta.

— Acho que andas mal alimentada, mãe — diz a senhora Hilly. — Essa Minny não te dá de comer para poder roubar o que me resta da herança. — A senhora Hilly bufá. — Vou retocar a maquilhagem. Cuidem dela, se cair morta de fome.

Quando a filha sai, a senhora Walters diz, muito baixinho:

— Aposto que adoravas que eu morresse.

Toda a gente finge que não ouviu. É melhor telefonar à Minny esta noite, contar-lhe o que a senhora Hilly disse.

Na cozinha, encontro a menina de pé na cadeira. Tem a cara toda suja de sumo vermelho. Assim que entro, sorri. Não arma confusão nenhuma por estar sozinha, mas detesto deixá-la tanto tempo. Sei que fica muito quieta, com os olhos pregados na porta até eu voltar.

Dou-lhe uma palmadinha na pequena cabeça macia e volto à sala para servir o chá gelado. A senhora Hilly regressou à sua cadeira e agora parece abespinhada com outra coisa.

— Oh, Hilly, devias usar a casa de banho dos hóspedes — diz a senhora Leefolt, organizando as cartas. — A Aibileen só limpa nas tra-seiras depois do almoço.

Hilly ergue o queixo. Depois solta um dos seus pigarreios típicos. Tem esta maneira de aclarar a garganta tão delicada que atrai a atenção de toda a gente sem que as pessoas deem por isso.

— Mas a casa de banho dos hóspedes é onde vão as criadas — diz a senhora Hilly.

Durante um segundo, ninguém diz nada. Depois a senhora Walters faz um aceno, como se fosse explicar tudo.

— Está chateada porque a negra usa a casa de banho interior e nós também.

Bolas, esta confusão outra vez, não! Olham todas para mim, que estou a arrumar a gaveta das pratas no aparador, e percebo que é altura de me ir embora. Antes de conseguir arrumar a última colher, a senhora Leefolt lança-me um olhar e diz:

— Vai buscar mais chá, Aibileen.

Faço o que ela me manda, embora tenham as chávenas cheias até ao cimo.

Deixo-me ficar um bocado na cozinha, embora já não tenha nada para fazer ali. Preciso de ficar na sala para acabar de arrumar as pratas. E ainda tenho o armário dos guardanapos para organizar hoje, mas fica no vestíbulo, mesmo junto à sala onde elas estão. Não quero ficar até mais tarde só porque a senhora Leefolt está a jogar às cartas.

Espero alguns minutos, limpo uma bancada. Dou mais presunto à menina e ela devora-o. Finalmente, esgueiro-me para o vestíbulo, rezando para que ninguém me veja.

Todas têm um cigarro numa mão e as cartas na outra.

— Elizabeth, se pudesses escolher, não preferias que fizessem o que têm a fazer lá fora?

Muito devagarinho, abro a gaveta dos guardanapos, mais preocupada que a senhora Leefolt me veja do que com o que estão a dizer. A conversa não é novidade para mim. Por toda a cidade há uma casa de banho para negros e na maior parte das casas também. Quando olho por cima do ombro, vejo que a menina Skeeter me observa e fico estática, pensando que estou prestes a meter-me em sarilhos.

— Uma copa — diz a senhora Walters.

— Não sei — responde a senhora Leefolt, franzindo o sobrolho para as cartas. — Com o Raleigh a começar o seu próprio negócio e a época dos impostos só daqui a seis meses... neste momento, estamos mesmo apertados.

A senhora Hilly fala devagar, como se estivesse a espalhar açúcar em pó por cima de um bolo.

— Só tens de dizer ao Raleigh que cada cêntimo gasto nessa casa

de banho será recuperado quando venderem a casa. — Abana a cabeça, como se estivesse a concordar consigo mesma. — E essas casas todas que estão a construir agora, sem aposentos para os criados? É demasiado perigoso. Toda a gente sabe que eles têm doenças diferentes das nossas. Duplico.

Pego numa pilha de guardanapos. Não sei porquê, mas de repente quero ouvir o que a senhora Leefolt vai dizer acerca disto. É a minha patroa. Acho que toda a gente quer saber o que o patrão pensa de si.

— Seria bom — admite a senhora Leefolt, dando um pequeno trago no seu cigarro — que ela não usasse a de casa. Três espadas.

— Foi exatamente por essa razão que planeei a Iniciativa Sanitária do Pessoal Doméstico. Como uma medida de prevenção de doenças.

Fico surpreendida com o aperto que sinto na garganta. É uma pena ter aprendido a controlar-me há tanto tempo.

A menina Skeeter parece deveras confusa.

— A iniciativa... quê?

— Um decreto exigindo que em todas as casas brancas haja uma casa de banho separada para os criados negros. Até notifiquei o inspetor-geral de saúde do Mississípi, para ver se ele apoia a ideia. Passo.

A menina Skeeter está a franzir o sobrolho para a senhora Hilly. Põe as cartas na mesa com a face para cima e diz, muito direta:

— Se calhar, devíamos construir uma casa de banho para ti lá fora, Hilly.

E, bolas, fez-se cá um silêncio na sala!

— Acho que não devias brincar com a situação dos negros. Pelo menos, se quiseres continuar a ser a editora da Liga, Skeeter Phelan — diz a senhora Hilly.

A menina Skeeter a modos que riu, mas posso garantir que não achou graça nenhuma.

— O quê, eras capaz de me expulsar? Por discordar de ti?

A senhora Hilly ergue uma sobrancelha.

— Farei tudo o que tiver de fazer para proteger a nossa cidade. És tu, mãe.

Vou para a cozinha e não torno a sair até ouvir a porta fechar-se atrás do traseiro da senhora Hilly.

Quando percebo que a senhora Hilly saiu, ponho a Mae Mobley no parque e arrasto a lata do lixo para a rua, porque hoje é dia de passar

o camião. No cimo da rampa, a senhora Hilly e a maluca da mãe, em marcha atrás, quase me passam com o carro por cima, depois gritam amigavelmente que lamentam muito. Entro em casa a dar graças a Deus por não ter duas pernas partidas de fresco.

Quando entro na cozinha, encontro lá a menina Skeeter. Está encostada à bancada, com um ar sério, ainda mais sério do que é costume.

— Olá, menina Skeeter. Quer que lhe arranje alguma coisa?

Ela olha para a rampa onde a senhora Leefolt fala com a senhora Hilly pela janela do carro.

— Não. Estou só... à espera.

Enxugo um tabuleiro com um pano da loiça. Quando lhe lanço um olhar de esguelha, ainda mantém os olhos preocupados na janela. Ela não se parece com as outras senhoras, por ser tão alta. Tem as maçãs do rosto muito altas. Olhos azuis que viram, o que lhe dá um ar tímido. Há silêncio, a não ser pela telefoniazinha em cima do balcão, no posto de Gospel. Tomara que ela se vá embora.

— É o sermão do pregador Green que está a dar na rádio? — pergunta ela

— É, sim, menina.

A menina Skeeter a modos que sorri.

— Lembra-me tanto a ama que me criou.

— Oh, eu conheci a Constantine — digo.

A menina Skeeter desvia o olhar da janela para mim.

— Foi ela que me criou, sabias?

Faço um gesto de assentimento, arrependida de ter falado. Sei demasiado acerca dessa situação.

— Tenho tentado arranjar a morada da família dela em Chicago — diz-me —, mas ninguém sabe dizer-me nada.

— Eu também não a tenho, minha senhora.

A menina Skeeter volta a olhar pela janela, para o *Buick* da menina Hilly. Abana a cabeça muito levemente.

— Aibileen, aquela conversa ali... Quero dizer, a conversa da Hilly...

Pego numa xícara e começo a enxugá-la muito bem com o meu pano.

— Alguma vez desejaste... mudar as coisas? — pergunta-me.

E não consigo conter-me. Olho para ela de cabeça levantada. Porque é uma das perguntas mais estúpidas que já ouvi. Ela tem uma ex-

pressão confusa e desgostosa no rosto, como se tivesse salgado o café em vez de o adoçar.

Volto às minhas lavagens, para que não me veja arregalar os olhos.

— Oh, não, minha senhora. Está tudo bem.

— Mas, aquela conversa lá dentro, acerca da *casa de banho*... — Precisamente quando diz essas palavras, a senhora Leefolt entra na cozinha.

— Ah, estás aí, Skeeter.

Olha para nós com um ar um pouco estranho.

— Desculpem... Interrompi alguma coisa?

Ficámos ambas caladas, perguntando-nos o que ela podia ter ouvido.

— Tenho de me apressar — diz a menina Skeeter. — Até amanhã, Elizabeth.

Abre a porta das traseiras e diz:

— Obrigada pelo almoço, Aibileen.

Vou para a sala e começo a arrumar a mesa do brídege. Tal como eu previa, a senhora Leefolt vem atrás de mim com aquele sorriso chateado.

Tem o pescoço esticado, como se estivesse a preparar-se para me perguntar qualquer coisa. Não gosta que eu fale com as amigas dela quando não está presente, nunca gostou. Quer saber sempre o que dissemos. Passo mesmo diante dela e vou para a cozinha. Sento a menina na cadeira alta e começo a limpar o forno.

A senhora Leefolt segue-me, enxerga uma embalagem de *Crisco*, guarda-a. A menina estende os braços para a mãe, esperando que ela lhe pegue, mas a mãe abre um armário, faz que não vê. Fecha-o com força, abre outro. Finalmente, deixa-se apenas estar ali. Estou de gatas. Não tardo a ficar com a cabeça tão profundamente enfiada dentro do forno que parece que tento gasear-me.

— Tu e a menina Skeeter pareciam falar terrivelmente a sério acerca de alguma coisa.

— Não, minha senhora. Ela estava só a... perguntar-me como se livrar de umas roupas velhas — respondo, parecendo falar do fundo de um poço. A gordura já me sobe pelos braços. Aqui dentro cheira a sovaco. Em menos de nada, o suor da testa escorre-me pelo nariz e de cada vez que o coço fico com uma mancha gordurenta no rosto. Deve ser o pior lugar do mundo, o interior de um forno. Quando se

está lá, ou se está a limpar ou a ser cozinhado. Já sei que esta noite vou ter aquele sonho em que estou presa lá dentro e o gás se liga. Porém, conservo a cabeça dentro deste sítio horrível porque é melhor estar em qualquer lugar do que responder às perguntas da senhora Leefolt acerca do que a menina Skeeter estava a tentar dizer-me. A perguntar-me se eu queria *mudar* as coisas.

Pouco depois, a senhora Leefolt bufa e vai para a garagem. Calculo que esteja a decidir onde construirá a minha nova casa de banho para negros.



## CAPÍTULO 2

Vivendo aqui, nunca se daria por isso, mas Jackson, Mississípi, está povoada por duzentas mil pessoas. Leio os números no jornal e pergunto-me onde vive essa gente. Debaixo do chão? Porque conheço quase toda a gente da minha zona e também muitas famílias brancas e, tenho a certeza, não somam duzentos mil.

Seis dias por semana, apanho o autocarro que atravessa a ponte Woodrow Wilson para Belhaven, o bairro onde vive a senhora Leefolt e todas as suas amigas brancas. Mesmo ao lado de Belhaven fica a Baixa e a capital estadual. O edifício do Capitólio é muito grande, bonito por fora, mas nunca estive lá dentro. Gostava de saber quanto pagam para limpar aquilo.

Ao fundo da estrada de Belhaven encontra-se Woodland Hills, zona branca, depois Sherwood Forest, que são quilómetros de grandes carvalhos vivos, com musgo pendente. Ainda não vive lá ninguém, mas existe para quando os brancos sentirem vontade de se mudar para um sítio novo. Mais além, fica o campo, onde vive a menina Skeeter, na plantação de algodão Longleaf. Ela não sabe que andei ali a apanhar algodão em 1931, durante a Depressão, quando não tínhamos nada para comer além de queijo do estado.

Então, Jackson não é mais do que um bairro branco a seguir a outro, e mais bairros novos a surgirem ao longo da estrada. A parte negra da cidade, contudo, é um imenso formigueiro, rodeado por terras estaduais que não estão à venda. À medida que o nosso número vai aumentando, deixamos de poder espriar-nos. A nossa parte da cidade vai, simplesmente, ficando mais densa.

Nessa tarde, apanho o autocarro seis, que vai de Belhaven para Farish Street. O autocarro hoje está cheio de criadas de farda branca que vão para casa. Vamos todas a tagarelar e a sorrir umas para as outras, como se fôssemos as donas — não que nos importemos que vão lá brancos; agora, graças a Rosa Parks, sentamo-nos onde quisermos —, só porque transmite uma sensação amistosa.

Vejo a Minny no banco central lá do fundo. A Minny é baixa e gorda e tem caracóis negros e brilhantes. Vai com as pernas afastadas, os braços grossos cruzados. Tem menos dezassete anos que eu. De certeza que a Minny seria capaz de levantar este autocarro por cima da cabeça, se quisesse. As velhotas como eu têm sorte de a ter por amiga.

Sento-me no lugar em frente do dela, viro-me para trás e escuto. Toda a gente gosta de ouvir a Minny.

— ... então eu disse-lhe, senhora Walters, o mundo não está mais interessado em ver o seu rabo branco nu do que em ver o meu rabo preto nu. Meta-se já em casa e vista as cuecas e alguma roupa.

— No alpendre da frente? Nua? — pergunta a Kiki Brown.

— Com o rabo a chegar-lhe aos joelhos.

Todo o autocarro se ri e abana a cabeça.

— Bolas, essa mulher é maluca — diz a Kiki. — Não sei como é que te calham sempre as malucas, Minny.

— Oh, como se a tua senhora Paterson não o fosse — responde-lhe a Minny. — Bolas, essa é a mais maluca de todas.

Todo o autocarro se ri, porque a Minny não gosta que ninguém diga mal da sua senhora branca, exceto ela mesma. Isso é algo que lhe compete unicamente a ela.

O autocarro atravessa a ponte e faz a primeira paragem no bairro negro. Sai uma dúzia de criadas. Vou sentar-me no lugar que ficou livre ao lado da Minny. Ela sorri e cumprimenta-me com uma cotoveladinha. Depois recosta-se no banco porque, para mim, não tem de se armar em algo que não é.

— Como é que vais? Tiveste de engomar pregas hoje de manhã?

Rio-me e faço que sim com a cabeça.

— Levou-me uma hora e meia.

— O que é que deste de comer à senhora Walters hoje no clube de brídege? Passei a manhã toda a fazer aquele bolo de caramelo e ela não comeu uma migalha.

Isso faz-me lembrar a conversa da senhora Hilly à mesa. Se fosse qualquer outra senhora branca, ninguém se importava, mas todas queríamos saber se a senhora Hilly tinha alguma coisa contra nós. Só não sei como hei de começar.

Olho pela janela, vejo passar o hospital negro, a banca de fruta.

— Parece-me que a senhora Hilly disse qualquer coisa acerca dis-

so, de a mãe estar a emagrecer — digo, com o máximo de cuidado que consigo. — Diz que ela deve andar mal alimentada.

A Minny olha para mim.

— Ai disse isso? — O simples nome fê-la semicerrar os olhos. — Que mais disse a senhora Hilly?

Mais vale ir em frente e dizer-lhe.

— Acho que ela está de olho em ti, Minny. Tens de ter muito cuidado quando estiveres perto dela.

— A senhora Hilly que tenha muito cuidado quando estiver perto de *mim*. Que disse ela, que não sei cozinhar? Que aquele velho saco de ossos não come porque não a sei alimentar? — A Minny levanta-se e põe a mala no braço.

— Desculpa, Minny. Só te contei para te pões a...

— Ela que me diga isso alguma vez e verá do que sou capaz. — Desce os degraus a bufar.

Fico a vê-la pela janela, dirigindo-se a casa com grandes passadas. A senhora Hilly não é pessoa para brincadeiras. Valha-me Deus, se calhar não devia ter dito nada.

Duas ou três manhãs depois, apeio-me do autocarro e percorro um quarteirão até à casa da senhora Leefolt. Diante desta, está estacionado um velho camião de madeira. Há dois negros lá dentro, um a beber um café e o outro a dormir sentado, muito direito. Passo por eles e entro na cozinha.

O senhor Raleigh Leefolt ainda está em casa esta manhã, o que é raro. Sempre que está aqui, parece contar os minutos até voltar para o seu emprego de contabilista. Mesmo aos sábados. Hoje, porém, está a discutir por qualquer coisa.

— O raio desta casa é minha e sou eu que pago toda a porcaria que aqui entra! — grita o senhor Leefolt.

A senhora Leefolt está a tentar manter-se atrás dele com aquele sorriso que significa que não está satisfeita. Escondo-me na casa de banho. Há dois dias que surgiu a conversa e tinha esperança que não se falasse mais nisso. O senhor Leefolt abre a porta das traseiras para ver o camião e depois fecha-a com força.

— Aguento as roupas novas, todas as malditas viagens para Nova Orleães com a tua irmandade, mas isto bate tudo!

— Mas vai valorizar a casa. Foi a Hilly que disse.

Ainda estou na casa de banho, mas quase ouço a senhora Leefolt a tentar manter o sorriso no rosto.

— Não temos dinheiro para isto. E não aceitamos ordens dos Holbrook!

Ficou tudo muito silencioso por um minuto. Depois, ouço o *pap-pap* de um pijaminha com pés.

— Papá?

Nessa altura saio da casa de banho e entro na cozinha, porque da Mae Mobley cuido eu.

O senhor Leefolt já está a ajoelhar-se junto dela. Tem um sorriso que parece feito de borracha.

— Queres saber uma coisa, querida?

Ela retribui-lhe o sorriso. Espera uma surpresa boa.

— Não irás para a universidade, para que as amigas da tua mãe não tenham de usar a mesma casa de banho que a criada.

Sai com estrondo e bate a porta com tanta força que a bebé estremece.

A senhora Leefolt baixa o olhar para ela e começa a abanar um dedo.

— Mae Mobley, sabes que não deves sair do berço!

A bebé olha para a porta que o pai bateu, olha para a mãe a fazer-lhe cara feia. A minha menina engole em seco, como se estivesse a fazer um grande esforço para não chorar.

Atravesso-me rapidamente diante da senhora Leefolt, pego na menina ao colo. Sussurro-lhe.

— Vamos para a sala brincar com aquele brinquedo que fala. Que diz aquele burro?

— Ela continua a levantar-se. Esta manhã meti-a no berço três vezes.

— É porque alguém precisa de ser mudado. *Ufa!*

A senhora Leefolt faz um gesto de repugnância, diz:

— Bem, não me tinha apercebido... — Mas já está a olhar através da janela, para o camião de madeira.

Vou para as traseiras com passadas fortes, de furiosa que estou. A menina estava na cama desde as oito horas da noite anterior, claro que precisava de ser mudada! A senhora Leefolt que tente ficar com doze horas de chichi e cocó, sem se levantar!

Deito a bebé na mesa para a mudar e tento guardar a minha fúria

dentro de mim. A menina fixa-me enquanto lhe tiro a fralda. Depois, estende a mãozinha. Toca-me muito devagarinho na boca.

— Mae Mo má — diz.

— Não, bebé, não te portaste mal — respondo, alisando-lhe o cabelo. — Portaste-te bem, muito bem.

Vivo em Gessum Avenue, numa casa alugada, desde 1942. Pode-se dizer que a Gessum tem muita personalidade. Todas as casas são pequenas, mas todos os jardins diante delas são diferentes — alguns são raquíticos e sem relva, como a careca de um velho. Outros têm arbustos de azáleas, roseiras e espessa relva verde. O meu, reconheço-o, fica algures no meio.

Tenho alguns arbustos de camélias vermelhas diante de casa. A minha relva está um tanto irregular e ainda tem uma grande mancha amarela, onde a carrinha do Treelore esteve três meses parada a seguir ao acidente. Não tenho árvores. O pátio das traseiras, porém, parece o jardim do Éden! É onde a minha vizinha do lado, Ida Peek, cultiva a sua horta.

A Ida não tem o que se possa chamar de pátio das traseiras, devido à tralha do marido — motores de carros, frigoríficos e pneus velhos. Coisas que ele diz que há de consertar um dia, mas nunca o faz. Então, convidei a Ida para vir plantar do meu lado. Assim não tenho de me preocupar em cortar a relva e ela deixa-me colher o que me faz falta. Poupo dois ou três dólares por semana. Ela faz conservas daquilo que não comemos e dá-me frascos para o inverno. Bons nabos verdes, beringelas, quiabos, todo o género de abóboras. Não sei como mantém os escaravelhos afastados dos tomates, mas consegue. E são bons.

Nesse final de tarde, chove muito lá fora. Vou buscar um frasco de tomate e couve da Ida, como a última fatia de um pão de milho. Depois sento-me para verificar as minhas finanças, porque aconteceram duas coisas: o bilhete do autocarro aumentou para quinze cêntimos e a minha renda subiu para vinte e nove dólares por mês. Trabalho para a senhora Leefolt das oito às quatro, seis dias por semana, exceto aos sábados. Ela paga-me quarenta e três dólares todas as sextas-feiras, o que dá 172 dólares por mês. Isso significa que, depois de pagar a conta da luz, do gás e do telefone, me sobram treze dólares e cinquenta cêntimos por semana para as mercearias, a roupa, o cabeleireiro e o dízimo da igreja. Já para não falar no custo de pagar as contas pelo correio. Os

meus sapatos de trabalho estão tão gastos que parecem estar a morrer de fome. Mas um par novo custa sete dólares, o que significa que comerei couve e tomate até me transformar no Coelho Brer. Graças a Deus tenho a Ida Peek, ou não comeria nada.

O telefone toca e faz-me dar um salto. Antes de poder dizer olá, ouço a voz da Minny. Hoje ficou a trabalhar até tarde.

— A senhora Hilly vai enviar a mãe para o asilo das velhas. Tenho de arranjar outro emprego. E sabes quando é que ela vai? Na próxima semana.

— Oh, *não*, Minny.

— Tenho andado à procura, telefonei a dez senhoras hoje. Nem uma pontinha de interesse.

Lamento ter de dizer que não me surpreende.

— Amanhã, assim que chegar, pergunto à senhora Leefolt se conhece alguém que precise.

— Espera aí — diz a Minny. Ouço a voz da velha senhora Walters e a Minny a responder-lhe, «Pensa que sou o quê? Um motorista? Não a levo a nenhum clube de campo com esta chuva torrencial».

Tirando roubar, a pior coisa que uma criada pode fazer é ser respondona. Mesmo assim, ela é tão boa cozinheira que, por vezes, compensa.

— Não te preocupes, Minny. Havemos de te encontrar alguém surdo como uma porta, como a senhora Walters.

— A senhora Hilly tem andado a sondar-me para ir trabalhar para ela.

— O quê? — Falo o mais severamente que consigo: — Ouve-me com atenção, Minny. Eu própria te sustentarei antes de te deixar ir trabalhar para essa velhaca.

— Pensas que estás a falar com quem, Aibileen? Com um macaco? Preferia ir trabalhar para o KKK. E sabes perfeitamente que nunca roubaria o emprego à Yule May.

— Desculpa, valha-me Deus. — O que se passa é que fico muito nervosa quando o assunto é a senhora Hilly. — Telefonarei à senhora Caroline, de Honeysuckle, para ver se ela conhece alguém. E ligo à senhora Ruth. Ela é tão simpática que quase nos parte o coração. Costumava limpar a casa todas as manhãs para eu não ter trabalho nenhum e fazer-lhe companhia. O marido dela morreu com escarlatina.

— Obrigada, A. Agora, vá, lá, senhora Walters, faça-me a vontade e coma uma ervilhazinha.

A Minny diz adeus e desliga o telefone.

Na manhã seguinte, está lá outra vez o velho camião verde de madeira. Já começaram o barulho, mas hoje o senhor Leefolt não anda por ali furioso. Acho que sabe que perdeu esta, mesmo antes de ter começado.

A senhora Leefolt está sentada à mesa da cozinha com o roupão de banho azul, a falar ao telefone. A menina, com a cara coberta de uma substância pegajosa vermelha, pendura-se dos joelhos da mãe, tentando que esta olhe para ela.

— Bom dia, bebé — digo.

— Mamã! Mamã! — diz ela, tentando trepar para o colo da senhora Leefolt.

— Não, Mae Mobley. — A senhora Leefolt afasta-a com a mão. — A mamã está ao telefone. Deixa a mamã falar.

— Mamã, pega. — A Mae Mobley geme e ergue os braços para a mãe. — Pega a Mae Mo.

— Caluda — murmura a senhora Leefolt.

Pego muito depressa na menina e levo-a para junto do lava-loiça, mas ela continua a virar o pescoço, gemendo, «Mamã, *mamã*», tentando chamar a sua atenção.

— Exatamente como me mandaste dizer-lhe. — A senhora Leefolt abana a cabeça para o telefone. — Um dia, quando nos mudarmos, a casa estará valorizada.

— Vamos bebé, põe as mãos aqui, por baixo da água.

A bebé contorce-se vigorosamente. Tento ensaboar-lhe as mãos, mas ela vira-se e escapa-se-me dos braços. Corre para a mãe, empina o queixo e puxa o telefone com toda a força que consegue. O auscultador salta com estrépito da mão da senhora Leefolt e cai no chão.

— Mae Mobley! — digo.

Corro para a agarrar, mas a senhora Leefolt chega primeiro. Tem os lábios enrolados em torno dos dentes, num sorriso assustador. A senhora Leefolt dá uma palmada na parte de trás das pernas nuas da bebé, com tanta força que dou um salto.

Depois agarra a Mae Mobley por um braço e sacode-o com força a cada palavra.

— Não voltes a tocar neste telefone, Mae Mobley! — diz-lhe. — Aibileen, quantas vezes tenho de te dizer para a manteres afastada de mim quando estou ao telefone?

— Desculpe — digo, pegando na Mae Mobley e tentando encostá-la a mim. Ela grita, tem a cara vermelha e debate-se.

— Vá lá, bebé, está tudo bem...

A Mae Mobley faz-me uma careta, depois recua e *zás!* Bate-me mesmo na orelha.

A senhora Leefolt aponta a porta e grita:

— Aibileen, *saíam* daqui as duas.

Levo-a para fora da cozinha. Estou tão furiosa com a senhora Leefolt que quase mordo a língua. Se a idiota ao menos prestasse alguma atenção à filha, isto não aconteceria! No quarto da Mae Mobley, sento-me na cadeira de baloiço. Ela chora no meu ombro e eu coço-lhe as costas, contente por ela não ver a fúria no meu rosto. Não quero que pense que é por causa dela.

— Estás bem, bebé? — sussurro.

Arde-me a orelha da pancada que me deu. Estou tão contente por me ter batido a mim e não à mãe, porque não sei o que aquela mulher lhe teria feito. Olho para baixo e vejo as marcas vermelhas dos dedos nas pernas dela.

— Estou aqui, bebé, a Aibee está aqui.

Embaló-a a acalmo-a, embaló-a e acalmo-a.

Mas a bebé não para de chorar.

Por volta da hora do almoço, quando dá a minha novela na televisão, está tudo tranquilo na garagem. A Mae Mobley está ao meu colo, ajuda-me a tirar o fio ao feijão-verde. Ainda está um bocadinho rabugenta por causa desta manhã. Parece-me que também estou, mas consegui empurrar tudo para um lugar onde não tenho de me preocupar com isso.

Vamos para a cozinha e arranjo-lhe a sanduíche de mortadela. Na rampa, os trabalhadores estão sentados dentro do camião, a almoçar. Estou contente por estar tudo calmo. Sorrio para a menina e dou-lhe um morango, grata por ter estado ali durante o conflito com a mãe dela. Nem quero pensar no que podia ter acontecido se eu não estivesse lá. Ela enfia o morango na boca e sorri-me também. Acho que sente o mesmo que eu.



Como a senhora Leefolt não está, penso em telefonar à Minny para casa da senhora Walter, para saber se já arranjou trabalho. Mas, antes que o possa fazer, batem à porta das traseiras. Abro e vejo um dos trabalhadores. É velho que se farta. Veste um fato-macaco por cima de uma camisa de colarinho branco.

— Bom dia, minha senhora. Posso pedir-lhe um pouco de água?  
— diz ele. Não o conheço. Deve morar algures a sul da cidade.

— Claro — respondo.

Vou ao armário buscar um copo de papel. Tem lá dentro os balões a dizer Feliz Aniversário, de quando a Mae Mobley fez dois anos. Sei que a senhora Leefolt não gostaria que lhe desse um dos copos de vidro.

Bebe num longo gole e devolve-me o copo. Tem o rosto muito cansado. Uma espécie de solidão nos olhos.

— Como vão as coisas? — pergunto.

— Andando — responde. — Ainda não há lá água. Acho que vamos puxar um cano da estrada.

— O outro rapaz também precisa de beber? — pergunto.

— Ficava-lhe muito agradecido — assente. Vou-lhe buscar também um copinho engraçado e encho-o no lava-loiça.

Ele não o leva logo ao colega.

— Desculpe. Onde... — Fica ali um minuto, a olhar para os pés.  
— Onde é que posso urinar?

Ergue o olhar e durante um minuto fitamo-nos. Quero dizer, é uma daquelas coisas engraçadas. Não engraçadas de rir, mas daquela graça que ficamos a pensar, aqui estamos nós, com duas casas de banho em casa e uma em construção, e mesmo assim não há sítio para este homem se aliviar.

— Bem... — Nunca estivera em tal posição. O Robert, o rapaz que trata do jardim de duas em duas semanas, acho que vai à casa de banho antes de vir para cá. Mas este tipo é velho. Tem mãos muito enrugadas. Setenta anos de preocupações puseram-lhe todas estas linhas no rosto, como um mapa das estradas. — Parece-me que terá de ir aos arbustos, atrás da casa. — Ouço-me dizer isto, mas queria não ser eu.  
— Estão lá os cães, mas não lhe fazem mal.

— Está bem — responde. — Obrigado.

Vejo-o caminhar muito devagar, com o copo de água para o colega.

As marteladas e cavadelas continuam durante toda a tarde.

...

Ao longo de todo o dia seguinte, há marteladas e escavações no pátio. Não faço perguntas à senhora Leefolt acerca disto e ela também não me dá nenhuma explicação. Limita-se a ir espreitando pela porta das traseiras, para ver o que está a acontecer.

Às três da tarde o rebuliço acaba e os homens metem-se no camião e partem. A senhora Leefolt vê-os partir e solta um suspiro. Depois mete-se no carro e vai fazer lá o que ela faz quando não está nervosa por ter dois negros de volta da casa.

Pouco depois, o telefone toca.

— Residência de...

— Ela anda a dizer a toda a cidade que eu roubo! É por isso que não consigo arranjar trabalho! Essa bruxa transformou-me na Criada Respondona e Criminosa de Hinds County!

— Calma, Minny, recupera o fôlego...

— Antes de vir trabalhar, hoje de manhã, fui a casa dos Renfroe, em Sycamore, e a senhora Renfroe quase me expulsou da propriedade. Disse que a senhora Hilly lhe contara de mim, que toda a gente sabe que roubei um candelabro à senhora Walters!

Consigno ouvir a força com que ela segura no telefone, parece querer esmagá-lo na mão. Ouço os berros da Kindra e parece-me estranho a Minny já estar em casa. Normalmente, só sai do trabalho às quatro.

— Não fiz nada senão dar boa comida àquela velha e tomar conta dela!

— Minny, eu sei que és honesta. Deus sabe que és honesta.

O tom da voz dela baixa, como abelhas numa colmeia.

— Quando fui a casa da senhora Walters, estava lá a senhora Hilly, que tentou dar-me vinte dólares. Disse-me: «Toma, eu sei que precisas», e eu quase lhe cuspi na cara. Mas não cuspi. Não, senhor. — Começou a emitir aquele som ofegante. — Fiz *pior*.

— Que fizeste?

— Não conto. Não conto a ninguém acerca daquela tarte. Mas ela merecia! — Estava a gritar e senti um medo gelado. Não era brincadeira, meter-se com a senhora Hilly. — Agora, nunca mais arranjo outro emprego, o Leroy vai matar-me...

A Kindra começa a chorar lá atrás. A Minny desliga sem sequer dizer adeus. Não percebi nada da conversa da tarte. Mas, valha-me Deus, conhecendo a Minny, não pode ser coisa boa!

...

Nessa noite, colho uma alface e um tomate da horta da Ida. Frito um pouco de fiambre e faço um pouco de molho para os meus biscoitos. Escovo a cabeleira, ponho os rolos cor-de-rosa, já borrifei o cabelo com *Good Nuff*. Passei toda a tarde preocupada, a pensar na Minny. Tenho de tirar isto da cabeça se quero dormir alguma coisa esta noite.

Sento-me à mesa para comer, ligo o rádio da cozinha. O pequeno Stevie Wonder canta *Fingertips*. Ser negro não tem importância nenhuma para este rapaz. Tem doze anos, é cego e tem um êxito na rádio. Quando ele acaba, passo pelo pastor Green a recitar o seu sermão e paro na WBLA. Tocam blues dos bares.

Gosto de sons de fumo e bebida quando escurece. Faz-me sentir que tenho a casa cheia de gente. Quase os consigo ver, a menear-se na minha cozinha, dançando ao som dos blues. Quando apago a luz do teto, faço de conta que estamos no The Raven. Há mesinhas com luzes cobertas de vermelho. É maio ou junho e está calor. O meu homem, Clyde, atira-me o seu sorriso de dentes brancos e pergunta-me, *Querida, queres uma bebida?* E eu respondo, *Black Mary puro* e desato a rir-me sozinha, sentada na cozinha, sonhando acordada, porque a coisa mais forte que já bebi foi o *Nehi* púrpura.

Memphis Minny começa a cantar na rádio, uma canção que diz que a carne magra não frita, que é sobre o amor não durar. De vez em quando, acho que devo arranjar outro homem, um da minha igreja. O problema é que, por mais que ame o Senhor, os homens que vão à igreja não me atraem muito. O tipo de homem que me agrada não é aquele que fica connosco quando já nos gastou o dinheiro todo. Cometi esse erro há vinte anos. Quando o meu marido, Clyde, me trocou por aquela rameira inútil da Farish Street, uma a quem chamam Cocoa, achei que era melhor fechar para sempre a porta a esse género de coisas.

Um gato guincha lá fora e traz-me de volta à minha cozinha fria. Desligo o rádio e volto a acender a luz, tiro o livro de orações da mala. O meu livro de orações é só um bloco de notas azul que trouxe da loja Franklin House. Uso lápis para poder apagar até ficar bem. Escrevo as minhas orações desde que andava no ciclo. Quando informei a minha professora do sétimo ano que não voltaria à escola porque tinha de ajudar a minha mãe, a senhora Ross quase chorou.

— És a mais inteligente da turma, Aibileen — disse ela. — E a única maneira de te manteres assim é leres e *escreveres* todos os dias.

Foi por isso que comecei a escrever as minhas orações em vez de as dizer. No entanto, desde então, mais ninguém disse que eu era inteligente.

Viro as páginas do meu livro de orações para ver quem tenho para esta noite. Algumas vezes, durante a semana, pensei em incluir a menina Skeeter na minha lista. Na verdade, não sei bem porquê. Ela é sempre simpática quando aparece. Isso deixa-me nervosa, mas não posso deixar de pensar no que me ia perguntar na cozinha da senhora Leefolt, acerca de eu querer mudar as coisas. Já para não falar da pergunta sobre o paradeiro da Constantine, a ama que a criou. Sei o que aconteceu entre a Constantine e a mãe da menina Skeeter e nada me convencerá a contar-lhe essa história.

A questão é que, se começar a rezar pela menina Skeeter, sei que aquela conversa continuará da próxima vez que a vir. E na seguinte, e na seguinte. Porque é assim que as orações funcionam. Como a eletricidade, mantêm as coisas em funcionamento. E essa situação da casa de banho é uma coisa que não tenho vontade nenhuma de discutir.

Verifico a minha lista de orações. A minha Mae Mobley está em primeiro lugar, depois vem a Fanny Lou, da igreja, que sofre de reumatismo. As minhas irmãs Inez e Mable, em Port Gibson, que têm dezoito filhos ao todo e seis com a gripe. Quando a lista está mais reduzida, introduzo aquele velho branco malcheiroso que mora atrás do armazém de comida, o que perdeu o juízo por beber a graxa dos sapatos. Todavia, esta noite, a lista está bem recheada.

E vejam só quem acrescentei à lista! Bertrina Bessemer, como é possível! Toda a gente sabe que eu e a Bertrina não nos damos desde que ela me chamou negra maluca por me casar com o Clyde, há um quinquilhão de anos.

— Minny — perguntei no domingo passado. — Porque é que a Bertrina me pediu que rezasse por ela, logo a *mim*?

Íamos para casa depois do serviço religioso da uma da tarde.

— Há rumores de que tu tens uma espécie de poder de oração, que dá mais resultado do que a variedade normal.

— O quê?

— A Eudora Green, quando partiu a anca, ficou na tua lista e começou a andar numa semana. O Isaiah, quando caiu do camião de

algodão, entrou na tua lista essa noite, voltou ao trabalho no dia seguinte.

Ouvir isto fez-me pensar que nem sequer tivera possibilidade de rezar pelo Treelore. Se calhar, foi por isso que Deus o levou tão depressa. Não queria ter de discutir comigo.

— O Snuff Washington — continuou Minny. — A Lolly Jackson. A Lolly entrou na tua lista e dois dias depois saltou da cadeira de rodas como se tivesse tocado Jesus. Toda a gente de Hinds County conhece esse caso.

— Mas isso não sou eu — respondi. — São só orações.

— Mas a Bertrina... — A Minny desatou a rir, antes de continuar.

— Lembras-te da Cocoa, aquela com quem o Clyde fugiu?

— *Pfff*. Sabes que nunca me esqueço dela.

— Uma semana depois de o Clyde te deixar, ouvi dizer que a Cocoa acordou com a passarinha doente como uma ostra podre. Levou três meses a melhorar. A Bertrina é amiga da Cocoa, ela *sabe* que as tuas orações resultam.

Fiquei de boca aberta. Porque nunca me contara aquilo?

— Queres dizer que as pessoas acham que faço magia negra?

— Sabia que ficarias preocupada se te contasse. As pessoas acham que tens uma ligação melhor do que os outros. Todos temos uma linha direta com Deus, mas tu falas-Lhe mesmo ao ouvido.

A minha chaleira começa a ferver no fogão e traz-me de volta à vida real. Valha-me Deus, acho que vou mesmo pôr a menina Skeeter na lista, mas não sei qual será o resultado. O que me lembra daquilo em que não quero pensar, que a senhora Leefolt está a construir-me uma casa de banho porque acha que tenho doenças. E a menina Skeeter a perguntar-me se eu não queria mudar as coisas, como se mudar Jackson, no Mississípi, fosse o mesmo que mudar uma lâmpada.

Estou a arranjar feijão-verde na cozinha da senhora Leefolt quando o telefone toca. Espero que seja a Minny para dizer que encontrou trabalho. Telefonei a toda a gente onde já servi e todos me disseram a mesma coisa: «Não precisamos de contratar ninguém.» Mas o que querem realmente dizer é «Não queremos contratar a *Minny*.»

Apesar de o último dia de trabalho da Minny ter sido há três dias, a senhora Walters telefonou-lhe na noite passada às escondidas e pediu-lhe para voltar hoje, porque a casa parece vazia, principalmente

tendo a senhora Hilly levado já a maior parte da mobília. Ainda não sei o que aconteceu entre a Minny e a senhora Hilly. A verdade é que acho que não quero saber.

— Residência Leefolt.

— Ah, olá. Aqui é... — A senhora interrompe-se, pigarreia. — Olá. Posso... posso falar com Elizabeth Leer-folt, por favor?

— A senhora Leefolt não está. Quer deixar recado?

— Oh — respondeu ela, como se tivesse ficado muito excitada por nada.

— Posso saber quem deseja falar com ela?

— Aqui é... Celia Foote. O meu marido deu-me este número. Não conheço a Elizabeth mas... bem, ele disse-me que ela sabe tudo acerca da Beneficência das Crianças e da Liga das Senhoras.

Conheço este nome, mas não consigo situá-lo. A mulher fala como se fosse tão profundamente rural que lhe estivesse a nascer milho nos sapatos. Contudo, tem uma voz doce, com um tom alto. Mesmo assim, não parece uma das senhoras daqui.

— Eu dou-lhe o seu recado — respondo. — Qual é o seu número?

— Sou nova aqui... bem, não é verdade. Já estou cá há algum tempo. Santo Deus, já há mais de um ano mas, na verdade, não conheço ninguém. Eu não... não saio muito.

Volta a pigarrear e pergunto-me por que razão me conta tudo isto. Sou a criada, não é a falar comigo que ela vai arranjar amigas.

— Pensei que talvez pudesse ajudar com a Beneficência das Crianças a partir de casa — diz ela.

Lembro-me então de quem ela é. É aquela de quem a senhora Hilly e a senhora Leefolt estão sempre a dizer mal porque se casou com o antigo namorado da senhora Hilly.

— Eu dou-lhe o recado. Qual é o seu número, afinal?

— Ah, preparava-me para ir à mercearia. Talvez seja melhor ficar aqui à espera.

— Se ela não a encontrar em casa, deixa uma mensagem à sua criada.

— Não tenho criada. Na verdade, pensava perguntar-lhe também se me podia dar o nome de alguém bom.

— Está à procura de criada?

— Estou com dificuldades em encontrar alguém que queira deslocar-se até Madison County.

Bem, quem sabe?

— Conheço uma pessoa ótima. É conhecida por cozinhar bem e também toma conta de crianças. Até tem carro para ir para sua casa.

— Ah, está bem... mesmo assim, gostava de falar com a Elizabeth acerca disso. Já lhe dei o meu número?

— Não, minha senhora — suspiro. — Diga lá.

A senhora Leefolt nunca recomendaria a Minny, depois de todas as mentiras da senhora Hilly.

— É senhora Johnny Foote, e é Emerson dois-sessenta-seis-zero-nove.

Pelo sim, pelo não, acrescento:

— O nome dela é Minny, vive em Lakewood oito-quatro-quatro-três-dois. Apontou?

A menina bate-me no vestido, diz, «*Baíga dói*» e esfrega a barriga. Tenho uma ideia.

— Espere. Que se passa, senhora Leefolt? Ah, está bem, eu digo-lhe. — Volto a aproximar o telefone da boca e digo, — Senhora Celia, a senhora Leefolt acaba de entrar e diz que não se sente bem, mas para a senhora telefonar à Minny. Diz que lhe liga se precisar de ajuda com a Beneficência.

— Oh, diga-lhe que agradeço. E, claro, que lhe desejo as melhoras. E para me telefonar em qualquer altura.

— É Minny Jackson, em Lakewood oito-quatro-quatro-três-dois. Só um momento, como disse? — Pego numa bolacha e dou-a à Mae Mobley, toda eu contente com a minha malandrice. Estou a mentir e não me ralo nada.

Digo à senhora Celia Foote:

— Ela pede que não diga a ninguém da Minny. Todas as amigas a querem contratar e ficariam muito zangadas por saber que a entregara a outra pessoa.

— Não contarei o segredo dela se ela não contar o meu. Não quero que o meu marido saiba que estou a contratar uma criada.

Bem, se isto não é perfeito, não sei o que é a perfeição.

Assim que desligo, marco o número da Minny o mais depressa que posso. Exatamente nesse momento, a senhora Leefolt entra.

A situação é complicada. Dei àquela senhora Celia o número de casa da Minny, mas hoje a Minny está a trabalhar porque a senhora Walters estava sozinha. Então, quando ela telefonar, o Leroy dar-lhe-á

o número da senhora Walters, porque é um idiota. Se a senhora Walters atender a chamada, descobre-se tudo. A senhora Walters contará àquela mulher tudo o que a filha anda a espalhar. Tenho de falar com a Minny ou com o Leroy antes de isto acontecer.

A senhora Leefolt vai para o quarto e, tal como eu previa, a primeira coisa que faz é pegar no telefone. Primeiro liga à senhora Hilly. Depois à cabeleireira. Depois liga para a loja por causa de um presente de casamento e fala, fala, fala. Assim que desliga, sai do quarto e vem saber quais são os jantares para esta semana. Pego no bloco de apontamentos e percorro toda a lista. Não, ela não quer costeletas de porco. Está a tentar que o marido coma menos. Quer bife grelhado e uma salada verde. E quantas calorias terão os tais merengues? E não dê mais bolachas à Mae Mobley, que está muito gorda *e-e-e*.

Valha-me Deus, para uma mulher que não me diz nada a não ser faz isto e usa aquela casa de banho, pôr-se de repente a falar comigo como se eu fosse a sua melhor amiga! A Mae Mobley está a dançar uma giga rápida, para ver se a mãe repara nela. E exatamente quando a senhora Leefolt se está a baixar para lhe prestar alguma atenção, *ups!* Sai porta fora porque se esqueceu de uma coisa que tinha de fazer e já passou uma hora.

Não consigo marcar os números suficientemente depressa.

— Minny! Tenho um emprego em vistas. Mas tens de telefonar...

— Ela já ligou. — A voz da Minny não tem emoção. — O Leroy deu-lhe o número.

— E a senhora Walters atendeu.

— Surda como uma porta e, de repente, parece um milagre de Deus, ouve o telefone a tocar. Eu estava a sair e a entrar da cozinha, sem prestar atenção, mas no fim ouvi o meu nome. Então, ligou o Leroy e fiquei a saber o que se passara. — A Minny parece cansada e ela é do tipo que nunca se cansa.

— Bem, talvez a senhora Walters não lhe tenha repetido aquelas mentiras inventadas pela filha. Nunca se sabe. — Porém, nem eu sou tão parva que acredite nisto.

— Mesmo que não lhe tenha contado, a senhora Walters sabe o que fiz à filha. Tu não sabes a Coisa Terrivelmente Feia que fiz. Nem quero que saibas. Tenho a certeza de que a senhora Walters disse àquela mulher que eu ficava a dever pouco ao próprio diabo. — A voz dela soa estranha, como um disco a tocar demasiado lentamente.



— Lamento muito. Queria telefonar-te antes, para tu poderes atender.

— Fizeste o que podias. Agora, ninguém pode fazer nada por mim.

— Vou rezar por ti.

— Obrigada — disse. Depois, a voz dela esmoreceu. — E obrigada por tentares ajudar-me.

Desligamos e vou lavar o chão. O tom de voz da Minny assustou-me.

Ela foi sempre uma mulher forte. Sempre a lutar. Depois de o Treelore morrer, levou-me o jantar todas as noites durante três meses. E todos os dias me dizia, «Não, não, não me vais deixar sem ti nesta terra miserável», mas a verdade é que eu estava mesmo a pensar nisso.

Já atara a corda quando a Minny a encontrou. O rolo era do Treelore, de quando andara a fazer um projeto científico com polias e anéis. Não sei se ia utilizá-la, sabendo que é um pecado contra Deus, mas eu não estava em mim. A Minny, porém, não fez qualquer pergunta, limitou-se a tirar a corda de debaixo da cama, meteu-a na lata do lixo e levou-a para a rua. Quando voltou, esfregou as mãos, como se estivesse a arrumar as coisas normalmente. É muito prática, a Minny. Agora, porém, parece estar mal. Tenho de me lembrar de procurar debaixo da cama dela esta noite.

Ponho no balde o detergente *Sunshine*, por causa do qual as senhoras estão sempre a sorrir na televisão. Tenho de começar. A Mae Mobley vem ter comigo, agarrada à barriga.

— Tira o dói.

Encosta a cara à minha perna. Acaricio-lhe o cabelo até ela quase ronronar, sentindo o amor na minha mão. E penso em todas as minhas amigas, no que elas fizeram por mim. No que fazem todos os dias pelas mulheres brancas que servem. Naquela dor na voz da Minny. No Treelore morto, no chão. Olho para a menina, que eu sei, bem no fundo de mim, não poder evitar que se torne igual à mãe. E tudo isto me abala. Fecho os olhos, digo em silêncio a minha oração ao Senhor. No entanto, isso não me faz sentir melhor.

Deus me ajude, mas é preciso fazer alguma coisa.

A menina abraça-se às minhas pernas toda a tarde e quase me faz cair várias vezes. Não me importo. Desde manhã que a senhora Leefolt

não fala comigo nem com a Mae Mobley. Está muito ocupada na máquina de costura do quarto. Tentando cobrir mais qualquer coisa da casa cujo aspeto não lhe agrada.

Depois de algum tempo, eu e a Mae Mobley vamos para a sala de estar. Tenho uma data de camisas do senhor Leefolt para engomar e depois disso tenho de assar carne. Já limpei as casas de banho, mudei os lençóis, aspirei os tapetes. Tento sempre acabar mais cedo para poder brincar com a Mae Mobley.

A senhora Leefolt chega e queda-se a ver-me engomar. Às vezes faz isto. Franze a testa e observa. Depois, quando olho para cima, esboça um sorriso muito rápido. Dá pancadinhas no cabelo, tentando que fique fofo.

— Aibileen, tenho uma surpresa para ti.

Agora exhibe um grande sorriso. Não mostra nenhum dente, é só um sorriso dos lábios, daqueles que o melhor é ter cuidado.

— Eu e o senhor Leefolt decidimos construir uma casa de banho só para ti. — Junta as mãos, descai o queixo na minha direção. — Fica mesmo ali, na garagem.

— Sim, minha senhora. — Onde é que ela pensa que estive este tempo todo?

— Então, a partir de agora, em vez de usares a casa de banho das visitas, poderás usar a tua. Não é bom?

— Sim, minha senhora. — Continuo a engomar. A televisão está ligada e o meu programa está mesmo a começar, mas ela continua ali, a olhar para mim.

— Passarás a usar a da garagem, percebes?

Não olho para ela. Não estou a tentar arranjar problemas, mas ela parece determinada a isso.

— Não queres levar algum papel e ir lá usá-la?

— Senhora Leefolt, neste momento não preciso de ir.

A Mae Mobley aponta para mim de dentro do parque.

— O sumo da Mae Mo?

— Eu dou-te um bocadinho de sumo, querida.

— Oh! — A senhora Leefolt lambe os lábios algumas vezes. — Mas quando fores, vais lá atrás e usas aquela, agora... quero dizer... só aquela, está bem?

A senhora Leefolt usa muita maquilhagem, uma porcaria muito cremosa e espessa. Aquela maquilhagem amarelada espalha-se-lhe

também pelos lábios, quase nem se pode dizer que tem boca. Digo o que sei que ela quer ouvir.

— A partir de agora usarei a minha casa de banho para negros. E depois limparei muito bem a casa de banho para brancos com *Clorox*.

— Bem, não há pressa. Pode ser hoje, em qualquer altura.

Pela maneira como ela fica ali a mexer na aliança, percebo que quer que o vá fazer imediatamente.

Pouso o ferro muito devagarinho, sinto aquela semente de amargura a crescer-me no peito, a semente que foi plantada depois da morte do Treelore. Sinto a cara a ferver, comichão na língua. Não sei o que dizer-lhe. Só sei que não o direi. E sei que ela também não dirá o que quer dizer e está aqui a acontecer uma coisa estranha, porque ninguém diz nada e, ainda assim, continuamos a manter uma conversa.

MINNY

CAPÍTULO 3

**D**e pé, naquele alpendre das traseiras da casa da senhora branca, digo a mim própria, *Engole, Minny*. Tenho de engolir o que me queira sair da boca para fora e baixar a crista. Tenho de mostrar-me uma criada que faz aquilo que lhe mandam. Na verdade, estou tão nervosa que, se conseguir este emprego, jamais voltarei a responder insolentemente.

Puxo as meias que estão frouxas em volta dos pés, o problema de todas as mulheres gordas e baixas do mundo. Depois, ensaio o que dizer e o que guardar para mim. Vou em frente e toco à campainha.

Esta toca com um longo *bing-bong*, agradável para uma grande mansão no campo, como esta. Parece um castelo, tijolos castanhos erguendo-se para o céu e para os lados. Há bosques em volta de todos os lados do relvado. Se este lugar estivesse num livro de histórias, haveria bruxas nestes bosques. Daquelas que comem crianças.

A porta de trás abre-se e eis Miss Marilyn Monroe. Ou uma parente dela.

— Olá, chegaste mesmo a horas. Sou Celia. Celia Rae Foote.

A senhora branca estende-me a mão e eu examino-a. A constituição dela é como a da Marilyn, mas não está preparada para nenhum teste de ecrã. Tem farinha no penteado amarelo. Farinha nas pestanas coladas. E farinha a cobrir o fato piroso de calças cor-de-rosa, tão apertado que me pergunto como é capaz de respirar.

— Sim, minha senhora. Sou Minny Jackson. — Aliso a minha farda branca em vez de lhe estender a mão. Não quero aquela porcaria toda em cima de mim. — Está a cozinhar alguma coisa?

— Um daqueles bolos de cabeça para baixo, da revista. — Suspira. — Não me está a sair muito bem.

Sigo-a lá para dentro e percebo que a senhora Celia Foote sofreu apenas danos ligeiros no incidente da farinha. Foi o resto da cozinha que sofreu a carga maior. O tampo das bancadas, o frigorífico de duas portas, a batedeira *Kitchen-Aid*, tudo repousa sobre um nevão de cer-

ca de um centímetro de farinha. É confusão suficiente para me enlouquecer. Ainda nem obtive o emprego e já estou à procura de uma esponja no lava-loiça.

— Acho que preciso de aprender umas coisas — diz a senhora Celia.

— Sem dúvida — respondo. Mas mordo a língua com força. *Não comeces a ser impertinente com esta senhora como fizeste com a outra. Foste tão impertinente que a puseram num lar de idosos.*

A senhora Celia limita-se a sorrir, lava a porcaria das mãos num lava-loiça cheio de pratos. Pergunto-me se terei dado com mais uma surda, como a senhora Walters. Deus queira que sim.

— Acho que não consigo apanhar o jeito ao trabalho da cozinha — diz ela e, apesar da voz sussurrada e hollywoodesca de Marilyn, posso dizer imediatamente que ela é do campo mais profundo. Olho para baixo e vejo que a tola está descalça, como alguns brancos reles. As senhoras brancas educadas não andam por aí descalças.

Deve ter menos uns dez ou quinze anos que eu, vinte e dois ou vinte e três, e é realmente bonita, mas para que usa todo aquele visco na cara? Aposto que usa o dobro da maquilhagem das outras senhoras brancas. Também tem muito mais peito. De facto, é quase tão grande como o meu, mas é magra em todos aqueles sítios que eu não sou. Espero que seja bom garfo. Sou cozinheira e é por isso que as pessoas me contratam.

— Posso arranjar-te uma bebida fresca? — pergunta-me. — Senta-te, eu trago-te qualquer coisa.

Esse foi o meu indício. Passa-se aqui qualquer coisa estranha.

— Leroy, ela deve ser maluca — disse, quando ela me telefonou há três dias a marcar a entrevista —, porque toda a gente da cidade pensa que roubei as pratas da senhora Walters. E ela também sabe, porque ligou à senhora Walters quando eu estava lá.

— Os brancos são estranhos — disse o Leroy. — Sabe-se lá, se calhar a velhota falou bem de ti.

Olho atentamente para a senhora Celia Rae Foote. Nunca na minha vida uma mulher branca me convidou a sentar para me servir uma bebida fresca. Começo a perguntar-me se esta louca pensa mesmo contratar uma criada ou se me fez vir até aqui para se divertir.

— Talvez seja melhor irmos ver a casa primeiro, minha senhora.

Ela sorri, como se tal pensamento nunca tivesse penetrado naque-

la cabeça de cabelos cheios de laca, deixar-me ver a casa que eu teria de limpar.

— Oh, claro. Vem daí, Maxie, mostrar-te-ei primeiro a linda sala de estar.

— O meu nome — digo eu — é Minny.

Talvez ela não seja surda nem louca. Talvez seja só estúpida. Uma esperança feliz volta a invadir-me.

Ela fala e eu sigo-a ao longo de toda aquela grande casa velha e suja. Há dez divisões em baixo e, numa delas, encontro um urso pardo embalsamado, com ar de ter comido a última criada e de estar ansioso pela próxima. Há uma bandeira queimada da Confederação, emoldurada numa parede e, em cima da mesa, uma velha pistola de prata com o nome «General Confederado John Foote» gravado. Aposto que o trisavô Foote assustou alguns escravos com aquilo.

Prossequimos e a casa começa a parecer-se com qualquer casa bonita de brancos. Exceto que esta é a maior onde já estive, cheia de soalhos sujos e tapetes empoeirados. As pessoas ignorantes diriam que estavam gastos, mas eu sei reconhecer uma antiguidade. Já trabalhei em algumas boas casas. Só espero que ela não seja tão campónia que não tenha um aspirador.

— A mãe do Johnny não me deixa decorar nada. Se pudesse arranjar as coisas à minha maneira, punha alcatifas brancas de parede a parede e debruns dourados, e não guardava nenhuma destas velharias.

— De onde é a sua família? — pergunto.

— Sou de... Sugar Ditch. — A voz dela desfalece um pouco. Sugar Ditch é o mais baixo que se pode ir no Mississípi, talvez mesmo em todo o território dos Estados Unidos. Fica em Tunica County, quase em Memphis. Uma vez vi fotografias num jornal, mostrando aquelas barracas dos arrendatários. Até as crianças brancas pareciam não comer uma refeição há uma semana.

A senhora Celia tenta sorrir. — É a primeira vez que contrato uma criada.

— Não há dúvida de que precisa de uma. — *Cala-te, Minny.*

— Fiquei tão contente com a recomendação da senhora Walters. Contou-me tudo de ti. Disse que a tua comida é a melhor da cidade.

Isto não faz qualquer sentido para mim. Depois do que fiz à senhora Hilly, mesmo em frente da senhora Walters?

— Ela disse... mais alguma coisa acerca de mim?

Mas a senhora Foote já está a subir uma grande escadaria curva. Sigo-a até um longo corredor com sol a entrar pelas janelas. Mesmo havendo dois quartos amarelos para meninas e um quarto azul e outro verde para meninos, é claro que não vivem aqui crianças. Só poeira.

— Temos cinco quartos e cinco casas de banho aqui, na casa principal. — Aponta pela janela e vejo uma grande piscina azul e, por trás dela, *outra* casa. O meu coração palpita.

— E ali fica a casa da piscina — suspira.

Nesta altura, aceito qualquer emprego, mas uma casa tão grande como esta deve pagar bem. E não me importo de ter muito que fazer, não tenho medo de trabalhar.

— Quando é que vai começar a ter meninos, para encher estas camas todas? — Tento sorrir, parecer amigável.

— Oh, havemos de ter alguns meninos. — Pigarreia, remexe-se nervosamente. — Quero dizer, os filhos são a única coisa por que vale a pena viver. — Olha para os pés. Passa um segundo antes de voltar a dirigir-se para as escadas. Sigo atrás dela e reparo que, ao descer, se agarra com força ao corrimão, como se tivesse medo de cair.

De volta à sala de jantar, a senhora Celia começa a abanar a cabeça.

— É muito trabalho — diz ela —, todos estes quartos e os soa-lhos...

— Sim, minha senhora, é grande — concordo, pensando que se ela visse a minha casa, com um divã no corredor e uma casa de banho para seis rabos, fugiria. — Mas tenho muita energia.

— ... e depois, há todas estas pratas para limpar.

Abre um armário de pratas do tamanho da minha sala de estar. Endireita uma vela que se entortou no candelabro e percebo porque tem tantas dúvidas.

Depois de toda a cidade se inteirar das mentiras da senhora Hilly, três senhoras seguidas desligaram-me o telefone quando disse o meu nome. Preparo-me para o golpe. *Vá lá, senhora. Diga o que está a pensar de mim e das suas pratas.* Apetece-me chorar ao pensar como este trabalho me convém e no que a senhora Hilly fez para me impedir de o obter. Fixo os olhos na janela, rezando para que a entrevista não acabe aqui

— Eu sei que as janelas são terrivelmente altas. Nunca tentei limpá-las.

Respiro aliviada. As janelas são um tema muitíssimo melhor para mim do que as pratas.

— Não tenho medo de janelas. Limpo as da senhora Walters de cima a baixo, de quatro em quatro semanas.

— Ela tem só um andar ou dois?

— Bem... um, mas com muita coisa. As casas antigas têm cantos e recantos, sabe.

Finalmente, voltamos para a cozinha. Olhamos ambas para a mesa do pequeno-almoço, mas nenhuma se senta. Começo a ficar tão nervosa, a perguntar-me o que é que ela estará a pensar, que a minha testa sua.

— Tem uma casa grande e bonita — digo. — Tão longe, aqui no campo. Há muito trabalho a fazer.

Ela começa a mexericar na aliança de casamento.

— Calculo que em casa da senhora Walters fosse muito mais fácil do que seria aqui. Quer dizer, somos só nós, mas quando tivermos filhos...

— Tem outras criadas para escolher?

— Já vieram aqui muitas. Só que ainda não encontrei... a certa. — Rói as unhas e desvia o olhar.

Aguardo que me diga que eu também não sou a certa, mas ficamos ali caladas, no meio da farinha. Finalmente, jogo a minha última cartada. Sussurro-a, porque não me resta mais nenhuma.

— Sabe, só deixei a senhora Walters porque ela vai para a casa de repouso. Não fui despedida.

Ela limita-se a olhar para os pés descalços, com as plantas pretas porque o chão não foi limpo desde que se mudou para esta casa grande, velha e suja. E é evidente que esta senhora não me quer.

— Bem — diz ela. — Agradeço teres vindo de tão longe. Posso ao menos dar-te algum dinheiro para a gasolina?

Pego na minha carteira e meto-a debaixo do braço. Ela dirige-me um sorriso alegre que eu podia fazer desaparecer com um único gesto. *Maldita Hilly Holbrook.*

— Não, minha senhora. Não pode.

— Sabia que seria difícil encontrar alguém, mas...

Fico ali a vê-la fazer-se de pesarosa, mas só penso, *Acabe lá com isto, senhora, para eu poder dizer ao Leroy que temos de mudar-nos*



*para o Polo Norte, para junto do Pai Natal, onde ninguém ouviu as mentiras que a Hilly contou acerca de mim.*

— ... no seu lugar, eu também não aceitaria limpar uma casa tão grande.

Olho-a diretamente. Agora está a exagerar um bocadinho, fazendo de conta que a Minny não obterá o emprego porque a Minny não quer o emprego.

— Quando é que me ouviu dizer que não quero limpar esta casa?

— Não faz mal, cinco criadas já me disseram que é trabalho de mais.

Olho para baixo, para a minha figura de setenta e cinco quilos e um metro e meio, praticamente a transbordar da farda.

— Demasiado para mim?

Ela pisca os olhos por um momento.

— Então aceita?

— Porque acha que conduzi até onde o diabo perdeu as botas, para queimar gasolina? — Fecho a boca. *Não estragues tudo agora. Ela está a oferecer-te um emprego.* — Senhora Celia, gostaria muito de trabalhar para si.

Aquela mulher louca ri-se e avança para me abraçar, mas eu recuo um passo, quero que saiba que não faço esse género de coisas.

— Calma, temos de falar de algumas coisas primeiro. Tem de me dizer em que dias quer que eu venha e... e esse tipo de coisas. — *Por exemplo, quanto me vai pagar.*

— Acho que... sempre que te apetecer vir — diz ela.

— Para a senhora Walters trabalho de domingo a sexta.

A senhora Celia morde mais um pouco da sua unha cor-de-rosa.

— Não podes vir para cá aos fins de semana.

— Está bem. — Preciso dos dias, mas talvez mais tarde ela me dê algum trabalho a servir uma festa ou algo do género. — De segunda a sexta, então. A que horas me quer aqui de manhã?

— A que horas queres vir?

Nunca tivera voto nesta matéria. Sinto os meus olhos estreitarem-se.

— Que tal às oito? É a hora a que costumava entrar em casa da senhora Walters.

— Muito bem, às oito está bem. — E queda-se, como se estivesse à espera que eu jogasse a próxima peça de xadrez.

— Agora deve dizer-me a que horas saio.  
— A que horas? — pergunta Celia.  
Arregalo-lhe os olhos. — Senhora Celia, é a senhora que deve dizer-me isso. É assim que as coisas funcionam.  
Ela engole em seco, como se não soubesse o que fazer. Eu só quero resolver tudo antes que ela mude de ideias em relação a mim.  
— Que tal às quatro? — proponho. — Trabalho das oito às quatro e tenho algum tempo para o almoço ou o que for preciso.  
— Está muito bem.  
— E agora temos de falar do pagamento — digo, e os meus dedos começam a remexer-se dentro dos sapatos. Não deve ser muito, se cinco criadas já disseram que não.  
Nenhuma de nós diz nada.  
— Vá lá, senhora Celia. Quanto é que o seu marido diz que pode pagar?  
Ela olha para o *Veg-O-Matic* que, aposto, nem sequer sabe usar.  
— O Johnny não sabe.  
— Muito bem. Pergunte-lhe esta noite quanto quer pagar.  
— Não, o Johnny não sabe que estou a contratar uma criada.  
O queixo descai-me até ao peito.  
— Que quer dizer com isso?  
— *Não* vou dizer ao Johnny. — Ela esbugalha os olhos, como se tivesse um medo mortal dele.  
— E que fará o senhor Johnny se chegar a casa e encontrar uma preta na cozinha?  
— Desculpa, eu não posso...  
— Eu digo-lhe o que fará, vai pegar naquela pistola e matar a Minny, sobre este chão sem cera.  
A senhora Celia abana a cabeça.  
— Não lhe direi.  
— Então, tenho de ir — respondo. *Merda. Eu sabia. Percebi que era maluca mal atravessei aquela porta...*  
— Não é que esteja a mentir-lhe. É que preciso de uma criada...  
— Claro que precisa de uma criada. A última levou um tiro na cabeça.  
— Ele nunca vem a casa durante o dia. Só tens de fazer as limpezas pesadas e ensinar-me a fazer o jantar, serão apenas alguns meses...

O meu nariz sente o cheiro a queimado. Vejo uma nuvem de fumo a sair do forno.

— E depois? Vai despedir-me ao fim de alguns meses?

— Depois... depois digo-lhe — responde, mas franze o sobrolho ao pensamento. — Por favor, quero que ele pense que sou capaz sozinha. Quero que pense que eu... valho a pena.

— Senhora Celia... — Abano a cabeça, sem acreditar que já estou a discutir com esta mulher e ainda não trabalhei aqui dois minutos. — Acho que o seu bolo se queimou.

Ela pega num pano, corre para o forno e tira o bolo.

— *Au!* Raios!

Pouso a carteira, afasto-a do caminho.

— Não se pode usar um pano molhado numa caçarola quente.

Pego num pano seco e ponho o bolo preto lá fora, no degrau de cimento.

A senhora Celia olha para a mão queimada.

— A senhora Walters disse que eras uma excelente cozinheira.

— Essa velha come dois feijões e diz que está cheia. Não a conseguia fazer comer nada.

— Quanto é que ela te pagava?

— Um dólar por hora — digo, sentindo-me um tanto envergonhada. Cinco anos e nem sequer o salário mínimo.

— Eu pago-te dois.

E eu senti-me ficar sem respiração.

— A que horas é que o senhor Johnny sai de casa de manhã? — pergunto, arrumando a manteiga a derreter em cima da bancada, sem ter sequer um prato por baixo.

— Seis. Ele não consegue andar por aqui muito tempo. Volta do escritório de imobiliária por volta das cinco.

Faço alguns cálculos e, mesmo trabalhando menos horas, receberei mais. Porém, não poderei receber nada se for morta com um tiro.

— Nesse caso, sairei às três. Duas horas para entrar e para sair, para não esbarrar com ele.

— Está bem — concorda ela. — É melhor jogar pelo seguro.

No degrau das traseiras, a senhora Celia deita o bolo para um saco de papel. — Tenho de enterrar isto no caixote do lixo, para ele não perceber que queimei mais um.

Tiro-lhe o bolo das mãos. — O senhor Johnny não verá nada. Deito-o fora em minha casa.

— Oh, *obrigada!* — A senhora Celia abana a cabeça, como se fosse a coisa mais simpática que alguém já fez por ela. Põe os pequenos punhos fechados por baixo do queixo. Vou para o meu carro.

Sento-me no banco cambado do velho *Ford* pelo qual o Leroy ainda está a pagar ao patrão doze dólares por semana. O alívio inunda-me. Finalmente, arranjei um emprego. Já não tenho de ir para o Polo Norte. Que decepção para o Pai Natal!

— Senta-me esse rabo, Minny, porque te vou explicar as regras para trabalhar em casa de uma Senhora Branca.

Foi no dia em que fiz 14 anos. Sentei-me junto da mesinha de madeira na cozinha da minha mãe, olhando para o bolo de caramelo a arrefecer na prateleira, à espera de ser coberto de açúcar. O meu aniversário era o único dia do ano em que podia comer tanto quanto me apetecesse.

Estava prestes a deixar a escola e a começar no meu primeiro emprego a sério. A mãe queria que eu continuasse e fosse para o nono ano — ela sempre quisera ser professora primária em vez de trabalhar em casa da senhora Woodra. Porém, devido ao problema de coração da minha irmã e ao meu imprestável pai bêbado, dependia tudo de mim e dela. Eu já sabia fazer as tarefas domésticas. Depois da escola, era eu que cozinhava e limpava quase tudo. Porém, se fosse trabalhar para casa de outra pessoa, quem cuidaria da nossa?

A mãe agarrou-me pelos ombros e virou-me, para eu olhar para ela e não para o bolo. A mãe era severa. Era correta. Não tirava nada a ninguém. Abanou o dedo tão perto da minha cara que me fez trocar os olhos.

— Regra número um para trabalhar para uma senhora branca: ninguém tem nada a ver com nada. Não metes o nariz nos problemas da tua Senhora Branca e não te vais lamuriar para ao pé dela — não podes pagar a conta da luz? Doem-te os pés? Lembra-te de uma coisa: os brancos não são teus amigos. Não querem saber disso. E quando a Senhora Branca apanhar o marido com a vizinha do lado, não te metes no assunto, estás a ouvir?

«Regra número dois: nunca deixes que a Senhora Branca te encon-

tre sentada na casa de banho dela. Não importa se estás tão aflita que já te sai pelas tranças. Se não houver uma casa de banho para o pessoal nas traseiras, arranjas uma altura em que ela não esteja lá, numa casa de banho que ela não use.

«Regra número três. — A mãe virou-me o queixo na direção dela, porque o bolo estava outra vez a atrair-me. — Regra número três: quando estás a fazer a comida dos brancos, provas com outra colher. Pões a colher na boca, pensas que ninguém viu, voltas a pô-la na panela e bem podes deitar tudo fora.

«Regra número quatro: usas a mesma chávena, o mesmo garfo, o mesmo prato, todos os dias. Guardas tudo num armário à parte e garantas à mulher branca que não usarás mais nenhuns.

«Regra número cinco: comes na cozinha.

«Regra número seis: não bates nos filhos dela. Os brancos gostam de ser eles a bater nos filhos.

«Regra número sete: esta é a última, Minny. Estás a ouvir-me? Nada de seres respondona.

— Mãe, eu sei...

— Oh, eu ouço-te quando não dás conta, a resmungar por teres de limpar a mangueira do fogão, por causa do último pedaço de galinha que sobrou para a Minny. Resmungas com uma senhora branca de manhã e à tarde estás a resmungar no olho da rua.

Eu via a maneira como a minha mãe se comportava quando a senhora Woodra a levava a casa, toda cheia de Sim, minha senhora e Não, minha senhora. *Porque é que eu tinha de ser assim? Eu sabia impor-me às pessoas.*

— Agora, vem cá e dá um abraço à tua mãe, hoje fazes anos. Santo Deus, Minny, estás tão pesada.

— Ainda não manduquei nada hoje, quando é que posso comer o meu bolo?

— Não fales assim, a partir de agora tens de falar como deve ser. Não te criei para falares como uma mula.

No meu primeiro dia em casa da minha Senhora Branca, comi a minha sanduíche de fiambre na cozinha e pus o meu prato na minha parte do armário. Quando aquela menina mimada me roubou a carteira e a escondeu no forno, não lhe dei uma palmada no rabo.

Porém, quando a Senhora Branca disse: «Quero que laves a roupa toda à mão primeiro e depois a ponhas na máquina, para acabar»,

respondei: «Por que tenho de lavar à mão se a máquina vai fazer o trabalho? Nunca ouvi falar de maior desperdício de tempo.»

A Senhora Branca sorriu-me e, cinco minutos depois, eu estava na rua.

Trabalhando para a senhora Celia, posso levar os meus filhos de manhã à escola primária Spann e ainda voltar para casa à tarde com tempo para mim. Não durmo uma sesta desde que a Kindra nasceu, em 1957, mas com este horário das oito às três, podia dormir um todos os dias, se achasse que essa era uma boa forma de passar o tempo. Como não há autocarro até casa da senhora Celia, tenho de levar o carro do Leroy.

— Não podes levar o meu carro todos os dias, mulher. E se eu estiver no turno do dia e precisar...

— Ela paga-me setenta dólares em dinheiro todas as sextas-feiras, Leroy.

— Posso levar a bicicleta da Sugar.

Na terça-feira, um dia depois da entrevista, estaciono ao fundo da rua da senhora Celia, a seguir à curva, para não se ver. Caminho apressadamente pela rua vazia e subo a rampa. Não passam outros carros.

— Cheguei, senhora Celia. — Enfio a cabeça pela porta do quarto dela, naquela primeira manhã, e ei-la, apoiada nos cobertores, com a sua maquilhagem perfeita no rosto e as roupas justas de sexta-feira à noite, apesar de ser terça, a ler as porcarias do *Hollywood Digest* como se fosse a Bíblia Sagrada.

— Bom dia, Minny. Que bom ver-te — diz ela, e fico nervosa por ouvir uma senhora branca ser tão afável.

Olho em volta do quarto, avaliando o trabalho. É grande, com alcatifa creme, uma cama de dossel amarela, duas grandes cadeiras amarelas. E está arrumado, não há roupas no chão. A colcha está esticada por baixo dela. O cobertor está bem dobrado na cadeira. Contudo, continuo a olhar. Sinto que algo está errado.

— Quando é que podemos ter a primeira lição de culinária? — pergunta. — Podemos começar hoje?

— Talvez daqui a alguns dias, quando a senhora for à loja comprar o que faz falta.

Ela pensa por um segundo e responde:

— É melhor ires tu, Minny, porque sabes o que é preciso comprar.

Olho-a. A maior parte das mulheres brancas gosta de fazer as suas próprias compras.

— Está bem, vou de manhã.

Avisto um tapetezinho cor-de-rosa que ela pôs em cima da alcatifa, diante da porta da casa de banho. Um bocadinho na diagonal. Não sou decoradora, mas sei que um tapete cor-de-rosa não fica bem num quarto amarelo.

— Senhora Celia, antes de começar a trabalhar aqui, há uma coisa que preciso de saber. Quando planeia falar de mim ao senhor Johnny?

Ela olha a revista que tem no colo.

— Dentro de alguns meses, acho eu. Nessa altura, terei de saber cozinhar e essas coisas.

— Alguns, quer dizer dois?

Ela morde os lábios pintados.

— Estava a pensar mais em... quatro.

*O quê?* Não vou trabalhar quatro meses como uma criminoso a monte.

— Não lhe vai dizer antes de 1963? Não, minha senhora. *Antes* do Natal.

Ela suspira.

— Está bem. Mas pouco antes.

Faço alguns cálculos.

— São cento e... dezasseis dias até lá. Tem de lhe dizer. Daqui a cento e dezasseis dias.

Olha-me com ar de preocupação. Acho que não esperava que a criada fosse tão boa em matemática. Finalmente, concorda.

— Está bem.

Depois digo-lhe que ela tem de ir para a sala e deixar-me fazer o meu trabalho ali. Quando ela sai, olho para o quarto, que parece tão arrumado. Muito devagarinho, abro a porta do armário e, tal como previa, caem-me na cabeça quarenta e cinco coisas. Depois espreito debaixo da cama e encontro tanta roupa suja que aposto que não lava há meses.

Todas as gavetas são uma catástrofe, cada cantinho cheio de roupa suja e meias enroladas. Encontro quinze caixas de camisas novas para o senhor Johnny, para ele não descobrir que ela não sabe lavar nem passar. Finalmente, levanto aquele estranho tapete cor-de-rosa. Por baixo, está uma grande mancha cor de ferrugem. Estremeço.

...

Nessa tarde eu e a senhora Celia fazemos uma lista do que se vai cozinhar durante a semana e, na manhã seguinte, compro as mercearias. Demoro o dobro do tempo por ter de conduzir até ao armazém Jitney Jungle branco em vez de ir ao Piggly Wiggly negro perto da minha casa, porque acho que ela não vai comer coisas de uma mercearia negra e não a posso censurar, com as batatas com olhos de vários centímetros e o leite quase azedo. Quando chego ao trabalho, estou disposta a lançar-lhe à cara todas as razões para o meu atraso, mas a senhora Celia está na cama, sorrindo, como se não fizesse mal. Toda bem vestida e não vai a lado nenhum. Fica ali cinco horas, a ler as revistas. Só a vejo levantar-se para ir buscar um copo de leite ou fazer chichi. Mas não faço perguntas. Sou só a criada.

Depois de limpar a cozinha, passo à sala de estar. Paro à entrada e lanço um olhar demorado ao urso pardo. Tem mais de dois metros de altura e está a mostrar os dentes. Tem as garras longas, curvas, como as de uma bruxa. Aos pés dele está uma faca de caça com cabo de osso. Aproximo-me e vejo que tem o pelo cheio de poeira. Uma teia de aranha entre os maxilares.

Primeiro, bato a poeira com a vassoura, mas esta é espessa, entranhada no pelo. Só consigo que a sujidade passe de um lado para o outro. Então, pego num pano para o limpar, mas grito de cada vez que o pelo áspero me toca nas mãos. *Branco!* Já limpei tudo, desde frigoríficos a rabos, mas o que leva esta senhora a pensar que sei limpar o raio de um urso pardo?

Vou buscar o aspirador. Aspiro a porcaria e, exceto nalguns pontos onde fiz demasiada pressão e lhe arranquei pelo, acho que funcionou muito bem.

Depois de acabar o urso, limpo os livros elegantes que ninguém lê, os botões de punho da Confederação e a pistola de prata. Em cima da mesa há uma moldura dourada com uma fotografia da senhora Celia e do senhor Johnny no altar e observo-a mais de perto, para descobrir que tipo de homem é. Espero que seja gordo e de pernas curtas, para o caso de precisar de fugir dele, mas nada disso. É forte, alto, robusto. E também não me é estranho. É aquele que esteve vários anos com a senhora Hilly, quando comecei a trabalhar para a senhora Walters. Nunca o conheci, mas vi-o vezes suficientes para ter a certeza. Estre-



meço, os meus medos triplicam. Só isso, diz mais acerca desse homem do que qualquer outra coisa.

À uma hora, a senhora Celia entra na cozinha e anuncia que está pronta para a primeira aula de culinária. Instala-se num banco. Usa uma camisola vermelha justa, uma saia vermelha e maquilhagem suficiente para assustar uma prostituta.

— O que é que já sabe cozinhar? — pergunto.

Ela considera, franzindo a testa.

— Talvez seja melhor começar pelo princípio.

— Deve saber alguma coisa. Que é que a sua mãe lhe ensinou?

Ela olha para os seus pés cobertos pelas meias de rede e diz:

— Sei cozinhar pão de milho.

Não consigo conter o riso.

— Que sabe cozinhar, além disso?

— Sei cozer batatas. — A voz dela fica ainda mais baixa. — E sei fazer papas de milho. Não tínhamos eletricidade, onde eu vivia. Mas estou pronta a aprender. Num fogão a sério.

Santo Deus. Nunca tinha conhecido uma pessoa branca com piores condições do que eu, a não ser o louco Wally que vive atrás do armazém de Canton e come comida de gato.

— Tem dado papas e pão de milho ao seu marido todos os dias?

A senhora Celia faz que sim com a cabeça.

— Mas tu vais ensinar-me a cozinhar bem, não vais?

— Tentarei — respondo, embora nunca tenha dado instruções a uma mulher branca e não saiba bem como começar. Puxo as meias e penso acerca disso. Finalmente, aponto para a lata em cima da bancada.

— Acho que, se há alguma coisa que deve conhecer acerca de cozinha, é isto.

— É só banha, não é?

— Não, não é só banha. É a mais importante invenção culinária desde a maionese em frasco.

— Que tem de tão especial — torce o nariz — a gordura de porco?

— Não é de *porco*, é vegetal — Quem é que não sabe o que é o *Crisco*? — Não imagina o que é possível fazer com esta lata.

Ela encolhe os ombros.

— Fritar?

— Não é só para fritar. Alguma vez teve uma coisa pegajosa agarrada aos cabelos, como pastilha elástica? — Aponto a lata do *Crisco*. — Isso mesmo, *Crisco*. Espalhe-a no rabo de um bebé e nunca ficará assado das fraldas. — Deito três colheres na frigideira preta. — Bolas, já vi senhoras esfregá-lo debaixo dos olhos e nos pés escamados dos maridos.

— Olha só que bonito — diz ela. — Como a cobertura de um bolo de noiva.

— Para limpar a cola da etiqueta do preço, olear uma dobradiça. Falta a luz, enfia-se-lhe uma mecha e arde como uma vela.

Acendo o lume e observamo-lo a derreter na frigideira. — E depois dito tudo, ainda lhe frita a galinha.

— Muito bem — diz ela, muito concentrada. — Que vem a seguir?

— A galinha tem estado a marinar no leite — explico. — Agora faz-se a mistura para panar. — Deito farinha, sal, mais sal, pimenta colorau e uma pitada de pimenta-de-caiena num saco de papel duplo. — Agora põem-se os pedaços de galinha no saco e agita-se.

A senhora Celia põe uma coxa de galinha crua dentro do saco e agita-o de um lado para o outro. — Assim? Como nos anúncios do *Shake n' Bake* na televisão?

— Sim — respondo, e passo a língua sobre os dentes porque, se isto não é um insulto, não sei o que o será. — Exatamente como o *Shake n' Bake*.

De repente, fico gelada. Ouço o motor de um carro na estrada. Fico quieta a escutar. Vejo a senhora Celia arregalar os olhos e escutar também. Estamos a pensar a mesma coisa: se é ele, onde é que me escondo?

O carro passa. Respiramos outra vez.

— Senhora Celia — cerro os dentes —, como é possível que não possa falar de mim ao seu marido? Será que ele não vai perceber quando a comida começar a ser boa?

— Ah, não tinha pensado nisso. Talvez seja melhor deixar queimar um bocadinho a galinha.

Olho-a de esguelha. Não vou deixar queimar galinha nenhuma. Ela não respondeu à verdadeira questão, mas eu a farei responder em breve.

Com muito cuidado, coloco a carne escura na frigideira. Borbulha como uma melodia e vemos as coxas tornarem-se castanhas. Ergo o olhar e vejo a senhora Celia a sorrir para mim.

— Que é? Tenho alguma coisa na cara?  
— Não — diz ela com lágrimas nos olhos. Toca-me no braço. —  
Estou mesmo agradecida por estares aqui.  
Tiro o braço de debaixo da mão dela.  
— Senhora Celia, tem de estar agradecida por muitas coisas além  
de mim.  
— Eu sei. — Olha para a sua fantástica cozinha como se cheirasse  
mal. — Nunca sonhei vir a ter tanta coisa.  
— Então, não é uma sortuda?  
— Nunca fui tão feliz em toda a minha vida.  
Deixo que as coisas fiquem assim. Por baixo de toda aquela felici-  
dade, ela não parece nada feliz.

Nessa noite telefono à Aibileen.

— A senhora Hilly esteve em casa da senhora Leefolt ontem — diz  
ela. — Perguntou se alguém sabia onde é que estavas a trabalhar.

— Santo Deus, se descobre onde estou, de certeza que estragará  
tudo.

Passaram-se duas semanas desde a Coisa Terrivelmente Feia que  
fiz àquela mulher. Sei que adoraria ver-me despedida.

— Que disse o Leroy quando soube que conseguiste o emprego?  
— pergunta a Aibileen.

— Anne, andou pela cozinha como um galo, porque estava em  
frente dos miúdos. Como se fosse ele o único a sustentar a família e eu  
só fizesse isto para manter a minha pobre pessoa entretida. Mais tarde,  
quando estávamos na cama, pensei que o meu marido grande como  
um boi ia chorar.

A Aibileen ri-se.

— O Leroy é muito orgulhoso.

— Só tenho de ter cuidado para não ser apanhada pelo senhor  
Johnny.

— Ela não te diz porque não quer que ele saiba?

— Só diz que quer que ele pense que ela sabe cozinhar e limpar.  
Não diz porquê. Está a esconder-lhe qualquer coisa.

— Não é engraçado? A senhora Celia não pode dizer a ninguém,  
ou o marido fica a saber. Assim, a senhora Hilly não ficará a saber. Não  
podia ter sido melhor para ti.

— *Hmm* — é só o que respondo. Não quero parecer ingrata, por-

que foi a Aibileen que me arranhou o emprego. Porém, não consigo deixar de pensar que só dupliquei os meus problemas, com a senhora Hilly e agora também com o senhor Johnny.

— Minny, queria perguntar-te uma coisa. — A Aibileen pigarreia.

— Conheces uma tal menina Skeeter?

— Uma alta, que ia a casa da senhora Walters jogar brídege?

— Sim. Que achas dela?

— Não sei, é branca, como as outras. Porquê? Que é que ela disse de mim?

— Não disse nada de ti — responde a Aibileen. — É só que... há umas semanas... não sei por que continuo a pensar nisto. Ela perguntou-me uma coisa. Perguntou-me se eu queria mudar as coisas. As mulheres brancas nunca perguntaram...

Nessa altura o Leroy sai do quarto, a pedir o seu café antes do turno da noite.

— Bolas, ele está a pé — digo. — Fala depressa.

— Não, deixa lá, não é nada — responde a Aibileen.

— Mas, que é que se passa? Que te disse essa senhora?

— Foi só conversa. Disparates.

## CAPÍTULO 4

Na minha primeira semana em casa da senhora Celia esfrego a casa até não restar um pano de limpar, um lençol rasgado ou sequer uma meia solta com que limpar. Na segunda semana, esfrego novamente, porque a sujidade parece ter voltado a crescer. Na terceira semana, considero-me satisfeita e estabeleço os meus métodos.

Todos os dias, quando chego, a senhora Celia parece não conseguir acreditar que voltei ao trabalho. Sou a única coisa que interrompe todo aquele silêncio em volta dela. A minha casa está sempre cheia, com cinco filhos, vizinhos e um marido. A maior parte das vezes, quando chego a casa da senhora Celia, sinto-me grata pela paz.

As minhas tarefas domésticas calham no mesmo dia em todos os empregos que arranjo: à segunda-feira, passo óleo na mobília. À terça, lavo e passo os malditos lençóis, é o dia que detesto. Quarta-feira é para esfregar muito bem a banheira, apesar de a limpar todas as manhãs. Quinta-feira é para encerar os soalhos e aspirar os tapetes, cuidando dos antigos à mão, com uma escova, para não desfiarem. Sexta-feira cozinho para o fim de semana e o mais que houver. E, todos os dias, limpo o pó, lavo roupa e passo camisas, para não acumular e manter as coisas limpas. As janelas e as pratas, limpam-se quando é preciso. Sem meninos para cuidar, sobra muito tempo para a lição de culinária da senhora Celia.

Como ela nunca recebe visitas, só organizamos o jantar dela e do senhor Johnny: costeletas de porco, galinha frita, rosbife, empadão de galinha, costado de carneiro, tomates fritos e puré de batata, além dos legumes. Ou melhor, eu cozinho e a senhora Celia mexerica nas coisas, mais parecendo uma criança de cinco anos do que a senhora rica que me paga a renda. Quando a lição acaba, vai logo deitar-se outra vez. De facto, a única altura que a senhora Celia caminha três metros é quando vem à cozinha para a lição ou quando vai lá acima, duas ou três vezes por semana, àqueles quartos arrepiantes.

Não sei que faz ela durante cinco minutos no andar de cima. Não

gosto daquela parte da casa. Aqueles quartos deviam estar cheios de crianças a rir-se, a gritar e a sujar tudo. Porém, não é da minha conta como é que a senhora Celia passa os dias e, na verdade, agrada-me que não se meta no meu caminho. Tenho andado atrás de senhoras com uma vassoura numa mão e um balde de lixo na outra, limpando a porcaria que fazem. Enquanto ela se mantiver naquela cama, tenho emprego. Apesar de não ter filhos e nada para fazer todo o dia, é a mulher mais preguiçosa que conheço. *Incluindo* a minha irmã Doreen que nunca levantou um real dedo devido àquela deficiência cardíaca que, viemos a descobrir, era uma mosca no aparelho de raio-X.

E não é só a cama. A senhora Celia não sai de casa a não ser para tingir o cabelo e aparar as pontas. Até agora, foi só uma vez, nas três semanas em que trabalho cá. Tenho trinta e seis anos e ainda ouço a minha mãe a dizer: *Ninguém tem nada a ver com isso*. Mesmo assim, queria saber o que assusta tanto esta senhora fora de casa.

Sempre que é dia de pagamento, recordo a contagem à senhora Celia.

— Faltam noventa e nove dias para contar ao senhor Johnny.

— Bolas, o tempo passa tão depressa — diz, com ar enjoado.

— O gato saltou para o alpendre esta manhã e quase tive um ataque, pensando que era ele.

Tal como eu, a senhora Celia fica mais nervosa à medida que a data se aproxima. Não sei o que fará aquele homem quando ela lhe disser. Talvez lhe diga para me despedir.

— Espero que seja tempo suficiente, Minny. Achas que estou a melhorar na cozinha? — pergunta-me, e eu olho-a. Tem um sorriso bonito, com dentes brancos e direitos, mas é a pior cozinheira que já vi.

Então volto atrás e ensino-lhe as coisas mais básicas, porque quero que ela aprenda e aprenda depressa. Preciso que explique ao marido por que motivo uma negra de quase oitenta quilos tem a chave da sua casa. Preciso que ele saiba por que razão tenho a sua prata e os brincos de rubi de não sei quantos carates da senhora Celia na mão todos os dias. *Preciso* que ele saiba disto antes que um belo dia chegue a casa e chame a Polícia. Ou poupe uma moeda e trate ele próprio do assunto.

— Retire o pernil, veja se tem água suficiente... está bem assim. Agora acenda o lume. Vê aquela bolhinha ali? Significa que a água está contente.

A senhora Celia olha para o tacho como se olhasse para o seu futuro.

— És feliz, Minny?

— Porque me faz perguntas tão estranhas?

— Mas és?

— Claro que sou feliz. A senhora também é feliz. Uma casa grande, um jardim grande, um marido que cuida de si. — Franzo a testa e asseguro-me de que a senhora Celia vê. Isto é mesmo coisa de brancos, não saber se são *suficientemente* felizes.

E quando ela deixa queimar os feijões, tento usar algum daquele autodomínio de que a minha mãe jura que nasci destituída. — Muito bem — digo por entre os dentes —, fazemos mais antes de o senhor Johnny chegar.

Todas as outras mulheres para quem trabalhei, teria apreciado tê-las pelo menos durante uma hora a fazer o que eu mandasse, para ver se gostavam. Mas a senhora Celia, a maneira como olha para mim com aqueles grandes olhos, como se eu fosse a coisa melhor desde a laca em spray, quase preferia que me desse ordens, como devia fazer. Começo a perguntar-me se o facto de estar sempre deitada tem alguma coisa a ver com não falar de mim ao senhor Johnny. Acho que ela percebe a desconfiança nos meus olhos porque um dia, de repente, diz-me:

— Tenho muitas vezes este pesadelo, que tenho de voltar a viver em Sugar Ditch. É por isso que estou tanto tempo deitada. — Abana a cabeça muito depressa, como se tivesse ensaiado a frase. — Porque não durmo bem de noite.

Dirijo-lhe um sorriso estúpido, como se acreditasse, e continuo a limpar os espelhos.

— Não limpes muito bem. Deixa algumas manchas.

Há sempre alguma coisa, espelhos, soalhos, um copo sujo no lava-loiça ou o caixote do lixo cheio.

— Temos de tornar isto credível — diz ela, e dou por mim a estender a mão para aquele copo, para o lavar, uma centena de vezes. Gosto das coisas limpas e arrumadas.

— Gostava de poder tratar daquela azálea — diz a senhora Celia um dia. Deita-se no sofá durante a minha novela e está sempre a interromper. Sintonizo *The Guiding Light* há vinte e quatro anos; desde os dez que a ouvia no rádio da mãe.

Dá um anúncio da *Dreft* e a senhora Celia olha pela janela das tra-seiras, para o negro que está a varrer as folhas. Tem tantas azáleas que, quando vier a primavera, o pátio dela parecerá *E Tudo o Vento Levou*. Não gosto de azáleas e também não gosto desse filme, a maneira como fazem com que a escravatura pareça uma grande festa. Se eu fizesse o papel da Mammy, diria à Scarlett que enfiasse aqueles reposteiros verdes pelo seu rabinho branco acima. Ela que fizesse o seu próprio maldito vestido para ir caçar maridos.

— E sei que era capaz de fazer aquela roseira dar flor, se a podasse — diz a senhora Celia. — Mas a primeira coisa que farei é cortar a mimosa.

— Qual é o problema com aquela árvore? — Pressiono o bico do ferro na gola da camisa do senhor Johnny. No meu pátio inteiro nem sequer tenho um arbusto, quanto mais uma árvore.

— Não gosto daquelas flores peludas. — O olhar dela perde-se como se estivesse a ficar maluquinha — Parecem cabelos de bebé.

Fico arrepiada com a maneira como ela fala.

— Percebe de flores?

Ela suspira.

— Adorava cuidar das minhas flores, em Sugar Ditch. Aprendi a cultivar coisas na esperança de embelezar toda aquela fealdade.

— Então vá lá para fora — digo, tentando não parecer muito excitada. — Faça um bocadinho de exercício. Apanhe ar! — *Desapareça daqui*.

— Não — suspira a senhora Celia. — Não devo andar lá por fora. Tenho de ficar quieta.

Começa a irritar-me a sério o facto de ela nunca sair de casa, a forma como sorri, como se a chegada da criada, todas as manhãs, fosse a melhor parte do seu dia. É como ter comichão. Todos os dias tento lá chegar, mas não consigo coçar. Todos os dias, arde um pouco mais. Todos os dias, ela está *ali*.

— Acho que devia fazer algumas amigas — digo. — Há imensas senhoras da sua idade na cidade.

Ela franze-me o sobrolho.

— Já tentei. Não imaginas a quantidade de vezes que já telefonei a essas senhoras, para ver se posso ajudar com a Obra das Crianças ou fazer qualquer coisa a partir de casa. Mas elas não me devolvem as chamadas. Nenhuma delas.



Não lhe respondo porque não é surpresa nenhuma. Com aqueles peitos protuberantes e o cabelo pintado de *Pepita de Ouro*.

— Então, vá às compras. Compre roupa nova. Vá fazer o que quer que fazem as senhoras brancas quando a criada está em casa.

— Não, acho que vou descansar um bocadinho — diz ela e dois minutos depois ouço-a deambular lá em cima, nos quartos vazios.

O ramo da mimosa bate na janela, dou um salto e queimo o polegar. Fecho os olhos com força para acalmar o coração. Faltam noventa e quatro dias desta trapalhada e não sei como aguentarei um minuto mais.

— Mãe, arranja-me alguma coisa para comer. Tenho fome — disse-me a minha filha mais nova, Kindra, que tem cinco anos, na noite passada. Com uma mão na anca e o pé em riste.

Tenho cinco filhos e orgulho-me de lhes ter ensinado a dizer *sim*, *minha senhora* e *por favor* antes de aprenderem a dizer *bolacha*.

Menos a um.

— Não comes nada até ao jantar — disse-lhe.

— Porque és tão má para mim? *Odeio-te* — gritou, correndo porta fora.

Ergo os olhos para o teto, porque é um choque a que nunca me habituei, mesmo com quatro antes dela. O dia em que um filho diz que nos odeia, e todas as crianças passam por essa fase, dói como um pontapé no estômago.

Mas a Kindra, santo Deus. Estou a ver que não é uma fase. Aquela menina está a ficar exatamente como eu.

Estou na cozinha da senhora Célia a pensar na noite passada, que fazer com a Kindra e a sua língua, com o Benny e a asma, com o meu marido, Leroy, a chegar bêbado a casa duas noites na semana passada. Ele sabe que é a única coisa que não suporto, depois de ter cuidado do meu pai bêbado durante dez anos, eu e a mãe a matar-nos com trabalho para ele poder ter uma garrafa cheia. Acho que me devia zangar mais com isto mas, na noite passada, como um *Desculpa*, o Leroy chegou a casa com um saco dos primeiros quiabos da época. Ele sabe que é a coisa que gosto mais de comer. Esta noite vou fritar aqueles quiabos com algum milho e comer como a minha mãe nunca me deixou.

Contudo, não será o único mimo do meu dia. É o primeiro dia de outubro e aqui estou eu, a pelar pêssegos. A mãe do senhor Johnny

trouxe dois caixotes do México, pesados como bolas de basebol. São maduros e doces, é como cortar manteiga. Não aceito caridade das senhoras brancas, porque *sei* que elas só querem que lhes fique a dever favores. Porém, quando a senhora Celia me disse para levar uma dúzia de pêssegos para casa, peguei num saco e guardei os doze. Quando chegar a casa, à noite, comerei quiabos fritos ao jantar e tarte de pêssego à sobremesa.

Estou a observar a longa casca peluda a enrolar-se para dentro do lava-loiça, sem prestar qualquer atenção à rampa. Normalmente, quando estou junto do lava-loiça, faço um mapa mental do meu percurso de fuga do senhor Johnny. A cozinha é a melhor divisão para isso, porque a janela da frente dá para a rua. Os arbustos altos de azáleas escondem-me a cara, mas consigo ver alguém que se aproxime. Se ele entrar pela porta da frente, a porta de trás leva-me até à garagem. Se vier pelas traseiras, posso escapulir-me pela frente. Há outra porta na cozinha, que dá para o pátio das traseiras, caso seja necessário. Porém, com o sumo a escorrer-me pela mão e eu quase embriagada pelo aroma, perco-me num sonho de pelar pêssegos. Nem sequer reparo na carrinha azul.

O homem já vem a meio da rampa quando olho para cima. Vejo uma nesga de camisa branca, daquelas que costume engomar todos os dias, e a perna de umas calças de caqui, como as que penduro no armário do senhor Johnny. Engulo um gemido. A faca cai com estrondo no lava-loiça.

— Senhora Celia! — Corro para o quarto dela. — O senhor Johnny *chegou!*

A senhora Celia salta da cama com uma pressa que nunca lhe vira. Eu ando às voltas, que nem uma barata tonta. *Para onde vou? Por que lado vou? Que aconteceu ao meu plano de fuga?* Tomo uma decisão. A casa de banho das visitas!

Esgueiro-me lá para dentro e fecho a porta. Acocoro-me em cima da sanita para ele não me ver os pés por baixo da porta. Está escuro e quente. Parece que tenho a cabeça a arder. O suor escorre-me pelo queixo e tomba no chão. Sinto-me enjoada com o cheiro dos sabonetes de gardénia no lavatório.

Ouçó passos. Sustenho a respiração.

Os passos detêm-se. O meu coração bate como um gato num secador de roupa. E se a senhora Celia fizer de conta que não me conhe-

ce, para não se meter em problemas? Se fizer de conta que sou uma ladra? *Oh, odeio-a! Odeio aquela mulher estúpida!*

Escuto, mas apenas consigo ouvir a minha respiração ofegante. O *pum-pum* no meu peito. Os tornozelos doem-me e estalam, por suportarem o peso do meu corpo naquela posição.

Os meus olhos começam a habituar-se à escuridão. Após um minuto, vejo-me no espelho por cima do lavatório. Acocorada, como uma doida, em cima da sanita de uma senhora branca.

Olhem só para mim. Olhem ao que a Minny Jackson se sujeita para ganhar a vida.

MENINA SKEETER

CAPÍTULO 5

Conduzo velozmente o *Cadillac* da mãe pela estrada de gravilha, com direção a casa. Já nem consigo ouvir a Patsy Cline no rádio do carro, por causa das pedras que batem na carroçaria. A mãe vai ficar furiosa, mas conduzo ainda mais depressa. Não consigo deixar de pensar no que a Hilly me disse hoje no clube de brídege.

Eu, a Hilly e a Elizabeth somos melhores amigas desde a escola primária Power. A minha fotografia preferida é de nós as três sentadas nas bancadas do campo de futebol, no ciclo preparatório, encostadas umas às outras, ombro com ombro. O que faz a fotografia, contudo, é o facto de as bancadas estarem vazias. Sentamo-nos próximas, porque éramos próximas.

Em Ole Miss, eu e a Hilly partilhámos um quarto durante dois anos, antes de ela sair para se casar e eu ficar para me licenciar. Na república Chi Omega, eu punha todas as noites treze rolos no cabelo dela. E hoje, ameaçou expulsar-me da Liga. Não que a Liga me importe muito, mas fiquei magoada com a facilidade com que a minha amiga me queria pôr fora.

Viro para a faixa que vai para Longleaf, a plantação de algodão da minha família. A gravilha transforma-se em poeira amarela macia e eu abrando antes que a mãe veja a velocidade a que vinha. Subo a rampa até casa e saio do carro. A mãe está na cadeira de baloiço do alpendre.

— Senta-te aqui, querida — diz ela, apontando-me uma cadeira de baloiço ao seu lado. — A Pascagoula acabou de encerar os soalhos. Deixa-os secar um pouco.

— Está bem, mãe.

Beijo-lhe a bochecha empoadada, mas não me sento. Encosto-me ao parapeito do alpendre, olho para os três carvalhos musgosos no pátio da frente. Embora fique apenas a cinco minutos da cidade, a maior parte das pessoas considera que isto já é campo. Em volta do nosso pátio, o pai possui dez mil acres de campos de algodão, com plantas

verdes e fortes que me chegam à cintura. Alguns homens de cor estão sentados debaixo de um telheiro distante, olhando o calor. Toda a gente espera a mesma coisa, que as cápsulas do algodão abram.

Penso como as coisas estão diferentes entre mim e a Hilly desde que voltei da faculdade. Porém, quem é que está diferente? Ela ou eu?

— Já te contei? — diz a mãe. — A Fanny Peatrow está noiva.

— Que bom para ela.

— Em menos de um mês, depois de ter arranjado aquele emprego como caixa no Farmer's Bank.

— Que bom, mãe!

— Eu sei — diz ela, e eu viro-me para ver um daqueles olhares arregalados como bolbos. — Porque não vais ao banco e te candidatas a um emprego de caixa?

— Não quero ser caixa de um banco, mãe.

A mãe suspira, semicerra os olhos para o Spaniel, *Shelby*, que lambe as partes baixas. Olho para a porta da frente, tentada a ir arruinar os soalhos limpos. Já tivemos esta conversa muitas vezes.

— A minha filha vai quatro anos para a faculdade, e volta para casa com quê? — pergunta.

— Com um diploma?

— Uma linda folha de papel.

— Já disse. Não encontrei ninguém com quem quisesse casar-me.

A mãe levanta-se da cadeira, aproxima-se para que eu olhe o seu rosto bonito e macio. Usa um vestido azul-marinho, ajustado aos seus ossos estreitos. Como de costume, só usa batom, mas quando o sol brilhante da tarde a ilumina, vejo manchas escuras, fundas e secas, no peito do vestido. Semicerro os olhos, tentando perceber se as manchas estão mesmo lá. — Mãe. Sentes-te mal?

— Se ao menos mostrasses um pouco de iniciativa, Eugenia...

— O teu vestido está todo sujo na frente.

A mãe cruza os braços.

— Falei com a mãe da Fanny, que me disse que ela praticamente nadava em oportunidades desde que arranjava aquele emprego.

Esqueço o assunto do vestido. Nunca conseguirei dizer à mãe que quero ser escritora. Ela apenas considerará isso mais uma coisa que me separa das raparigas casadas. Também não lhe posso falar de Charles Gray, o meu colega de estudo em Matemática na primavera passada, na Ole Miss. Como ele se embebedara no último ano e apertara a mi-

nha mão com tanta força que me devia ter doído, mas não doeu, a sensação maravilhosa quando me segurou e me olhou nos olhos. Depois casou-se com a Jenny Sprig, que mede um metro e meio.

Do que eu precisava era de arranjar um apartamento na cidade, o tipo de edifício onde vivem as raparigas sozinhas e feias, solteironas, secretárias, professoras. Porém, a única vez em que sugeri usar o dinheiro do meu fundo de investimentos, a mãe chorou — lágrimas a sério. — Esse dinheiro não é para isso, Eugenia. Para viver numa qualquer casa partilhada, com cheiros de comida de estranhos e meias penduradas nas janelas. E depois, quando o dinheiro acabar? Viverás de quê? — Nessa altura, enrolou uma toalha fria na cabeça e foi para a cama o resto do dia.

Agora está agarrada ao corrimão, esperando para ver se farei o mesmo que a Fanny Peatrow fez para se salvar. A minha própria mãe olha para mim como se eu a desconcertasse, com a minha aparência, a minha altura, o meu cabelo. Dizer que tenho cabelos frisados é pouco, é uma carapinha, mais púbico do que craniano, e loiro quase branco, quebradiço como o feno. A minha pele é pálida e, embora alguns lhe chamem cremosa, pode parecer cadavérica quando estou séria, ou seja, sempre. Também tenho uma cartilagem saliente no cimo do nariz. Mas os meus olhos são azuis como a flor do milho, como os da mãe. Dizem-me que é o que tenho de mais bonito.

— É só uma questão de te pores numa situação em que possas encontrar homens, para...

— Mãe — digo eu, que apenas quero que esta conversa acabe. — Será mesmo assim tão terrível se eu nunca arranjar marido?

A mãe cruza os braços nus como se tivesse gelado com a ideia.

— Não digas isso, Eugenia. Todas as semanas vejo um homem novo na cidade, com mais de um metro e oitenta, e penso, *ao menos se a Eugenia tentasse...* — Aperta o estômago com a mão, porque a ideia lhe agrava as úlceras.

Tiro os sapatos sem salto e desço os degraus do alpendre enquanto a mãe me chama para me calçar, ameaçando-me com tina e com encefalite transmitida por mosquitos. A inevitabilidade da morte por andar descalça. Da morte por não ter marido. Estremeço, com a mesma sensação de abandono que tenho há três meses, desde que me licenciiei. Fui largada num lugar ao qual já não pertenço.

Aqui, com a mãe e o pai, de certeza que não. Talvez nem sequer com a Hilly e a Elizabeth.

— Aqui estás tu, com vinte e três anos... na tua idade, eu já tinha o Carlton Jr. — diz a mãe.

Fico debaixo da murta de crepe rosa, observando a mãe no alpendre. Os lírios diurnos perderam os seus rebentos. Estamos quase em setembro.

Eu não era um bebé bonito. Quando nasci, o meu irmão mais velho Carlton olhou para mim e declarou à enfermeira, «Isto não é um bebé, é um *skeeter*<sup>2</sup>!», e o nome pegou. Era comprida e pernilonga, magra como um mosquito, um recorde no Hospital Baptista, com os meus sessenta e três centímetros. O nome tornou-se ainda mais apropriado por causa do meu nariz, pontiagudo como um bico, quando era criança. A mãe passou a minha vida inteira a tentar convencer as pessoas a chamarem-me pelo meu nome, Eugenia.

A Sra. Charlotte Boudreau Cantrelle Phelan não gosta de alcunhas.

Aos dezasseis anos, eu não só não era bonita, como era extremamente alta. O tipo de altura que põe as raparigas na última fila para as fotografias, ao pé dos rapazes. O tipo de altura que leva a nossa mãe a passar as noites a baixar bainhas, a arranjar mangas de camisolas, a alisar-nos o cabelo para bailes para os quais não fomos convidadas e, finalmente, a calçar-nos o cimo da cabeça, como se isso pudesse encolher-nos de volta aos anos em que ela nos mandava endireitar. Aos dezassete anos, a minha mãe preferiria que eu sofresse de diarreia apoplética a ver-me direita. Ela media um metro e sessenta e três e fora segunda classificada no concurso de Miss Carolina do Sul. Decidiu que havia apenas uma coisa a fazer num caso como o meu.

O guia de Mrs. Charlotte Phelan para caçar marido, regra número um: uma rapariga bonita e pequenina deve valorizar-se com maquilhagem e uma boa postura. Uma feia e alta, com um fundo de investimentos.

Eu media um metro e oitenta, mas possuía vinte e cinco mil dólares de algodão em meu nome e, se a beleza disso não fosse evidente, ele também não era suficientemente inteligente para fazer parte da família.

---

<sup>2</sup> Mosquito.

...

O meu quarto de criança é no último andar da casa dos pais. Tem frisos brancos e querubins cor-de-rosa nas molduras junto ao teto. Está forrado a papel com botões de rosa verde-menta. Na verdade, é o sótão, com paredes longas e inclinadas, e em muitos lugares, não me consigo endireitar. A janela panorâmica faz o quarto parecer redondo. Depois de a mãe ralar comigo para arranjar marido dia sim, dia não, ainda por cima tenho de dormir num bolo de noiva.

Mesmo assim, é o meu santuário. O calor aumenta e acumula-se ali em cima como um balão de ar quente, o que não é propriamente convidativo para os outros. As escadas são estreitas e os pais têm dificuldade em subi-las. A nossa antiga criada, Constantine, costumava olhar fixamente aquelas escadas inclinadas, como se uma batalha se travasse entre ambas. Essa era a única coisa que não me agradava no facto de habitar o último andar da casa, separar-me da minha Constantine.

Três dias depois da minha conversa com a mãe no alpendre, abro as páginas dos anúncios de emprego do *Jackson Journal* em cima da minha secretária. A mãe tem andado atrás de mim toda a manhã com uma coisa nova para alisar o cabelo, enquanto o pai está no alpendre a resmungar e a amaldiçoar os campos de algodão porque derretem como neve no verão. Além do gorgulho das cápsulas, a chuva é a pior coisa que pode acontecer na época das colheitas. Ainda mal entrámos em setembro, mas os aguaceiros de outono já começaram.

Com a minha caneta vermelha na mão, verifico a única pequena coluna sob o título: PROCURA-SE: FEMININO

*Armazém Kennington procura vendedora c/ desenvoltura, boas maneiras e um sorriso!*

*Secretária jovem e elegante, precisa-se. Datilografia não necess. Contactar Sr. Sanders. Santo Deus, se não a quer para datilografar, para que a quer?*

*Procura-se estenógrafa júnior, Percy e Gray, LP, \$1, 25/hora. Este é novo. Traço um círculo em volta.*

Ninguém pode dizer que não trabalhei duramente em Ole Miss. Enquanto as minhas amigas saíam para beber rum e *Coca-Cola* nas festas de Phi Delta Theta e pregavam crisântemos no peito dos vestidos, eu ficava na sala de estudo e escrevia durante horas — principalmente ensaios, mas também histórias curtas, má poesia, episódios do



*Dr. Kildare, jingles para a Pall Mall, cartas de reclamação, notas de resgate, cartas de amor aos rapazes que vira na sala de aula e a quem não tivera coragem para falar, as quais nunca enviei. Claro que sonhava com encontros com a equipa de futebol, mas o meu verdadeiro sonho era, um dia, escrever alguma coisa que as pessoas realmente lessem.*

No quarto trimestre do meu último ano, apenas me candidatei a um emprego, mas era bom, porque ficava a mil quilómetros do Mississípi. Empilhando vinte e duas moedas na cabina do Oxford Mart, pedi informações sobre um cargo de editora na Harper & Row, na 33rd Street, em Manhattan. Vira o anúncio no *The New York Times*, na biblioteca de Ole Miss e enviei-lhes o meu currículo no mesmo dia. Num assomo de esperança chegara a ligar por causa de um apartamento na East 85th Street, um quarto com placa quente por quarenta e cinco dólares mensais. A Delta Airlines informou-me de que um bilhete de ida para o Aeroporto de Idlewild me custaria setenta e três dólares. Não tinha o bom senso de me candidatar a mais de um emprego de cada vez e nunca obtive qualquer resposta deles.

Os meus olhos desviaram-se para PROCURA-SE: MASCULINO

Havia pelo menos quatro colunas a pedir gestores bancários, contabilistas, responsáveis de créditos, operadores de recolha de algodão. Deste lado da página, a Percy & Gray oferece aos estenógrafos juniores mais cinquenta cêntimos por hora.

— Menina Skeeter, tem uma chamada — ouço a Pascagoula gritar do fundo das escadas. Desço até ao único telefone da casa. A Pascagoula segura o auscultador. É pequena como uma criança, não chega a medir um metro e meio, e preta como a noite. Tem o cabelo encaracolado, agarrado à cabeça, e o vestido branco da farda foi feito à medida para os seus braços e pernas curtos.

— A senhora Hilly ao telefone para si — diz, passando-me o telefone com a mão molhada.

Sento-me na mesa branca de ferro. A cozinha é grande, quadrada e está quente. Azulejos de linóleo brancos e pretos, estalados em alguns sítios, gastos diante do lava-loiça. A nova máquina de lavar loiça está a meio da divisão, ligada a uma mangueira esticada desde a torneira.

— Ele vem na próxima semana — diz a Hilly. — No sábado à noite. Estás livre?

— Bolas, deixa-me ver a agenda — digo. Qualquer vestígio da nossa discussão no clube de brídege desapareceu da voz da Hilly. Fico suspeitosa, mas aliviada.

— Nem acredito que vai *finalmente* acontecer — diz a Hilly, porque tenta há meses que me encontre com o primo do marido. Está determinada a isso, apesar de ele ser demasiado bonito para mim, já para não dizer que é filho de um senador estadual.

— Não achas que nos devíamos... conhecer primeiro? — pergunto. — Antes de sairmos juntos?

— Não fiques nervosa. Eu e o William ficaremos ao pé de vocês o tempo todo.

Suspiro. O encontro já foi cancelado duas vezes. A única esperança que tenho é que seja novamente adiado. E, contudo, sinto-me lisonjeada por a Hilly acreditar tanto que alguém como ele se interesse por uma pessoa como eu.

— Ah, e preciso que passes por aqui para leares umas notas — continua a Hilly. — Quero a minha iniciativa no próximo boletim, e uma página inteira para as fotografias.

Calo-me por momentos. — Aquela coisa das casas de banho? — Embora ela só tivesse falado nisso há alguns dias no clube de brídege, esperei que estivesse esquecido.

— Chama-se Iniciativa Sanitária do Pessoal Doméstico — *William Júnior, vai para baixo ou arranco-te o cabelo, Yule May chega aqui* —, e quero-a publicada esta semana.

Sou editora do boletim da Liga. Mas a Hilly é a presidente. E quer dizer-me o que devo publicar.

— Vou ver. Não sei se há espaço — minto.

Do lava-loiça, a Pascagoula olha-me de relance, como se pudesse ouvir o que a Hilly está a dizer. Olho para a casa de banho da Constantine, que agora é da Pascagoula. Fica ao lado da cozinha. A porta está entreaberta e posso ver uma divisão minúscula, com uma sanita, um autoclismo por cima, uma lâmpada com um quebra-luz de plástico amarelecido. O pequeno lavatório no canto mal dá para um copo de água. Nunca estive lá dentro. Quando éramos miúdos, a mãe ameaçou que nos bateria se entrássemos na casa de banho da Constantine. Sinto a falta da Constantine como nunca senti a falta de nada na minha vida.

— Então arranja espaço — diz a Hilly. — Porque isto é extremamente importante.

...

A Constantine vivia a cerca de um quilómetro e meio da nossa casa, num pequeno bairro negro chamado Hotstack, que era o nome da fábrica de alcatrão que ali existia. A estrada para Hotstack percorre o limiar norte da nossa fazenda e lembro-me, desde sempre, de ver miúdos negros a andar e brincar ao longo desse quilómetro e meio, pontapeando a terra vermelha, calcorreando o caminho até à grande Estrada 49 do Condado para apanhar uma boleia.

Eu própria costumava percorrer esse quente quilómetro e meio quando era miúda. Se pedisse muito e estudasse o catecismo, a mãe às vezes deixava-me ir para casa com a Constantine às sextas-feiras à tarde. Depois de vinte minutos a caminhar lentamente, passávamos pelo barateiro negro, depois por uma mercearia com galinhas nas traseiras e, ao longo de todo o caminho, por dezenas de casas à berma de estrada, de aspeto decrépito, com telhados de zinco e alpendres inclinados; havia uma, amarela, onde se dizia que vendiam uísque nas traseiras. Era empolgante estar num mundo tão diferente e eu sentia-me penosamente consciente de como os meus sapatos eram bons, como estava lavado o meu vestido branco que a Constantine engomara. Quanto mais nos aproximávamos da casa da Constantine, mais ela sorria.

— Olá, Carl Bird — gritava a Constantine ao vendedor de raízes, sentado na sua cadeira de baloiço na traseira do camião. Havia sacos de sassafráz e de raiz de alcaçuz abertos, à espera de compradores, e na altura em que eu e a Constantine nos assomávamos para eles, o corpo da Constantine estava a desconjuntar-se, solto nas articulações. Ela não era só alta, era robusta. Também tinha ancas largas e os joelhos davam-lhe problemas constantes. Junto do cepo na esquina da rua dela, colocava no lábio uma pitada de rapé *Happy Days* e cuspiam-o direito como uma seta. Deixava-me espreitar o pó preto dentro da lata redonda, mas dizia-me, «Não vás contar à tua mãe.»

Havia sempre cães sarnentos, de barrigas ocas, estendidos na estrada. De um alpendre, uma jovem negra chamada Cat-Bite<sup>3</sup> costumava gritar: «Menina Skeeter! Dê os meus cumprimentos ao seu pai. Diga-lhe que estou bem.» Fora o meu próprio pai que lhe dera aquele nome alguns anos antes. Passara por ali e vira um gato raivoso atacar uma meni-

---

<sup>3</sup> Mordida de gato.

na negra. «O gato quase a comia», disse-me o pai depois. Matara o gato, levara a rapariga ao médico e pagou-lhe o tratamento durante os vinte e um dias em que precisou de levar as injeções contra a raiva.

Um pouco mais à frente, chegávamos a casa da Constantine. Consistia em três divisões, não havia tapetes e eu observava a única fotografia que ela tinha, a de uma rapariga branca que me disse ter cuidado durante vinte anos em Port Gibson. Eu estava certa de saber tudo acerca da Constantine — tinha uma irmã e crescera numa parceria agrícola em Corinth, no Mississípi. Os pais tinham morrido. Não comia carne de porco e usava vestidos 44 e sapatos de senhora 43. Porém, olhava para o sorriso dentuço da criança na fotografia sentindo-me um pouco ciumenta, perguntando-me por que motivo não tinha também uma fotografia minha.

De vez em quando, duas raparigas que moravam na casa ao lado, vinham brincar comigo. Chamavam-se Mary Nell e Mary Roan. Eram tão pretas que eu não as conseguia distinguir e chamava Mary às duas.

— Deves ser simpática para as duas pretinhas quando estás lá — disse-me a mãe uma vez e lembro-me de olhar para ela, surpreendida, e dizer «Porque não haveria de ser?», mas a mãe nunca me explicou.

Depois de cerca de uma hora, o pai aparecia, saía do carro e dava um dólar à Constantine. Esta nunca o convidou a entrar. Mesmo nessa altura, eu compreendia que estávamos no território da Constantine e que, em casa dela, não precisava de ser simpática para ninguém. Depois, o pai deixava-me ir à loja dos negros tomar uma bebida fresca ou comer um chupa-chupa.

— Agora, não vás dizer à mãe que dei mais dinheiro à Constantine.

— Está bem, pai — dizia eu. Deve ser o único segredo que eu e o meu pai alguma vez partilhámos.

A primeira vez que alguém me chamou feia, tinha treze anos. Foi um amigo rico do meu irmão Carlton, que viera treinar tiro no campo.

— Porque estás a chorar, rapariga? — perguntou-me a Constantine na cozinha.

Contei-lhe o que o rapaz me chamara, com as lágrimas a correrem pela cara abaixo.

— Bem, e és?

Pisquei os olhos, interrompendo o choro.

— Sou o quê?

— Presta atenção, Eugenia. — A Constantine era a única que, ocasionalmente, seguia a regra da mãe. — A fealdade reside no interior. Feia é uma pessoa má, que magoa os outros. Tu és assim?

— Não sei. Acho que não — solucei.

A Constantine sentou-se ao meu lado, à mesa da cozinha. Ouvi os estalos das suas articulações inchadas. Pressionou com força o polegar na palma da minha mão, algo que ambas sabíamos que significava *Escuta-me*.

— Todas as manhãs, até estares morta e enterrada, tens de tomar esta decisão. — A Constantine estava tão perto de mim que conseguia ver a negrura das suas gengivas. — Tens de perguntar a ti mesma, *Irei acreditar no que aqueles idiotas disserem acerca de mim hoje?*

Manteve o polegar pressionado contra a minha mão. Acenei com a cabeça, para mostrar que compreendia. Eu era suficientemente inteligente para saber que ela estava a falar dos brancos. E, embora ainda me sentisse bastante infeliz e soubesse que, muito provavelmente, era feia, era a primeira vez que ela falava comigo como se eu fosse mais alguma coisa, além da filha branca da minha mãe. Toda a vida me disseram em que devia acreditar relativamente a política, pretos, ser rapariga. Com o polegar da Constantine a fazer força na minha mão, percebi que, na verdade, podia acreditar naquilo que quisesse.

Constantine vinha trabalhar para nossa casa às seis da manhã e, no tempo das colheitas, chegava às cinco. Assim podia arranjar os biscoitos com molho de carne para o pai antes de ele partir para os campos. Quase todos os dias eu acordava com ela na cozinha e o Pregador Green na rádio que estava em cima da mesa. Assim que me via, sorria, «Bom dia, rapariga bonita!» Eu sentava-me à mesa da cozinha e contava-lhe o que tinha sonhado. Ela afirmava que os sonhos prediziam o futuro.

— Eu estava no sótão, a olhar para a quinta — contava-lhe. — Via as copas das árvores.

— Vais ser neurocirurgiã! O cimo da casa representa a cabeça.

A mãe tomava o pequeno-almoço cedo, na sala de jantar, depois ia para a sala de repouso para bordar ou escrever cartas a missionários em África. Da sua cadeira de braços verde, via toda a gente em quase

todo o lado da casa. Era impressionante o que conseguia processar acerca da minha aparência na fração de segundo que eu demorava a passar diante da porta dela. Eu costumava correr, sentindo-me um alvo grande e vermelho ao qual a mãe lançava setas.

— Eugenia, sabes que não se come pastilha elástica nesta casa.

— Eugenia, vai pôr álcool nessa nódoa.

— Eugenia, vai lá acima e penteia o cabelo, e se temos uma visita inesperada?

Aprendi que as meias são um meio de transporte mais furtivo que os sapatos. Aprendi a usar a porta das traseiras. Aprendi a usar chapéus, a cobrir a cara com as mãos quando passava. Mas, principalmente, aprendi a manter-me na cozinha.

Em Longleaf, um mês de verão podia estender-se ao longo de anos. Não tinha amigos que aparecessem lá todos os dias — vivíamos demasiado afastados para termos vizinhos brancos. Na cidade, a Hilly e a Elizabeth passavam todo o fim de semana a entrar e a sair de casa uma da outra, enquanto eu só podia passar uma noite fora ou ter companhia de duas em duas semanas. Fartava-me de reclamar por causa disto. Muitas vezes dava a Constantine por garantida, mas acho que sabia, em geral, a sorte que tinha por ela estar ali.

Aos catorze anos, comecei a fumar. Roubava os cigarros dos maços de *Marlboro* que o Carlton guardava na gaveta da cómoda. Ele tinha quase dezoito anos e ninguém se importava que fumasse há anos em toda a casa ou nos campos, com o pai. O pai às vezes fumava cachimbo, mas não cigarros, e a mãe não fumava nada, embora a maior parte das suas amigas o fizesse. A mãe disse-me que não podia fumar antes dos dezassete anos.

Então, esgueirava-me para o pátio das traseiras e sentava-me no baloiço de borracha, escondida pelo enorme e velho carvalho. Ou, à noite, debruçava-me da janela do meu quarto para fumar. A mãe tinha olhos de águia, mas não tinha praticamente olfato nenhum. A Constantine, essa, percebia logo. Semicerrava os olhos, com um sorrisinho, mas não dizia nada. Se a mãe se dirigisse para o alpendre das traseiras enquanto eu estava atrás da árvore, a Constantine corria lá para fora e batia com o cabo da vassoura no corrimão de ferro das escadas.

— Constantine, que estás a fazer? — perguntava a mãe, mas nessa altura eu já apagara o cigarro e enfiara a beata no buraco da árvore.

— Só estou a limpar esta vassoura velha, senhora Charlotte.

— Bem, arranja uma maneira de o fazeres com menos barulho, por favor. Oh, Eugenia, que se passa, cresceste mais dois centímetros durante a noite? Que te hei de fazer? Vai pôr um vestido que te sirva.

— Sim, minha senhora — dizíamos eu e a Constantine ao mesmo tempo e sorriámos furtivamente uma para a outra.

Oh, era delicioso ter alguém com quem partilhar segredos. Se eu tivesse tido uma irmã ou irmão mais próximo da minha idade, acho que teria sido assim. Porém, não se tratava só de fumar ou de enganar a mãe. Era ter alguém a cuidar de mim depois de a minha mãe se apoquentar praticamente até à morte por eu ser anormalmente alta e frisada e esquisita. Alguém cujos olhos diziam, simplesmente, *Para mim, estás bem*.

Contudo, falar com ela nem sempre era pera doce. Quando eu tinha quinze anos, uma rapariga nova apontara para mim e perguntara, «Quem é a cegonha?». Até a Hilly disfarçara um sorriso antes de me empurrar para outro lado, como se não a tivéssemos ouvido.

— Que altura tens, Constantine? — perguntei, incapaz de esconder as lágrimas.

A Constantine semicerrrou os olhos.

— E tu?

— Um metro e oitenta — chorei. — Já sou mais alta que o treinador da equipa de basquetebol masculina.

— Bem, eu tenho um metro e oitenta e cinco, por isso para de ter pena de ti.

A Constantine foi a única mulher que eu, para olhar nos olhos, tinha de levantar a cabeça.

O que se notava primeiro na Constantine, além da sua altura, eram os olhos. Eram castanhos claros, um tom surpreendente de mel em contraste com a sua pele negra. Nunca vi olhos castanhos claros numa pessoa negra. De facto, os tons de castanho eram infindáveis na Constantine. Tinha os cotovelos absolutamente negros, com uma poeira branca seca no Inverno. A pele dos braços, do pescoço e da cara era ébano escuro. As palmas das mãos eram alaranjadas e acho que as plantas dos pés também deviam ser, mas nunca a vi descalça.

— Este fim de semana, estaremos só as duas — disse ela com um sorriso.

Era o fim de semana em que os pais iam levar o Carlton a LSU e Tulane. O meu irmão ia para a universidade no ano seguinte. Nessa manhã, o pai levava o divã para a cozinha, ao lado da casa de banho dela. Era ali que a Constantine dormia sempre que passava a noite lá em casa.

— Vai ver o que arranjei — disse ela, apontando para o armário das vassouras. Fui lá, abri a porta e vi, enfiado no seu saco, um puzzle de quinhentas peças com uma fotografia do Monte Rushmore. Era a coisa que mais gostávamos de fazer quando ela passava lá a noite.

Nessa noite, ficámos sentadas durante horas, comendo amendoins, escolhendo as peças espalhadas em cima da mesa da cozinha. Lá fora havia uma tempestade, mas a divisão estava acolhedora. A lâmpada da cozinha diminuiu de intensidade e depois voltou a brilhar.

— Qual é este? — perguntou a Constantine, analisando a caixa do puzzle através dos seus óculos de aros pretos.

— É o Jefferson.

— Ah, claro que é. E este?

— Esse... — Debrucei-me. — Esse acho que é... o Roosevelt.

— O único que reconheço é o Lincoln. É parecido com o meu pai.

Detive-me, com uma peça do puzzle na mão. Tinha catorze anos e nunca tivera menos que a nota máxima. Era inteligente, mas ingénua ao máximo. A Constantine pousou a tampa da caixa e voltou a observar as peças.

— Porque o teu pai era assim tão... alto? — perguntei.

Ela riu-se.

— Porque o meu pai era branco. Na altura, saio à minha mãe.

Pouso a peça.

— O teu pai era branco e a tua mãe... de cor?

— Sim — disse ela, e sorriu, juntando duas peças.

Eu tinha tantas perguntas — *Quem era ele? Onde estava?* Sabia que não era casado com a mãe de Constantine, porque isso era contra a lei. Tirei um cigarro do maço que levava para cima da mesa. Tinha catorze anos, mas, sentindo-me muito crescida, acendi-o. Quando o fiz, a luz do teto diminuiu para um castanho sujo e sombrio, zumbindo levemente.

— Oh, o meu pai amava-me! Dizia sempre que eu era a sua favorita. — Recostou-se na cadeira. — Ia lá a casa todos os sábados à tarde e, uma vez, deu-me um conjunto de dez fitas para a cabeça, de



dez cores diferentes. Trouxe-as de Paris, feitas em seda japonesa. Eu ficava sentada ao colo dele desde o minuto em que ele chegava até se ir embora. A mãe passava Bessie Smith na *Victrola* que ele me trouxera e eu cantava com ele:

*It's mighty strange, without a doubt  
Nobody knows you when you're down and out*

Eu ouvia estupidificada, de olhos arregalados, arrebatada pela voz dela, à meia-luz. Se o chocolate fosse um som, seria o da voz da Constantine a cantar. Se cantar fosse uma cor, seria a cor desse chocolate.

— Uma vez, eu estava a chorar, cheia de ressentimentos, acho que tinha um rol de coisas pelas quais estar chateada, pobreza, banhos frios, dentes podres, não sei. Ele segurou-me a cabeça e abraçou-me durante mais tempo do que alguma vez abraçara. Quando olhei para cima, também estava a chorar e... fez aquilo que eu costumo fazer-te, para saberes que estou a falar a sério. Pressionou o polegar na minha mão e pediu-me... desculpa.

Quedámo-nos ali, olhando as peças do puzzle. A mãe não gostaria que eu soubesse disto, que o pai da Constantine era branco, que lhe pedira desculpa por as coisas serem como eram. Era algo que eu não devia saber. Senti que a Constantine me fizera uma dádiva.

Acabei o cigarro e apaguei-o no cinzeiro de prata das visitas. A luz voltou a brilhar. A Constantine sorriu-me e eu devolvi-lhe o sorriso.

— Como é que nunca me tinhas dito isso? — perguntei, fitando-lhe os olhos castanhos-claros.

— Não te posso dizer tudo, Skeeter.

— Porquê? — Ela sabia tudo acerca de mim, da minha família. Porque haveria de lhe esconder alguma coisa?

Ela olhou-me e vi uma tristeza profunda e amarga dentro dela. Passado um momento, disse:

— Há algumas coisas que tenho de guardar para mim.

Ao chegar a minha vez de ir para a universidade, a mãe chorou copiosamente quando eu e o pai saímos na carrinha. Mas eu senti-me livre. Estava fora da fazenda, longe das suas críticas. Queria perguntar à mãe: *Não estás contente? Não estás aliviada por já não teres de te angustiar todos os dias?* Mas a mãe parecia muito triste.

Eu era a pessoa mais feliz na minha residência do primeiro ano. Escrevia cartas à Constantine uma vez por semana, falando-lhe do meu quarto, das aulas, da irmandade. Enviava as cartas para a fazenda, porque o correio não chegava a Hotstack, e tinha de confiar que a mãe não as abria. Duas vezes por mês, a Constantine respondia-me em papel de pergaminho dobrado dentro de um envelope. A letra dela era grande e maravilhosa, embora tivesse um ângulo inclinado. Contava-me todos os pormenores mundanos de Longleaf: *As minhas dores nas costas vão mal, mas o pior são os pés, ou, a varinha saltou da tigela e voou como louca pela cozinha e a gata guinchou e fugiu. Nunca mais a vi.* Contava-me que o pai estava com gripe ou que a Rosa Parks ia falar à igreja dela. Perguntava-me muitas vezes se estava feliz e pedia pormenores. As nossas cartas eram como uma longa conversa, com perguntas e respostas de um lado para o outro, continuando cara a cara no Natal ou entre as sessões escolares de verão.

As cartas da mãe diziam, *Diz as tuas orações e Não uses saltos, que te fazem demasiado alta*, agrafadas a um cheque de trinta e cinco dólares.

Em abril do meu último ano, chegou uma carta da Constantine que dizia: *Tenho uma surpresa para ti, Skeeter. Estou tão empolgada que quase não me contendo. E escusas de perguntar. Verás quando voltares para casa.*

Foi próximo dos exames finais, apenas a um mês da graduação. E foi essa a última carta que recebi da Constantine.

Escapei-me à minha cerimónia de graduação em Ole Miss. Todas as minhas amigas íntimas haviam abandonado o curso para se casar e achei que não valia a pena obrigar o pai e a mãe a viajarem de carro durante três horas só para me verem atravessar um estrado, quando o que a mãe queria mesmo era ver-me desfilar pela nave da igreja. Como ainda não tivera notícias da Harper & Row, em vez de comprar um bilhete de avião para Nova Iorque, voltei para Jackson no *Buick* da Kay Turner, do segundo ano, espremida no banco da frente entre a minha máquina de escrever e o vestido de noiva dela. A Kay Turner ia casar-se com o Percy Stranhope no mês seguinte. Ouvi durante três horas as preocupações dela com os sabores do bolo.

Quando cheguei a casa, a mãe deu um passo atrás para me ver melhor.

— Bem, a tua pele está ótima... mas o teu cabelo... — suspirou e abanou a cabeça.

— Onde está a Constantine? — perguntei. — Na cozinha?

Como se estivesse a apresentar o boletim meteorológico, a mãe disse:

— A Constantine já não trabalha aqui. Agora vamos desfazer essas malas todas antes que se estrague a roupa.

Virei-me para ela e pisquei os olhos. Achava que não tinha ouvido bem.

— Que disseste?

A mãe endireitou-se, alisando o vestido.

— A Constantine foi-se embora, Skeeter. Foi viver com a família dela em Chicago.

— Mas... o quê? Nas cartas, nunca me falou de Chicago.

Sabia que não era essa a surpresa dela. Ela ter-me-ia dado imediatamente essas horríveis notícias.

A mãe respirou fundo e endireitou as costas.

— Disse à Constantine para não te escrever acerca da sua partida. Estavas a meio dos exames finais. E se chumbasses e tivesses de ficar lá mais um ano? Sabe Deus, quatro anos na faculdade é mais do que suficiente.

— E ela... concordou com isso? Não me escrever a dizer que se ia embora?

A mãe desviou o olhar e suspirou.

— Falamos disso mais tarde, Eugenia. Vem à cozinha para te apresentar a nova criada, Pascagoula.

Mas não segui a mãe para a cozinha. Olhei para os meus baús da universidade, aterrorizada com a ideia de desfazer as malas aqui. A casa parecia enorme, vazia. Lá fora, uma ceifeira-debulhadora rugia num campo de algodão.

Em setembro, perdera qualquer esperança, não só de receber notícias da Harper & Row, como de voltar a ver a Constantine. Ninguém parecia saber nada, nem como poderia encontrá-la. Finalmente, deixei de perguntar às pessoas por que razão Constantine partira. Era como se tivesse, simplesmente, desaparecido. Tive de admitir que a Constantine, a única verdadeira aliada que possuía, me deixara entregue à minha sorte no meio daquela gente.

## CAPÍTULO 6

Numa quente manhã de setembro, acordo na minha cama de criança, enfio as sandálias que o meu irmão, Carlton, me trouxe do México. Um sandália de homem, já que, evidentemente, os pés das raparigas mexicanas não crescem até ao 41. A mãe odeia-as, acha-as vulgares.

Por cima da camisa de dormir visto uma das velhas camisas do pai e esgueiro-me pela porta da frente. A mãe está no alpendre das traseiras com a Pascagoula e o Jameso, a tirar ostras das conchas.

— Não se pode deixar um negro e uma negra juntos sem vigilância — disse-me a mãe baixinho, há muito tempo. — A culpa não é deles, simplesmente não podem evitá-lo.

Desço as escadas para ver se o exemplar que encomendei de *À Espera no Centeio* está na caixa do correio. Encomendo sempre os livros proibidos a um negociante do mercado negro na Califórnia, deduzindo que, se o estado do Mississipi os baniu, devem ser bons. Quando chego ao fundo da rampa, tenho as sandálias e os tornozelos cobertos de uma fina poeira amarela.

De ambos os lados, os campos verdes de algodão resplandecem, gordos de cápsulas. O pai perdeu os campos das traseiras no mês passado, por causa da chuva, mas a maioria floresceu sem dano. As folhas estão a ficar manchadas de castanho por causa do desfolhador, e ainda sinto o cheiro acre do químico no ar. Não há carros na County Road. Abro a caixa do correio.

E ali, por baixo da *Ladie's Home Journal* da mãe, está uma carta endereçada a Eugenia Phelan. No canto, a vermelho, diz Harper & Row, Publishers. Abro-a mesmo ali, vestida apenas com a minha camisa de dormir comprida e a velha camisa *Brooks Brothers* do pai.

4 de setembro de 1962

*Cara menina Phelan,*

*Respondo pessoalmente ao envio do seu currículo porque achei admirável uma jovem sem qualquer experiência de trabalho candidatar-se a um emprego de editor numa casa de tanto prestígio como a nossa. Para este posto, exige-se um mínimo de cinco anos de experiência. Sabê-lo-ia, se tivesse feito alguma pesquisa acerca do setor.*

*Contudo, tendo eu própria sido outrora uma jovem ambiciosa, decidi oferecer-lhe alguns conselhos: vá ao jornal da sua localidade e peça um emprego para começar. Disse na sua carta que «gostava imensamente de escrever». Quando não estiver a fazer cópias ou a arranjar café para o seu chefe, olhe à sua volta, investigue e escreva. Não perca o seu tempo com as coisas óbvias. Escreva acerca daquilo que a perturba, principalmente se isso não incomodar mais ninguém.*

*Com os melhores cumprimentos*

*Elaine Stein, Editora Sênior, Divisão de Livros para Adultos*

Mais abaixo vem uma nota escrita à mão, em gatafunhos azuis entrecortados:

*P.S. Se está mesmo a falar a sério, gostaria de analisar as suas melhores ideias e dar a minha opinião. Ofereço-me para fazer isto, menina Phelan, simplesmente porque, em tempos, alguém fez o mesmo por mim.*

Um camião carregado de algodão retumba na County Road. O negro do lado do passageiro debruça-se e espreita para fora. Esqueci-me que sou uma rapariga branca com uma fina camisa de noite. Acabei de receber correspondência, talvez mesmo incentivo, da cidade de Nova Iorque e digo o nome em voz alta: «Elaine Stein.» Nunca conheci uma pessoa judia.

Subo rapidamente a rampa, tentando evitar que a carta abane na minha mão. Não quero que fique amarrotada. Subo as escadas a correr, com a mãe a gritar-me que tire estes feios sapatos de homem mexi-

canos, e atiro-me ao trabalho de escrever todas as malditas coisas que me aborrecem na vida, principalmente aquelas que não parecem perturbar mais ninguém. As palavras de Elaine Stein correm-me como prata quente pelas veias e escrevo à máquina o mais depressa que consigo. Revela-se uma lista espetacularmente longa.

No dia seguinte, estou pronta para enviar a minha primeira carta a Elaine Stein, com a lista das ideias que me pareciam material jornalístico de valor: a prevalência do analfabetismo no Mississípi; o elevado número de acidentes com condutores embriagados no nosso condado; as oportunidades limitadas de emprego para as mulheres.

Só depois de ter enviado a carta percebi que, provavelmente, escolhera os temas que a impressionariam e não aqueles que, efetivamente, me interessavam.

Respiro fundo e empurro a pesada porta de vidro. Uma pequena campanha feminina badala um cumprimento. Uma rececionista pouco feminina observa-me. É enorme e parece desconfortável na pequena cadeira de madeira.

— Bem-vinda ao *Jackson Journal*. Em que posso ajudá-la?

Marcara a minha entrevista dois dias antes, menos de uma hora depois de ter recebido a carta de Elaine Stein. Solicitei uma entrevista para qualquer posto que tivessem. Fiquei surpreendida por me marcarem uma entrevista tão depressa.

— Estou aqui para falar com o senhor Golden, por favor.

A rececionista caminha lá para trás como um pato, no seu vestido semelhante a uma tenda. Tento acalmar a tremura das mãos. Espreito pela porta aberta para uma sala pequena, com painéis de madeira. Lá dentro, quatro homens de fato golpeiam as máquinas de escrever e arranham papéis com os lápis. Estão dobrados, macilentos, três deles apenas com uma ferradura de cabelo. A sala parece gaze devido ao fumo dos cigarros.

A rececionista reaparece, com um cigarro pendurado dos dedos, e faz-me sinal para que a acompanhe.

— Venha cá atrás.

Apesar dos meus nervos, a única coisa em que consigo pensar é na velha regra da universidade, *Uma Chi Omega nunca caminha com um cigarro na mão*. Sigo-a através das secretárias dos homens, que ficam a olhar, e pelo meio do fumo, até um escritório interior.

— Feche essa porta — grita o senhor Golden assim que abro a porta e entro. — Não deixe a porcaria do fumo entrar aqui.

O senhor Golden põe-se de pé por trás da secretária. Mede menos uns quinze centímetros que eu e é mais jovem que os meus pais. Tem dentes compridos, uma expressão desdenhosa e os cabelos pretos gordurosos de um homem malévolo.

— Não ouviu? — perguntou-me. — Anunciaram na semana passada que os cigarros matam.

— Não ouvi. — Só esperava que não tivesse saído na primeira página do jornal dele.

— Bolas, conheço negros com cem anos que têm um aspeto mais jovem que estes atrasados mentais. — Senta-se outra vez, mas eu fico de pé porque não há mais cadeiras na sala.

— Muito bem, vejamos o que trouxe.

Estendo-lhe o meu currículo e alguns artigos de amostra que escrevi na escola. Cresci com o *Journal* em cima da nossa mesa da cozinha, aberto nas notícias agrícolas ou na página de desporto local. Raramente tive tempo para o ler.

O senhor Golden não se limita a olhar para os meus artigos. Corrige-os com um lápis vermelho.

— Editora do *Murrah High* três anos, editora do *Rebel Rouser* dois anos, editora do *Chi Omega* três anos, dupla especialização em Inglês e Jornalismo, acabou o curso em quanto... *bolas*, rapariga — murmura —, não se divertiu *nada*?

Pigarreio.

— Isso... é importante?

Ele ergue o olhar para mim.

— Você é particularmente alta, mas julgaria que uma rapariga tão bonita teria namorado a equipa de basquetebol inteira.

Olho-o, sem saber se está a gozar comigo ou a elogiar-me.

— Calculo que saiba limpar... — Volta a olhar para os meus artigos, atinge-os com violentas marcas vermelhas.

O meu rosto fica, de repente, corado e quente.

— Limpar? Não estou aqui para limpar. Estou aqui para *escrever*.

O fumo dos cigarros infiltra-se por baixo da porta. É como se o local estivesse todo a arder. Sinto-me tão estúpida por ter pensado que podia chegar ali e arranjar emprego como jornalista.

Suspira fortemente e estende-me uma grossa pasta de papéis.

— Acho que servirá. A menina Myrna ficou-nos maluquinha de todo, bebeu laca do cabelo ou algo assim. Leia os artigos e escreva as respostas como ela, ninguém dará pela diferença.

— Eu... o quê? — Pego na pasta porque não sei que outra coisa fazer. Não tenho ideia de quem é esta menina Myrna. Coloco a única pergunta segura em que consigo pensar.

— Quanto... disse que seria o salário?

Lança-me um sorriso surpreendentemente apreciador, desde os meus sapatos rasos até ao meu penteado achatado. Um qualquer instinto adormecido diz-me que devo sorrir, alisar o cabelo com a mão. Sinto-me ridícula, mas faço-o.

— Oito dólares, todas as segundas-feiras.

Aceno com a cabeça, tentando arranjar uma maneira de lhe perguntar qual é o trabalho sem me denunciar.

Ele debruça-se para a frente.

— Sabe quem é a menina Myrna, não sabe?

— Claro... Nós, raparigas, lemo-la sempre — respondo e, mais uma vez, olhamo-nos durante tempo suficiente para um telefone longínquo tocar três vezes.

— E então? Oito não é suficiente? Bolas, mulher, vá lavar a casa de banho do seu marido de borla.

Mordo o lábio. Mas antes de poder dizer alguma coisa, ele arregala os olhos.

— Está bem, *dez*. Tem de entregar às quintas-feiras. Se não gostar do seu estilo, não publico e não lhe pago nada.

Pego na pasta e agradeço-lhe mais do que provavelmente devia. Ele ignora-me, pega no telefone e faz uma chamada antes de eu ter tempo de sair. Quando entro no carro, afundo-me no couro macio dos bancos do *Cadillac*. Fico ali sentada a sorrir, lendo as folhas da pasta.

Tinha um *emprego*.

Entro em casa mais direita do que alguma vez andara desde os doze anos, antes do meu surto de crescimento. Estou a tinir de orgulho. Embora cada célula do meu cérebro me aconselhe o contrário, não consigo resistir a contar à mãe. Vou para a sala de repouso e conto-lhe como consegui um emprego a escrever menina Myrna, a coluna semanal de aconselhamento acerca de limpezas.

— Oh, que ironia! — Solta um suspiro que significa que, nestas



condições, a vida não merece ser vivida. A Pascagoula arrefece-lhe o chá.

— Pelo menos, é um princípio — digo.

— Um princípio de quê? Dar conselhos sobre a manutenção de uma casa quando... — volta a suspirar, longa e lentamente, como um pneu furado.

Desvio o olhar, perguntando-me se toda a gente da cidade pensará a mesma coisa. A alegria já está a esmorecer.

— Eugenia, tu nem sequer sabes polir pratos, muito menos dar conselhos sobre manter uma casa limpa.

Abraço a pasta de encontro ao peito. Ela tem razão, eu não saberei responder a nenhuma das perguntas. Mesmo assim, acho que ela devia, pelo menos, orgulhar-se de mim.

— Além disso, sentada àquela máquina de escrever, nunca encontrarás ninguém. Eugenia, tem juízo.

A raiva sobe-me pelos braços. Volto a endireitar-me.

— Achas que *quero* viver aqui? *Contigo*? — Rio-me de uma maneira que espero que a magoe.

Vejo a mágoa súbita nos seus olhos. O golpe fá-la cerrar os lábios. Mesmo assim, não tenho vontade de retirar o que disse porque finalmente, *finalmente*, disse qualquer coisa que ela ouviu.

Fico ali, recuso-me a partir. Quero ouvir o que ela dirá agora. Quero ouvi-la pedir desculpa.

— Preciso de te perguntar uma coisa, Eugenia. — Torce o lenço das mãos, faz um esgar. — No outro dia li acerca de algumas... algumas raparigas que ficam desequilibradas e começam a ter aqueles... bem, aqueles pensamentos que *não são naturais*.

Não faço ideia do que está a falar. Olho para a ventoinha do teto. Alguém a colocou numa velocidade demasiado rápida. Clique-claque-clique...

— Tu és... tu achas os homens atraentes? Tens alguns pensamentos não naturais com... — Fecha os olhos com força. — Raparigas, ou mulheres?

Olho para ela, desejando que a ventoinha voe do teto e nos caia em cima.

— Porque aquele artigo dizia que há uma cura, um chá de uma raiz especial...

— Mãe — digo, fechando os olhos. — Interessa-me tanto estar

com raparigas como a ti te interessa estar com... *o Jameso* — Encaminho-me para a porta. Mas olho para trás. — Isto é, a não ser que te interesse.

A mãe endireita-se, arqueja. Subo as escadas rapidamente.

No dia seguinte, empilho as cartas da menina Myrna, muito direitas. Tenho trinta e cinco dólares na carteira, o dinheiro que a mãe ainda me dá por mês. Desço as escadas com um intenso sorriso cristão. Vivendo ali, sempre que quero sair de Longleaf tenho de pedir à mãe que me empreste o carro. O que significa que ela vai perguntar aonde vou. O que significa que tenho de lhe mentir diariamente, o que é ao mesmo tempo agradável e um bocadinho degradante.

— Vou à igreja, ver se precisam de alguma ajuda a preparar a catequese.

— Oh, querida, que maravilha. Fica com o carro o tempo que quiseres.

Decidi, na noite passada, que o que me faz falta para escrever a coluna é o apoio de uma profissional. A minha primeira ideia foi pedi-lo à Pascagoula, mas mal a conheço. Além disso, não suporto a ideia da mãe a meter o nariz, sempre a criticar-me. A criada da Hilly, Yule May, é tão tímida que duvido que queira ajudar-me. A única criada além delas que vejo muitas vezes é a da Elizabeth, Aibileen. De certa forma, a Aibileen faz-me lembrar a Constantine. Além disso, é mais velha e parece ter muita experiência.

No caminho para casa da Elizabeth passo pela loja de Ben Franklin e compro uma prancheta, uma caixa de lápis número dois, um caderno com capa de tecido azul. A minha primeira coluna tem de estar amanhã, às duas horas, em cima da secretária do senhor Golden.

— Skeeter, entra.

É a própria Elizabeth que abre a porta e temo que a Aibileen não tenha vindo trabalhar hoje. Está vestida com um roupão de banho azul e tem rolos gigantes que fazem com que a sua cabeça pareça enorme e o corpo ainda mais magro do que é. Normalmente a Elizabeth anda com rolos todo o dia, nunca consegue que o cabelo tenha volume suficiente.

— Desculpa estar com este aspeto. A Mae Mobley manteve-me a pé metade da noite e nem sequer sei para onde foi a Aibileen.

Entro para o minúsculo *foyer*. É uma casa de tetos baixos, com di-

visões pequenas. Parece tudo em segunda-mão — as cortinas de flores azul desbotado, a cobertura torta em cima do sofá. Ouvi dizer que o novo escritório de contabilidade do Raleigh não vai muito bem. Talvez em Nova Iorque ou noutro sítio seja uma boa ideia, mas em Jackson, Mississípi, as pessoas não estão para negociar com um idiota rude e complacente.

O carro da Hilly está em frente da casa, mas não a vejo em lado nenhum. A Elizabeth está sentada à máquina de costura, que tem na mesa da sala de estar.

— Estou quase a acabar — diz ela. — Deixa-me só rematar esta última costura... — A Elizabeth põe-se de pé, segura um modesto vestido verde com uma gola redonda, branca. — Agora, sê honesta — sussurra-me, suplicando-me com os olhos que seja tudo menos isso. — Parece feito em casa?

A bainha de um lado está mais comprida do que do outro. Está amarrotado e um dos punhos já começou a desfiar-se.

— Cem por cento comprado numa loja. Direitinho da Maison Blanche — digo, porque é a loja de sonho da Elizabeth. São cinco andares de roupas caras na Canal Street de Nova Orleães, roupas que nunca poderiam ser encontradas em Jackson. A Elizabeth dirige-me um sorriso de gratidão.

— A Mae Mobley está a dormir? — pergunto.

— Finalmente. — A Elizabeth debate-se com uma madeixa de cabelo que escapou do rolo, faz uma careta por causa da sua obstinação. De vez em quando, ao falar da filha, a sua voz revela um tom duro.

A porta da casa de banho das visitas, no corredor, abre-se, e a Hilly aparece, a falar.

— ... muito melhor assim. Agora, cada um tem o seu lugar.

A Elizabeth remexe na agulha da máquina, parece chateada.

— Diz ao Raleigh que eu disse *Não tem de quê* — acrescenta a Hilly e, de repente, percebo do que está a falar. Agora, a Aibileen tem a sua própria casa de banho na garagem.

A Hilly sorri-me e percebo que está prestes a falar da Iniciativa.

— Como está a tua mãe? — pergunto, mesmo sabendo que é o assunto que mais lhe desagrada. — Já está instalada no lar?

— Acho que sim. — A Hilly puxa a camisola vermelha para baixo, sobre o pneu gorducho da cintura. Veste calças de pregas vermelhas e verdes, que parecem aumentar-lhe o traseiro, tornando-o mais re-

donde e forte que nunca. — Claro que não agradece nada do que faço. Tive de despedir aquela criada por ela, apanhei-a a tentar roubar as malditas pratas mesmo debaixo do meu nariz. — A Hilly semicerra um pouco os olhos. — Por acaso, vocês não ouviram dizer se a Minny Jackson está a trabalhar em algum sítio, pois não?

Abanamos a cabeça.

— Duvido que volte a encontrar trabalho nesta cidade — diz a Elizabeth.

A Hilly acena com a cabeça, pensando no caso. Respiro fundo, ansiosa por lhes dar as novidades.

— Arranjei trabalho no *Jackson Journal* — digo.

Há um silêncio na sala. De repente, a Elizabeth dá uma risadinha. A Hilly sorri-me com tal orgulho que eu coro e encolho os ombros, como se não fosse nada de especial.

— Seriam loucos se não te contratassem, Skeeter Phelan — diz a Hilly, e ergue o chá gelado num brinde.

— Por acaso... alguma de vocês já leu a menina Myrna? — pergunto.

— Por acaso, não — responde a Hilly. — Mas aposto que as raparigas brancas pé-rapado de South Jackson a leem como se fosse a Bíblia do Rei Jaime.

A Elizabeth confirma com a cabeça.

— Todas essas raparigas pobres, sem criadas, aposto que sim.

— Importas-te que fale com a Aibileen? — pergunto à Elizabeth.

— Para me ajudar a responder a algumas das cartas.

A Elizabeth fica muito quieta um segundo.

— A Aibileen? A *minha* Aibileen?

— Certamente, não serei *eu* a saber responder àquelas perguntas.

— Bem... quero dizer... desde que isso não interfira com o trabalho dela.

Detenho-me, surpreendida com esta atitude. Contudo, lembro-me de que, afinal, é a Elizabeth que lhe paga.

— E hoje não, com a Mae Mobley quase a acordar, ou terei que tomar conta dela.

— Está bem. Talvez... talvez volte amanhã de manhã, nesse caso?

— Conto as horas pelos dedos. Se acabar de falar com a Aibileen a meio da manhã, tenho tempo de ir a correr para casa, datilografar o texto e voltar para a cidade às duas.

A Elizabeth franze o sobrolho para o seu carrinho de linha verde.  
— E só durante alguns minutos. Amanhã é dia de polir as pratas.  
— Não levarei muito tempo, prometo.  
A Elizabeth começa a parecer-se exatamente com a minha mãe.

Na manhã seguinte, às dez horas, a Elizabeth abre a porta e acena-me como uma professora primária.

— Muito bem, vai lá. Mas não demores muito. A Mae Mobley está a acordar.

Vou para a cozinha com o bloco de notas e os papéis debaixo do braço. A Aibileen sorri-me do lava-loiça, o seu dente de ouro a cintilar. Está um pouco rechonchuda na cintura, mas é uma flacidez amigável. E é muito mais baixa do que eu porque, quem é que não é? Tem a pele castanha escura e brilhante, contrastando com o seu uniforme branco engomado. Tem os olhos cinzentos, apesar de os cabelos serem pretos.

— Olá, menina Skeeter. A senhora Leefolt ainda está à máquina?

— Sim. — É estranho, mesmo depois de todos estes meses em casa, ouvir a Elizabeth ser chamada senhora Leefolt — e não menina Elizabeth ou mesmo o seu nome de solteira, menina Fredericks.

— Posso? — pergunto, apontando para o frigorífico. Antes de me poder servir, a Aibileen abre-o.

— Que quer? Uma *Coca-Cola*?

Aceno com a cabeça que sim e ela tira-lhe a cápsula com o abre-garrafas em cima do lava-loiça e deita-a num copo.

— Aibileen. — Respiro fundo. — Queria saber se podes ajudar-me numa coisa.

Conto-lhe da coluna e fico grata quando ela diz que sabe quem é Miss Myrna.

— Então, se calhar, podia ler-te algumas das cartas e tu podias... ajudar-me com as respostas. Depois de algum tempo talvez eu apanhe o jeito e... — calo-me. Não há qualquer hipótese de algum dia poder responder sozinha a perguntas sobre limpeza. Sinceramente, não tenho a menor intenção de aprender a limpar. — Parece injusto, não é, eu pegar nas tuas respostas e fazer de conta que são minhas. Ou da Myrna, quero dizer — suspiro.

A Aibileen abana a cabeça.

— Não me importo. Só não tenho tanta certeza que a senhora Leefolt aprove.

— Ela disse que estava bem.  
— Durante as minhas horas de trabalho?  
Faço que sim, lembrando-me da propriedade na voz da Elizabeth.  
— Então, está bem. — A Aibileen encolhe os ombros. Olha para o relógio por cima do lava-loiça. — Provavelmente, tenho de parar quando a Mae Mobley se levantar.  
— Podemos sentar-nos? — Aponto para a mesa da cozinha.  
A Aibileen olha para a porta giratória.  
— Sente-se a menina. Eu estou bem de pé.  
Passara a noite anterior a ler todos os artigos de menina Myrna dos últimos cinco anos, mas ainda não tivera tempo de organizar as cartas por responder. Endireitei a prancheta, com o lápis na mão.  
— Aqui está uma carta de do Condado de Rankin.  
«Querida Miss Myrna — leio. — *Como é que posso remover as nódoas do colarinho da camisa do meu marido gordo e desleixado, quando ele é tão porco e... e sua como um porco, também...*»  
Que maravilha. Uma coluna acerca de limpeza e relacionamentos. Duas coisas das quais não sei absolutamente nada.  
— De que é que ela se quer ver livre? — pergunta a Aibileen. — Das nódoas ou do marido?  
Olho para a folha. Não saberia instruí-la a fazer nenhuma das duas.  
— Diga-lhe que ponha de molho em vinagre e *Pine-Sol*. Depois deixa ficar ao sol um bocadinho.  
Escrevo rapidamente no meu bloco.  
— Quanto tempo deve ficar ao sol?  
— Cerca de uma hora. Deixa secar.  
Pego na carta seguinte e, com a mesma rapidez, ela responde. Depois de quatro ou cinco, suspiro de alívio.  
— Obrigada, Aibileen. Não fazes ideia de quanto me ajudaste.  
— Não faz mal. Desde que a senhora Leefolt não precise de mim.  
Reúno os papéis, dou um último gole na *Coca-Cola*, deixando-me descontraír durante cinco segundos antes de ir escrever o artigo. A Aibileen remexe num saco de cabeças-de-violino verdes. A cozinha está em silêncio, a não ser pelo rádio, que toca baixinho. Novamente, o Pregador Green.  
— Como é que conheceste a Constantine? Eram parentes?

— Nós... estávamos no mesmo círculo da igreja. — A Aibileen remexe os pés em frente do lava-loiça.

Sinto uma pontada que se tornou familiar.

— Nem sequer deixou uma morada. Simplesmente, não consigo acreditar que partiu assim.

A Aibileen mantém os olhos baixos. Parece estudar muito cuidadosamente as cabeças-de-violino.

— Não. Tenho a certeza de que foi mandada embora.

— Não, a mãe diz que se despediu. Em abril. Que foi viver para Chicago, com a sua gente.

A Aibileen pega noutra cabeça-de-violino, começa a lavar-lhe o talo longo, as pontas verdes encaracoladas.

— Não, minha senhora — diz depois de um silêncio.

Levei alguns segundos a perceber de que é que estávamos a falar.

— Aibileen — digo, tentando ver-lhe os olhos. — Achas mesmo que a Constantine foi despedida?

Mas a expressão da Aibileen ficara vazia como o céu azul.

— Devo estar a fazer confusão — diz ela, e percebo que acha que já disse de mais a uma mulher branca.

Ouvimos a Mae Mobley chamar e a Aibileen pede desculpa e sai pela porta giratória. Passam alguns segundos antes de me lembrar de me ir embora.

Quando chego a casa, dez minutos depois, a mãe está a ler na mesa da sala de jantar.

— Mãe — digo, apertando o meu bloco de notas de encontro ao peito. — *Despediste* a Constantine?

— Eu... *o quê?* — pergunta a mãe. Mas sei que ela me ouviu porque pousou o boletim do DAR<sup>4</sup>. É preciso uma pergunta difícil para a fazer desviar os olhos dessa leitura apaixonante.

— Eugenia, já te disse. A irmã dela estava doente e ela foi para Chicago viver com a família — responde. — Porquê? Quem te disse outra coisa?

Nem num milhão de anos lhe diria que fora a Aibileen.

— Ouvi-o esta tarde. Na cidade.

---

<sup>4</sup> *Daughters of the American Revolution* — organização de mulheres fundada em 1890, dedicada à promoção do patriotismo e à preservação da História americana.

— Quem iria falar acerca de semelhante assunto? — A mãe semicerra os olhos por trás dos óculos de leitura. — Deve ter sido uma dessas outras negras.

— Que é que lhe *fizeste*, mãe?

A mãe lambe os lábios e dirige-me um olhar demorado por cima dos óculos.

— Não serias capaz de compreender, Eugenia. Não, a não ser que tu própria já tivesses despedido criadas.

— Tu... *despediste-a*? Porquê?

— Não importa. Já passou e não pensarei nisso nem mais um minuto.

— Mãe, ela criou-me. Diz-me imediatamente o que aconteceu! — Lamento o chiar da minha voz, o tom infantil da minha exigência.

A mãe ergue as sobrancelhas, tira os óculos.

— Não passou de uma coisa de negros. E mais não direi. — Volta a pôr os óculos e aproxima o boletim do DAR do rosto.

Estou a tremer, estou tão furiosa! Subo as escadas com violência. Sento-me à secretária, atónita por a minha mãe ser capaz de despedir alguém que lhe fizera o maior favor da sua vida, criar-lhe os filhos, ensinar-me a bondade e o respeito por mim própria. O meu olhar varre o quarto até às rosas do papel de parede, às cortinas de anilhas, às fotografias amarelcidas, tão familiares que quase não reparo nelas. A Constantine trabalhou para a nossa família vinte e nove anos.

Durante toda a semana seguinte, o pai levanta-se antes do amanhecer. Acordo com o barulho de motores de carrinhas, dos coletores de algodão, dos gritos de incentivo. Os campos estão castanhos e estaladiços com pés de algodão mortos, desfolhados, para que as máquinas possam chegar à cápsula. Começou a colheita de algodão.

Na época da colheita, o pai não para nem para ir à igreja, mas no domingo à noite apanho-o no corredor, entre o jantar e a hora de deitar.

— Pai? — chamo. — Podes dizer-me o que aconteceu à Constantine?

Está tão cansado, que suspira antes de responder.

— Como é que a mãe foi capaz de a despedir, pai?

— O quê? Querida, a Constantine despediu-se. Sabes que a tua mãe nunca a despediria. — Parece desapontado comigo por perguntar tal coisa.



— Sabes para onde ela foi? Tens a morada dela?

Abana a cabeça.

— Pergunta à tua mãe, ela deve saber. — Dá-me uma palmadinha no ombro. — As pessoas mudam-se, Skeeter. Embora eu gostasse que ela tivesse ficado aqui connosco.

Prossegue pelo corredor para ir para a cama. É um homem demasiado honesto para esconder coisas, por isso percebo que não sabe mais informações sobre o caso do que eu.

Nessa semana e todas as seguintes, em algumas duas vezes, passo em casa da Elizabeth para falar com a Aibileen. A Elizabeth parece sempre um bocadinho mais aborrecida. Quanto mais tempo fico na cozinha, mais tarefas a Elizabeth encomenda até eu partir: as maçanetas das portas têm de ser polidas, é preciso limpar o pó no cimo do frigorífico. É melhor cortar as unhas à Mae Mobley. A Aibileen não é mais do que cordial comigo; nervosa, mantém-se junto do lava-loiça e nunca para de trabalhar. Em breve tenho entregas adiantadas e o senhor Golden mostra-se satisfeito com a coluna. As primeiras duas só demoraram vinte minutos a escrever.

E, todas as semanas, pergunto pela Constantine à Aibileen. Não poderá arranjar-me a morada dela? Não me sabe dizer nada dos motivos do seu despedimento? Deve ter sido uma coisa importante, porque não consigo imaginar a Constantine a dizer *sim, minha senhora* e a sair pela porta das traseiras. A mãe zangava-se com ela por causa de uma colher manchada e a Constantine servia-lhe torradas queimadas durante uma semana. Mal posso imaginar como teria acontecido um despedimento.

Também não importa muito, porque a Aibileen não faz mais do que encolher os ombros e dizer que não sabe nada.

Uma tarde, depois de perguntar à Aibileen como livrar-se de manchas difíceis na banheira (nunca tendo, eu própria, esfregado uma banheira), volto para casa. Atravesso a sala de repouso. Olho de relance a televisão ligada. A Pascagoula está quase em cima do ecrã. Ouço as palavras *Ole Miss* e no ecrã cheio de chuva vejo homens brancos, de fato preto, em volta da câmara, o suor escorrendo-lhes pelas cabeças calvas. Aproximo-me mais e vejo um homem negro, mais ou menos da minha idade, entre os homens brancos, com militares atrás dele. A imagem recua e vejo o meu velho edifício da administração. O governador Ross Barnett está de braços cruzados, olhando o negro alto nos

olhos. Ao lado do governador está o nosso senador Whitworth, com cujo filho a Hilly tem tentado arranjar-me um encontro.

Observo as imagens com interesse. Porém, não estou animada nem desapontada pelas notícias da admissão de um negro em Ole Miss, apenas surpreendida. A Pascagoula, contudo, respira tão alto que a consigo ouvir. Está quieta como uma estátua, sem perceber que estou atrás dela. Roger Sticker, o jornalista local, está nervoso, sorri e fala depressa.

— O Presidente Kennedy ordenou ao Governador que abra-se caminho para James Meredith, repito, o Presidente dos Estados...

— Eugenia, Pascagoula! Desliguem imediatamente esse aparelho!

A Pascagoula vira-se e vê-nos. Apressa-se para fora da sala, de olhos no chão.

— Não admitirei isso, Eugenia — sussurra a mãe. — Não admitirei que os encorajes assim.

— Encorajar? São notícias nacionais, mãe.

A mãe funga.

— Não é apropriado que assistam as duas juntas. — Muda de canal, parando numa repetição do programa de Lawrence Welk.

— Isto não será muito melhor?

Num sábado quente de finais de setembro, os campos de algodão trucidados e vazios, o pai traz uma nova televisão RCA a cores para casa. Leva a televisão a preto e branco para a cozinha. Sorridente e orgulhoso, liga a nova televisão na tomada da parede da sala de repouso. O jogo de futebol entre Ole Miss e LSU atoa pela casa o resto da tarde.

A mãe, é evidente, está colada à televisão a cores, proferindo *ahs* e *ohs* por causa dos vibrantes vermelhos e azuis da equipa. Ela e o pai são adeptos dos Rebel. Ela veste calças de lã vermelhas, apesar do calor sufocante, e tem o velho cobertor Kappa Alpha do pai dobrado na cadeira. Ninguém fala de James Meredith, o estudante negro que foi admitido.

Pego no *Cadillac* e vou até à cidade. A mãe acha inexplicável que não queira ver a minha *alma mater* a jogar à bola. Porém, como a Elizabeth e a família estão em casa da Hilly a ver o jogo, a Aibileen está sozinha em casa. Espero que as coisas sejam mais fáceis para a Aibileen se a Elizabeth não estiver. A verdade é que espero que ela me diga alguma coisa, qualquer coisa, acerca da Constantine.

A Aibileen deixa-me entrar e sigo-a até à cozinha. Parece apenas

um bocadinho mais relaxada na casa vazia. Olha para a mesa da cozinha, como se hoje quisesse sentar-se. Mas, quando lho peço, diz-me, «Não, estou bem. Vamos lá.» Tira um tomate de uma panela que está em cima do lava-loiça e começa a pelá-lo com uma faca.

Encosto-me à bancada e apresento a última pergunta: como impedir que os cães vão ao nosso caixote do lixo na rua. Porque o marido preguiçoso se esquece de o pôr lá fora no dia certo para ser recolhido. Porque bebe toda aquela maldita cerveja.

— É só pôr um bocadinho de pneumonia no lixo. Os cães ignoram os caixotes. — Aponto a informação, emendando para amónia, e pego na carta seguinte. Quando ergo o olhar, a Aibileen parece estar a sorrir para mim.

— Não quero que pareça falta de respeito, menina Skeeter, mas não é estranho que seja a nova menina Myrna, quando não sabe nada acerca da lida da casa?

Ela não o diz da mesma maneira que a mãe o disse há um mês. Dou por mim a rir-me e conto-lhe o que não contei a mais ninguém, dos telefonemas e do currículo que enviei para a Harper & Row. Que quero ser escritora. O conselho que recebi de Elaine Stein. É bom contar a alguém.

A Aibileen acena com a cabeça e percorre com a faca outro tomate mole.

— O meu filho, o Treelore, gostava de escrever.

— Não sabia que tinhas um filho.

— Morreu. Há dois anos.

— Oh, lamento muito — digo, e por um momento só se ouve o pregador Green e a pele mole do tomate a cair no lava-loiça.

— Tirava a nota máxima em todos os testes de inglês. Mais tarde, quando cresceu, comprou uma máquina de escrever e começou a trabalhar numa ideia... — Os ombros da sua farda descaem. — Dizia que ia escrever um livro.

— Que tipo de ideia? — pergunto? — Isto é, se não te importas de dizer...

A Aibileen não diz nada por um momento. Continua a pelar tomates.

— Ele leu aquele livro chamado *O Homem Invisível*. Quando acabou, disse que ia escrever sobre ser um homem negro a trabalhar para um homem branco no Mississípi.

Desvio o olhar, sabendo que a minha mãe poria um ponto final na conversa exatamente neste ponto. Sorriria e mudaria de assunto, para o preço do polimento para pratas ou do arroz branco.

— Também li *O Homem Invisível*, depois de ele o ler — diz a Aibileen. — Gostei muito.

Acenei com a cabeça, se bem que nunca o tivesse lido. Nunca imaginara a Aibileen a ler.

— Escreveu quase cinquenta páginas — conta. — Deixou a namorada, Frances, ficar com elas.

A Aibileen para de pelar o tomate. Vejo a garganta dela mexer-se quando engole. — Por favor, não conte a ninguém — diz ela, agora mais baixinho — que ele queria escrever acerca do seu patrão branco.

Morde o lábio e percebo que ainda receia por ele. Apesar de ele estar morto, o instinto de recear pelo filho não desapareceu.

— É bom que me tenhas contado, Aibileen. Acho que foi... uma ideia corajosa.

Aibileen sustém o meu olhar por um momento. Depois pega noutra tomate e encosta a faca à pele. Olho, espero que o sumo vermelho escorra. Mas a Aibileen para antes de cortar, olha para a porta da cozinha.

— Não me parece justo que não saiba o que aconteceu à Constantine. É que... desculpe. Não acho correto falar consigo acerca disso.

Fico calada, sem saber o que provocou isto, sem querer destruir nada.

— Só lhe digo que teve algo a ver com a filha dela. Veio visitar a mãe.

— Filha? A Constantine nunca me disse que tinha uma filha. — Conheci a Constantine durante vinte e três anos. Por que me escondera aquilo?

— Foi difícil para ela. O bebé nasceu bastante... pálido.

Fiquei calada, recordando o que a Constantine me dissera anos antes.

— Queres dizer... claro? Branco?

A Aibileen faz que sim, continuando o seu trabalho no lava-loiça.

— Teve de a mandar embora. Para o Norte, acho eu.

— O pai da Constantine era branco — digo. — Oh... Aibileen, não achas... — Ocorre-me um pensamento desagradável. Estou demasiado chocada para terminar a minha frase.

A Aibileen abana a cabeça.

— Não, não, minha senhora. Isso... não. O homem da Constantine, o Connor, era negro. Mas, como a Constantine tinha o sangue do pai, a filha nasceu muito pálida. Mestiça. Acontece...

Senti-me envergonhada por ter pensado o pior. Mesmo assim, não compreendia.

— Por que razão nunca me disse? — pergunto, sem esperar, de facto, uma resposta. — Porque teve de a mandar embora?

A Aibileen abana a cabeça para si própria, mostrando que compreende. Eu, porém, não compreendo.

— Nunca a vi tão mal. A Constantine deve ter dito um milhar de vezes que não podia esperar pelo dia em que a teria de volta.

— Disseste que a filha teve qualquer coisa a ver com o despedimento da Constantine. Que aconteceu?

Neste ponto, a expressão da Aibileen fica vazia. A cortina desceu. Aponta com a cabeça para as cartas da menina Myrna, deixando claro que não quer dizer mais nada. Pelo menos, para já.

Nessa tarde, passo pela festa do jogo de futebol em casa da Hilly. A rua está ladeada de carrinhas e de *Buicks* compridos. Obrigo-me a entrar, sabendo que serei a única solteira. Lá dentro, na sala de estar, há casais nos sofás, nas poltronas, nos braços das cadeiras. As esposas sentam-se direitas, com as pernas cruzadas, enquanto os maridos estão inclinados para a frente. Todos os olhos estão fixos no aparelho de televisão em madeira. Fico lá atrás, correspondo a alguns sorrisos, olás silenciosos. A não ser pelo comentador, a sala está em silêncio.

— *Uuuuuá!* — gritam todos, as mãos esvoaçam no ar e as mulheres levantam-se e batem palmas. Eu roo as cutículas.

— Muito bem, Rebels! Mostrem a esses Tigers!

— Vá lá, Rebels — incentiva Mary Frances Truly, saltando para cima e para baixo com o seu conjunto de malha. Olho para a minha unha, com a cutícula pendente, cor-de-rosa e a arder. A sala está impregnada de cheiro a bourbon, lã vermelha e anéis de diamantes. Gostava de saber se as raparigas se importam, de facto, com o futebol, ou se apenas se comportam assim para impressionar os maridos. Nos meus quatro meses na Liga, nunca nenhuma rapariga me perguntou «Então, que tal, os Rebs?»

Vou falando aqui e ali com os casais, enquanto abro caminho até

à cozinha. A criada da Hilly, alta e magra, a Yule May, está a enrolar massa em torno de miniaturas de salsichas. Outra rapariga negra, mais jovem, lava-pratos no lava-loiça. A Hilly acena-me para me juntar a ela, está a falar com a Deena Doran.

— ... o melhor *petit four* que já provei! Deena, deves ser a melhor cozinheira da Liga! — A Hilly enfia o resto do bolo na boca, abanando a cabeça e fazendo *ummmmm*.

— Obrigada, Hilly. São difíceis de fazer, mas acho que valem a pena. — A Deena está exuberante, quase parece prestes a chorar por causa da adoração da Hilly.

— Então, vais fazê-los? Fico tão contente. A comissão de venda de bolos precisa *mesmo* de alguém como tu.

— E de quantos precisam?

— Quinhentos, para amanhã à tarde.

O sorriso de Deena fica congelado.

— Está bem. Acho que posso... trabalhar durante a noite.

— Skeeter, conseguiste vir — diz a Hilly e a Deena sai da cozinha.

— Não posso ficar muito tempo — digo, talvez demasiado depressa.

— Bem, descobri. — A Hilly faz um sorriso cúmplice. — Desta vez ele vem mesmo. Daqui a três semanas.

Observo os dedos compridos da Yule May a descolarem a massa de uma faca e suspiro, sabendo perfeitamente a quem se refere.

— Não sei, Hilly. Já tentei tantas vezes. Talvez seja um sinal.

No mês anterior, quando ele cancelara na véspera do encontro, chegara a permitir-me algum entusiasmo. Não me apetecia passar outra vez pelo mesmo.

— O quê? Não te atrevas a dizer isso.

— Hilly. — Cerro os dentes, porque finalmente tenho mesmo de dizer isto. — Tu sabes que não vou ser do género dele.

— Olha para mim — diz ela. Faço o que me manda, porque é isso que fazemos com a Hilly.

— Hilly, não me podes obrigar a ir...

— É a *tua oportunidade*, Skeeter. — Aproxima-se de mim e aperta-me a mão, pressiona o polegar e os outros dedos com tanta força como a Constantine costumava fazer. — É a tua oportunidade. E, raios, não te deixarei perdê-la só porque a tua mãe te convenceu de que não és suficientemente boa para alguém como ele.

Sinto-me magoada pelas suas palavras amargas e verdadeiras. Mesmo assim, sinto respeito pela minha amiga, pela sua tenacidade em relação a mim. A Hilly e eu fomos sempre totalmente honestas uma com a outra, mesmo em relação às coisas mais insignificantes. Com as outras pessoas, a Hilly distribui mentiras como os presbiterianos distribuem culpa, mas este é o nosso acordo tácito, uma rigorosa honestidade, provavelmente a única coisa que nos manteve amigas.

A Elizabeth entra na cozinha com um tabuleiro vazio. Sorri, depois para e entreolhamo-nos as três.

— O que é? — pergunta a Elizabeth. Percebo que acha que estivemos a falar dela.

— Então, daqui a três semanas? — pergunta-me a Hilly. — Vais?

— Claro que sim! Sem dúvida que vais! — diz a Elizabeth.

Observo os seus rostos sorridentes, a sua esperança por mim. Não é como as intromissões da mãe, mas uma esperança pura, sem amarras nem mágoa. Detesto a ideia de as minhas amigas terem discutido isto, o destino da minha noite, nas minhas costas. Detesto e adoro, ao mesmo tempo.

Volto para o campo antes de o jogo acabar. Pela janela aberta do *Cadillac*, vejo os campos mutilados e queimados. O pai acabou há semanas a última colheita mas, na berma da estrada, o algodão agarado à relva ainda parece neve. O vento sopra alguns flocos, que esvoaçam.

Do banco do condutor, vejo a caixa do correio. Lá dentro está o *Almanaque do Agricultor* e uma única carta. É da Harper & Row. Viro para a rampa e estaciono. A carta é manuscrita, num quadradinho de papel.

#### *Menina Phelan*

*Poderá, certamente, aperfeiçoar as suas capacidades de escrita em temas tão simples e desapaixonados como a condução sob o efeito do álcool e o analfabetismo. Tinha esperança, contudo, que escolhesse temas com alguma garra. Continue à procura. Se encontrar algo de original, e só nessa altura, escreva-me de novo.*

Passo furtivamente pela mãe na sala de estar, a Pascagoula invisível a tirar o pó às fotografias no corredor, e subo as minhas escadas inclinadas e doentias. Tenho o rosto a arder. Luto contra as lágrimas provocadas pela carta de Elaine Stein, digo a mim própria para me controlar. A parte pior é que não tenho quaisquer ideias melhores.

Enterro-me no próximo artigo sobre lida da casa e depois no boletim da Liga. Pela segunda semana, deixo de fora a iniciativa das casas de banho da Hilly. Uma hora mais tarde, dou por mim a olhar para a janela. O meu exemplar de *Let Us Now Praise Famous Man* está no parapeito. Vou buscá-lo, com medo que a luz faça desbotar a capa de papel, com a fotografia a preto e branco da família humilde e pobre. O livro está quente e pesado por causa do sol. Pergunto-me se, afinal, alguma vez escreverei alguma coisa de jeito. Viro-me quando a Pascagoula me bate à porta. É então que me surge a ideia.

*Não. Não poderia fazê-lo. Isso seria... ultrapassar os limites.*

Mas a ideia não se afasta.



AIBILEEN

CAPÍTULO 7

Finalmente, por volta de meados de outubro, termina a vaga de frio e ficamos com uns frescos dezanove graus. De manhã, o assento daquela sanita lá fora está frio e tenho um pequeno arrepio quando me sento. É apenas uma pequena divisão que construíram dentro da garagem. Tem uma sanita e um lavatório pequenino fixado à parede. Puxa-se um fio para acender a lâmpada. O papel tem de ficar no chão.

Quando servia em casa da senhora Caulier, a garagem estava anexada à casa, por isso não precisava de ir lá fora. O lugar onde trabalhei antes desse, tinha aposentos para a criada. Dispunha do meu pequeno quartinho, para quando passava lá a noite. Nesta, tenho de desafiar a intempérie para lá chegar.

Num meio-dia de terça-feira, trago o meu almoço para os degraus das traseiras e instalo-me no cimento frio. A relva da senhora Leefolt não cresce bem aqui. Uma grande magnólia dá sombra a quase todo o pátio. Já sei que essa árvore será o esconderijo da Mae Mobley. Dentro de cinco anos, para se esconder da senhora Leefolt.

Pouco depois, a Mae Mobley surge nas escadas das traseiras com os seus passinhos vacilantes. Tem metade de um hambúrguer na mão. Sorri-me e diz, «Bom.»

— Porque não estás lá dentro com a tua mãe? — pergunto, embora saiba porquê. Ela prefere estar cá fora com a criada do que lá dentro, vendo a mãe olhar para todo o lado menos para ela. É como um daqueles pintainhos que ficam confusos e começam a seguir os patos.

A Mae Mobley aponta para os melros azuis que se preparam para o Inverno, gorjeando na pequena fonte cinzenta.

— *Passazull!* — Aponta e deixa cair o hambúrguer no degrau. O velho cão, Aubie, ao qual eles não prestam atenção alguma, surge de nenhures e engole-o. Não gosto de cães, mas este dá pena. Faço-lhe uma festa na cabeça. Aposto que ninguém fazia uma festa a este cão desde o Natal.

Quando a Mae Mobley o vê, guincha e agarra-lhe a cauda. Esta

bate-lhe na cara algumas vezes antes de a conseguir segurar. O pobrezinho gane e lança-lhe um daqueles olhares humanos que metem dó, a cabeça inclinada de maneira engraçada, os sobrolhos levantados. Quase o ouço pedir-lhe que o solte. Não é do género de morder.

Quando ela o larga, pergunto,

— Mae Mobley, onde está a tua cauda?

Ela larga-o e, claro, começa a olhar para o traseiro. Tem a boca aberta de espanto, como se não pudesse acreditar que nunca reparara nisso. Descreve círculos desajeitados, tentando vê-la.

— Tu não tens cauda — rio-me e pego nela, antes que caia do degrau. O cão fareja, procurando mais hambúrguer.

Sempre me fez confusão a maneira como estes miúdos acreditam em tudo o que se lhes diz. Tate Forrest, um dos meus bebés de antigamente, deteve-me no caminho para o Jitney na semana passada, deu-me um grande abraço, tão contente de me ver. Agora é um homem adulto. Eu precisava de voltar para casa da senhora Leefolt, mas ele começou a rir-se e a lembrar-se de como eu o enganava quando era rapaz. Daquela vez que ficou com o pé dormente e disse que fazia comichão, e eu lhe disse que era só o pé dele a ressonar, ou quando eu lhe disse que não tomasse café, para não ficar negro. Disse-me que ainda não bebe café e já tem vinte anos. É sempre bom ver os meninos a crescerem bem.

— Mae Mobley? Mae Mobley Leefolt!

Só agora é que a senhora Leefolt reparou que a Mae Mobley não está na mesma sala que ela.

— Está aqui fora comigo, senhora Leefolt — digo-lhe através da porta de rede.

— Eu disse-te para comeres na cadeira alta, Mae Mobley. Como é que te arranjei a ti quando os filhos das minhas amigas são todos uns anjos, é que eu não percebo... — Nessa altura, o telefone toca e ouço-a voltar apressada para o atender.

Baixo o olhar para a menina, que tem a testa toda enrugada entre os olhos. Está a pensar atentamente em alguma coisa.

Acaricio-lhe a bochecha.

— Estás bem, bebé?

— Mae Mo má — diz ela.

A forma como o diz, como se fosse um facto, magoa-me por dentro.

— Mae Mobley — digo, porque me ocorre experimentar uma coisa. — Tu és uma menina esperta?

Olha para mim, como se não soubesse.

— És uma menina esperta — repito.

— Mae Mo esperta.

— És uma menina boa? — pergunto.

Limita-se a olhar para mim. Só tem dois anos. Ainda não sabe o que é.

— És uma menina boa — digo, e ela abana a cabeça e repete as minhas palavras. Antes que possa acrescentar mais alguma coisa, ela levanta-se e persegue aquele pobre cão por todo o pátio, rindo-se, e eu pergunto-me o que aconteceria se todos os dias lhe dissesse que ela era uma coisa boa.

Volta do bebedouro dos pássaros a sorrir e grita:

— Olá, Aibee. Gosto de ti, Aibee — e tenho uma sensação de cócegas, suave como o bater de asas de borboletas, vendo-a a brincar. Era assim que me sentia quando via brincar o Treelore. E esta recordação entristece-me um pouco.

Pouco depois, a Mae Mobley aproxima-se, encosta a bochecha dela à minha e deixa-a ficar ali, como se soubesse que eu sofria. Abraço-a com força e digo: — És uma menina *esperta*. És uma menina *boa*, Mae Mobley, estás a ouvir? — Continuo a dizê-lo até que ela mo repita.

As próximas semanas são muito importantes para a Mae Mobley. Se pensarmos bem, provavelmente não nos lembramos da primeira vez que nos sentámos numa sanita em vez de usarmos uma fralda. Provavelmente, também não damos importância nenhuma a quem nos ensinou. Nenhum dos bebés que criei veio ter comigo para me dizer, *Aibileen, tenho de agradecer-te teres-me ensinado a usar a casa de banho*.

É uma coisa difícil. Se tentarmos pôr um bebé na sanita antes do tempo, ele fica doido. Não percebe nada e começa a pensar mal de si próprio. Mas eu sei que a menina está pronta. E ela sabe que está pronta. Mas, valha-me Deus! Está a fazer-me correr como louca. Sento-a no pequeno assento de madeira, de modo que o seu rabinho não caia lá para dentro e, assim que viro as costas, lá sai ela da sanita a correr.

— Precisas de fazer chichi, Mae Mobley?

— Não.

— Bebeste dois copos de sumo de uva. Sei que precisas.

— *Nãaaa.*

— Dou-te uma bolacha se fizeres.

Olhamo-nos por um momento. Ela começa a olhar para a porta. Não ouço nada dentro da sanita. Normalmente, consigo ensiná-los em duas semanas. Isso, porém, é se as mães deles ajudarem. Os meninos costumam ver o pai a fazer de pé, as meninas veem a mãe a fazer sentada. A senhora Leefolt não deixa a menina chegar perto dela quando está na casa de banho, e esse é o problema.

— Faz só um bocadinho por mim, menina.

Ela faz beicinho. Abana a cabeça.

A senhora Leefolt foi ao cabeleireiro, caso contrário pedia-lhe outra vez que desse o exemplo, embora ela já me tenha dito *não* cinco vezes. A última vez que me disse não, planeava contar-lhe quantos meninos já criei na minha vida e perguntar-lhe quantos é que ela criou, mas acabei por dizer *está bem*, como sempre.

— Dou-te *duas* bolachas — prometo, embora a mãe dela esteja sempre a ralhar-me por a engordar.

A Mae Mobley abana a cabeça e diz — Faz tu.

Bem, não posso dizer que é a primeira vez que ouço isto, embora normalmente consiga torneir a questão. Mas sei que ela precisa de ver como é que se faz.

— Não preciso de fazer.

Olhamos uma para a outra.

Ela volta a apontar e diz:

— Faz tu.

Depois começa a chorar e a remexer-se porque aquele assento está a fazer uma marca no rabinho dela e sei o que tenho de fazer. Só não sei como. Devo levá-la para a garagem, para a minha casa de banho, ou ir a esta? E se a senhora Leefolt chega a casa e eu estou sentada na sanita dela? Tem um ataque.

Volto a pôr-lhe a fralda e vamos para a garagem. A chuva fá-la cheirar um pouco a pântano. Mesmo com a luz acesa está escuro e não há papel de parede bonito, como dentro de casa. Na verdade, nem sequer há paredes a sério, só painéis de contraplacado fixados uns aos outros. Não sei se ela vai ter medo.

— Muito bem, bebé. Aqui é a casa de banho da Aibileen.

Espreita lá para dentro e a boca dela fica com a forma de um *Cheerio*. Diz *Ooooo*.

Baixo as cuecas e faço chichi muito rapidamente, uso o papel e volto a vestir-me tão depressa que ela não consegue ver nada. Depois puxo o autoclismo.

Bem, ela parece mesmo surpreendida. Está de boca aberta, como se tivesse assistido a um milagre. Saio da sanita e antes de dar por isso, aquela macaquinha tira a fralda, trepa para a sanita, segurando-se para não cair lá dentro, e faz chichi.

— Mae Mobley! Estás a fazer! Que bom! — Ela sorri e eu seguro-a antes que caia na sanita.

Voltamos lá para dentro e ela recebe as suas duas bolachas.

Mais tarde, ponho-a na sanita e ela faz chichi outra vez. É o mais difícil, as primeiras duas ou três vezes. No fim do dia, tenho a sensação de ter feito alguma coisa. Ela está a tornar-se muito conversadora e é fácil adivinhar qual é a nova palavra do dia.

— Que é que a bebé fez hoje?

— Chichi.

— Que é que vão pôr nos livros de História junto deste dia?

— Chichi.

— A que cheira a senhora Hilly?

— Chichi.

Porém, domino-me. Isto não é cristão, além disso tenho medo que o repita.

A senhora Leefolt volta para casa ao fim da tarde, com o cabelo todo empinado. Fez uma permanente e cheira a pneumonia.

— Adivinhe o que a Mae Mobley fez hoje — digo. — Fez chichi na sanita.

— Ah, que maravilha.

Dá um abraço à filha, algo que não vejo muitas vezes. Também sei que está mesmo contente, porque *não* gosta de mudar fraldas.

— Tem de ver se ela vai sempre à sanita a partir de agora. Se não o fizer, ela ficará confusa.

A senhora Leefolt sorri.

— Está bem.

— Vamos ver se ela faz mais uma vez antes de eu ir para casa.

Vamos para a casa de banho. Tiro-lhe a fralda e sento-a na sanita. Mas a bebé abana a cabeça.

— Vá lá, Mae Mobley, não podes fazer chichi para a mãe ver?

— *Nãaaa*.

Finalmente, levanto-a. — Não faz mal, portaste-te muito bem hoje. Porém, a senhora Leefolt estica os lábios, resmunga e a franze o sobrolho para a menina. Antes de conseguir voltar a pôr-lhe a fralda, a menina corre o mais depressa que pode. Uma bebé branca, despida, a correr pela casa. Está na cozinha. Abre a porta das traseiras, vai para a garagem e tenta chegar ao puxador da *minha* casa de banho. Corremos atrás dela, a senhora Leefolt de dedo apontado. A voz dela está dez tons acima.

— Essa não é a tua casa de banho!

A bebé abana a cabeça.

— Minha *casabanho!*

A senhora Leefolt agarra-a, dá-lhe uma palmada na perna.

— Senhora Leefolt, ela não sabe o que está a fazer...

— Volta para dentro de casa, Aibileen!

Detesto fazê-lo, mas vou para a cozinha. Paro no meio da divisão, deixo a porta aberta atrás de mim.

— Não te criei para usares a casa de banho dos pretos! — sussurra, pensando que eu não ouço, e eu penso, *Senhora, não criou a sua filha, ponto final...*

— Ali está sujo, Mae Mobley. Vais apanhar doenças! Não, não e não! — E ouço-a bater uma e outra vez nas suas pernas nuas.

Depois de um momento, a senhora Leefolt atira-a para dentro de casa como um saco de batatas. Não posso fazer nada senão assistir. O meu coração parece estar a espremer-se pela garganta. A senhora Leefolt deposita a Mae Mobley em frente da televisão, vai para o quarto e bate com a porta. Vou dar um abraço à bebé. Ela ainda está a chorar e parece terrivelmente confusa.

— Tenho muita pena, Mae Mobley — sussurro-lhe. Amaldiçoó-me por a ter levado lá fora. Mas não sei que mais dizer, por isso só a abraço.

Ficamos ali a ver *Li'l Rascals* até a senhora Leefolt vir cá fora perguntar se não passava da minha hora de saída. Enfio a moeda para o autocarro no bolso. Dou mais um abraço à Mae Mobley e murmuro: És uma menina *esperta*. És uma menina *boa*.

Durante o trajeto para casa, não vejo as grandes casas brancas que passam pela janela. Não falo com as outras criadas minhas amigas. Vejo a bebé a ser espancada por minha causa. Vejo-a a ouvir a mãe chamar-me suja e doente.

O autocarro percorre velozmente State Street. Passamos pela ponte Woodrow Wilson e levo os maxilares tão cerrados que quase podia partir os dentes. Sinto aquela semente de amargura crescer dentro de mim, aquela que foi plantada depois da morte do Treelore. Quero gritar tão alto que a bebé me ouça, que a sujidade não é uma cor, que a doença não é o lado negro de uma cidade. Quero impedir que aconteça aquele momento — e acontece, na vida de todas as crianças brancas — em que eles começam a pensar que os pretos não são tão bons como os brancos.

Viramos em Farish e levanto-me, porque a minha paragem está a chegar. Rezo que não tenha chegado o momento dela. Rezo para ainda ter tempo.

As coisas estão muito tranquilas nas semanas seguintes. Agora a Mae Mobley usa cuecas de menina grande. Quase não tem descuidos. Depois do que aconteceu na garagem, a senhora Leefolt interessou-se verdadeiramente pelos hábitos da Mae Mobley no que diz respeito à casa de banho. Até a deixa ver sentada na sanita, dando-lhe o exemplo branco. Às vezes, porém, quando a mãe não está, ainda a apanho a tentar ir à minha casa de banho. Às vezes, fá-lo antes de eu ter tempo de lhe dizer que não.

— Olá, senhora Clark. — Robert Brown, que trata do jardim da senhora Leefolt, sobe as escadas das traseiras. Lá fora, o tempo está agradável e fresco. Abro a porta de rede.

— Como vais, filho? — pergunto, dando-lhe uma palmadinha no braço. — Ouvi dizer que trabalhas em todos os jardins da rua.

— Sim, minha senhora. Tenho dois rapazes que cortam a relva — sorri. É um rapaz bonito, alto, de cabelo curto. Andou no liceu com o Treelore. Eram bons amigos, jogavam basebol juntos. Toco-lhe no braço, porque preciso de o sentir outra vez.

— Como está a tua avó? — pergunto. Adoro a Louvenia, é a pessoa mais doce que existe. Foi ao funeral com o Robert. Isso faz-me lembrar o que acontecerá na próxima semana. O pior dia do ano vem aí.

— Mais forte do que eu — sorri. — Vou a sua casa no sábado para cortar a relva.

Era sempre o Treelore que me cortava a relva. Agora o Robert fá-lo sem que lho peça, sem me levar dinheiro.

— Obrigada, Robert.

— Se precisar de alguma coisa, telefone-me, está bem, senhora Clark?

— Obrigada, filho.

Ouço a campainha da porta e vejo o carro da menina Skeeter. Tem vindo a casa da senhora Leefolt todas as semanas este mês, para me fazer as perguntas de Miss Myrna. Pergunta acerca de manchas de água dura e eu respondo creme tártaro. Pergunta como é que se desatarraxa uma lâmpada partida e eu respondo batata crua. Pergunta-me o que aconteceu entre a sua velha criada Constantine e a mãe e eu fico fria. Pensei, há algumas semanas, que se lhe falasse um pouco da filha da Constantine, ela me deixaria em paz. A menina Skeeter, porém, continua a fazer-me perguntas. Sei que ela não percebe por que razão uma mulher negra não pode criar um filho de pele branca no Mississípi. Seria uma vida difícil e solitária, sem pertencer aqui nem ali.

Sempre que a menina Skeeter para com as perguntas sobre como limpar isto ou aquilo, consertar isto ou aquilo ou onde está a Constantine, também falamos de outras coisas. Não é algo que faça muito com os meus patrões ou os seus amigos. Dou por mim a contar-lhe que o Treelore nunca teve menos de 17 valores ou que o novo diácono me enerva porque ceceia. Coisas de nada, mas que habitualmente não diria a uma pessoa branca.

Hoje estou a explicar-lhe a diferença entre mergulhar as pratas e poli-las, e como só as casas foleiras as mergulham porque é mais rápido, embora não fique tão bem. A menina Skeeter inclina a cabeça para o lado, franze a testa.

— Aibileen, lembras-te daquela ideia... que o Treelore tinha?

Faço que sim e sinto um formigueiro. Nunca devia ter partilhado isso com uma mulher branca.

A menina Skeeter semicerra os olhos, como daquela vez que trouxe à baila o assunto da casa de banho.

— Tenho andado a pensar nisto. Tenho querido falar contigo...

Antes que ela possa acabar, a senhora Leefolt entra na cozinha e apanha a bebé a brincar com o meu pente dentro da minha mala e diz que talvez hoje a Mae Mobley precise de tomar banho mais cedo. Despeço-me da menina Skeeter e vou encher a banheira.

Depois de um ano a temê-lo, o oito de novembro finalmente chega.



Devo ter dormido só umas duas horas na noite anterior. Acordo de madrugada e ponho um púcaro de café *Community* em cima do fogão. Doem-me as costas quando me dobro para calçar as meias. Antes de chegar à porta, o telefone toca.

— É só para saber como estás. Dormiste?

— Muito bem.

— Esta noite vou levar-te um bolo de caramelo. E não quero que faças nada senão sentares-te na cozinha a comê-lo todo ao jantar.

Tento sorrir, mas o sorriso não sai. Agradeço à Minny.

Faz hoje três anos que o Treelore morreu. Porém, na agenda da senhora Leefolt continua a ser o dia de limpar o chão. O Dia de Ação de Graças será dentro de duas semanas e tenho muito que fazer. Esfrego a manhã toda, até às notícias do meio-dia. Não vejo a novela porque as senhoras estão na sala de jantar, numa reunião da Beneficência, e não tenho autorização para ligar a televisão quando há visitas. E não faz mal. Os meus músculos tremem de tão cansados. Mas não quero parar de me mexer.

Por volta das quatro horas, a menina Skeeter entra na cozinha. Antes que possa dizer olá, a senhora Leefolt entra atrás dela.

— Aibileen, acabei que saber que a senhora Fredericks chega de Greenwood amanhã e fica até à Ação de Graças. Quero o serviço de prata polido e todas as toalhas das visitas lavadas. Amanhã dou-te a lista do resto.

A senhora Leefolt abana a cabeça para a menina Skeeter, como que a querer dizer que a vida dela é a mais difícil da cidade, e sai. Vou buscar o serviço de prata à sala de jantar. Bolas, já estou cansada e ainda tenho de trabalhar na Beneficência no próximo sábado à noite. A Minny não vai, tem medo de encontrar a senhora Hilly.

A menina Skeeter ainda está à minha espera na cozinha quando volto. Tem uma carta da Miss Myrna na mão.

— Tem uma pergunta sobre limpeza? — suspiro. — Faça lá.

— Na verdade, não. Só queria... queria perguntar-te... no outro dia...

Destapo um frasco de *Pine-Ola* e começo a esfregá-lo na prata, passando o pano em torno do desenho da rosa, da boca e da asa. Santo Deus, que amanhã chegue depressa. Não irei ao cemitério. Não posso, seria demasiado difícil.

— Aibileen, sentes-te bem?

Detenho-me, ergo o olhar. Percebo que a menina Skeeter esteve o tempo todo a falar comigo.

— Desculpe... estava só a pensar numa coisa.

— Estavas com um ar tão triste.

— Menina Skeeter... — Sinto as lágrimas chegarem-me aos olhos, porque três anos não são tempo suficiente. Cem anos não seriam tempo suficiente. — Importa-se se a ajudar com as perguntas amanhã?

A menina Skeeter começa a dizer qualquer coisa, mas interrompe-se.

— Claro. Espero que te sintas melhor.

Acabo o serviço de prata e as toalhas e digo à senhora Leefolt que tenho de ir para casa, embora ainda falte meia hora e ela me vá descontar no ordenado. Abre a boca, como se fosse protestar, mas eu murmuro a minha mentira, *Vomitei*, e ela diz, *Vai*, porque, depois da mãe dela, a coisa que a senhora Leefolt mais teme são as doenças dos negros.

— Muito bem, então. Volto dentro de trinta minutos. Chego exatamente às nove e quarenta e cinco — diz a senhora Leefolt através da janela do passageiro do carro. A senhora Leefolt levou-me ao Jitney 14 para comprar o que falta para a Ação de Graças, amanhã.

— Traz-lhe aquela receita — diz a senhora Fredericks, a velhaca mãe da senhora Leefolt. Vão as três no banco da frente, a Mae Mobley espremida no meio, com um olhar tão infeliz como se fosse levar a injeção do tétano. Pobre menina. Desta vez a estadia da senhora Fredericks é de duas semanas.

— Não te esqueças do peru — diz a senhora Leefolt. — E duas latas de molho de arando.

Sorriso. Só cozinheiro almoços de Ação de Graças brancos desde que o Calvin Coolidge era presidente.

— Mae Mobley, para de te retorceres, ou apanhas — diz a senhora Fredericks.

— Senhora Leefolt, deixe-me levá-la à loja comigo. Ela ajuda-me com as compras.

A senhora Fredericks vai protestar, mas a senhora Leefolt diz, — Leva-a — e, antes que eu me aperceba, a Mae Mobley arrastou-se do colo da senhora Fredericks e está a trepar da janela para os meus braços, como se eu fosse o Salvador. Sento-a na minha anca, elas avançam

para Fortification Street e eu e a bebé damos risadinhas como duas meninas da escola.

Abro a porta de metal, apanho um carrinho e sento a Mae Mobley na frente, com as pernas enfiadas pelos buracos. Desde que tenha a minha farda branca vestida, posso fazer compras neste Jitney. Tenho saudades dos velhos tempos, quando íamos a Fortification Street e estavam lá os agricultores com os carrinhos de mão, a apregoar: «Batata-doce, feijão-verde, quiabos. Natas frescas, caramelo, queijo amarelo, ovos.» Porém, o Jitney até nem é mau. Pelo menos, tem ar condicionado.

— Muito bem, bebé, vamos lá ver de que precisamos.

Em mercearias, levo seis batatas-doces, três punhados de feijão-verde. Do talho, um pernil. A loja é clara, bem arrumada. Não tem nada a ver com o Piggly Wiggly dos negros, com serradura no chão. A maior parte dos clientes são senhoras brancas, sorridentes, com o cabelo já arranjado e com laca para amanhã. Há quatro ou cinco criadas às compras, todas de uniforme.

— Coisa vermelha! — diz a Mae Mobley e deixo-a pegar numa lata de arando. Sorri-lhe como a um velho amigo. Gosta da coisa vermelha. Dos secos, ponho um saco de quilo de sal no carrinho, para pôr o peru em salmoura. Conto as horas pelos dedos, dez, onze, doze. Se quero deixar o bicho em água com sal durante catorze horas, ponho-o no balde esta tarde por volta das três. Depois volto para casa da senhora Leefolt amanhã às cinco e cozinho-o durante seis horas. Já cozi duas caçarolas de recheio de milho para o peru e deixei-o a azedar em cima da bancada para ficar estaladiço. Tenho uma tarte de maçã pronta para assar e faço os meus biscoitos de manhã.

— Preparada para amanhã, Aibileen? — Viro-me e vejo a Franny Coots atrás de mim. Vai à mesma igreja que eu e trabalha para a senhora Caroline, em Manship. — Olá, bonitinha. Olha para essas pernocas gorduchas — diz ela à Mae Mobley. A Mae Mobley chupa a lata de arando.

A Franny baixa a cabeça e diz: — Soubeste o que aconteceu ao neto da Louvenia Brown esta manhã?

— O Robert? — pergunto. — O que corta a relva?

— Usou a casa de banho dos brancos na Pinchman Lawn & Garden. Dizem que não havia nenhuma tabuleta. Dois brancos perseguiram-no e bateram-lhe com uma roda de ferro.

Oh, não! O *Robert* não. — Está... está?...

A Franny abana a cabeça.

— Não sabem. Está no hospital. Ouvi dizer que cegou.

— Não, santo Deus. — Fecho os olhos. A Louvenia é a pessoa mais pura, a pessoa melhor que existe. Criou o Robert depois da morte da filha.

— Pobre Louvenia. Não sei porque é que as coisas más têm de acontecer às melhores pessoas — diz a Franny.

Nessa tarde, trabalho como uma louca, cortando cebola e aipo, batendo o recheio, esfarelando batatas-doces, arranjando feijão-verde, polindo a prata. Ouvi dizer que o pessoal vai a casa da Louvenia Brown às cinco e meia para rezar pelo Robert, mas nessa altura tenho de tirar aquele peru de dez quilos da salmoura, mal posso levantar os braços.

Nessa tarde, só paro de cozinhar às seis horas, duas horas depois do habitual. Sei que não terei força para ir bater à porta da Louvenia. Tenho de o fazer amanhã depois de limpar. Arrasto-me da paragem do autocarro, quase não consigo manter os olhos abertos. Dobro a esquina em Gessum. Um grande *Cadillac* branco está estacionado diante da minha casa. E eis a menina Skeeter, de vestido vermelho e sapatos vermelhos, instalada nos degraus da minha porta como um megafone.

Atravesso o meu pátio muito devagarinho, perguntando-me o que será agora. A menina Skeeter põe-se de pé, segurando a mala com força, como se tivesse medo que lha roubassem. Os brancos não vêm ao meu bairro, a não ser que venham buscar ou trazer os criados, e para mim está bem assim. Passo o dia todo a servir brancos. Não preciso que me venham visitar a casa.

— Espero que não te importes que tenha vindo — diz ela. — É que... não consegui pensar noutra lugar para conversarmos.

Sento-me no degrau e todas as articulações da coluna me doem. A menina fica tão nervosa quando a avó está lá que fez chichi em cima de mim e ainda tenho o cheiro. A rua está cheia de gente que vai a casa da querida Louvenia rezar pelo Robert. Há miúdos a jogar à bola. Toda a gente olha para nós como se achasse que vou ser despedida, ou algo assim.

— Sim, minha senhora — suspiro. — Que posso fazer por si?

— Tenho uma ideia. Quero escrever acerca de uma coisa. Mas preciso da tua ajuda.

Deixo sair todo o meu ar numa expiração. Gosto da menina Skeeter mas, caramba. De certeza que um telefonema teria sido simpático. Ela nunca apareceria à porta de uma senhora branca sem telefonar primeiro. Mas não, simplesmente pespegou-se ali, como se tivesse todo o direito de me incomodar em casa.

— Quero entrevistar-te. Acerca do teu trabalho como criada.

Uma bola vermelha entra alguns metros no meu pátio. O rapazinho dos Jones atravessa a rua a correr para a ir buscar. Quando vê a menina Skeeter, para repentinamente. Depois corre outra vez e apanha a bola. Vira-se e desaparece, como se tivesse medo que ela o agarrasse.

— Como a coluna da menina Myrna? — pergunto, sem qualquer entoação. — Acerca de limpeza?

— Não é como a menina Myrna. Refiro-me a um livro — diz ela, com os olhos grandes de excitação. — Histórias sobre como é trabalhar para uma família branca. Como é trabalhar, por exemplo... para a Elizabeth.

Viro-me e olho para ela. É isto que tem tentado perguntar-me nas últimas duas semanas na cozinha da senhora Leefolt.

— Acha que a senhora Leefolt concordará com isso? Que eu conte histórias acerca dela?

O olhar da menina Skeeter esmorece um pouco.

— Bem, não. Não estava a pensar dizer-lhe. Tenho de ver se as outras criadas também concordam em manter isto em segredo.

Coço a testa, começando a perceber o que ela está a pedir.

— As outras criadas?

— Espero arranjar quatro ou cinco. Para mostrar exatamente o que é ser criada em Jackson.

Olho em volta. Estamos aqui, ao ar livre. Ela não saberá como pode ser perigoso, falar acerca disto quando toda a gente nos pode ver?

— Que tipo de histórias espera ouvir?

— Quanto ganham, como são tratadas, as casas de banho, os bebés, tudo o que tens visto, de bom e de mau.

Parece empolgada, como se isto fosse uma espécie de jogo. Durante um segundo, penso que pode estar mais maluca do que eu estou cansada.

— Menina Skeeter — sussurro —, isso não lhe parece um bocadinho perigoso?

— Não, se tivermos cuidado...

— Chiu, por favor. Sabe o que me acontecerá se a senhora Leefolt descobrir que falei nas costas dela?

— Não lhe contaremos. Não contaremos a ninguém. — Baixa o tom de voz, mas não o suficiente. — Serão entrevistas privadas.

Limito-me a fitá-la. Estará doida?

— Ouviu falar do que aconteceu àquele rapaz negro hoje de manhã? Um que foi espancado com uma roda de ferro por ter usado, *acidentalmente*, a casa de banho dos brancos?

Ela fita-me, pisca um pouco os olhos.

— Sei que as coisas estão instáveis, mas isto...

— E a minha prima Shinelle, em Cauter County? Queimaram-lhe o carro porque ela foi à secção de voto.

— Nunca ninguém escreveu um livro como este — diz ela, num murmúrio, começando finalmente a compreender, parece-me. — Estaremos a desbravar terreno. É uma perspectiva totalmente nova.

Avisto um bando de criadas de farda a passar diante da minha casa. Olham-me, veem-me sentada com uma branca no patamar da frente. Cerro os dentes, já sei que esta noite o meu telefone vai tocar.

— Menina Skeeter — digo-o lentamente, tento que ela perceba a importância. — Fazer isso consigo, é o mesmo que eu *própria* deitar fogo à minha casa.

A menina Skeeter começa a roer a unha.

— Mas eu já... — Fecha os olhos com força. Pensei em perguntar-lhe, *Já o quê?*, mas tenho algum medo de ouvir a resposta. Procura na mala, pega num pedaço de papel, escreve o número de telefone dela.

— Por favor, podes pelo menos pensar nisto?

Suspiro, olho para o pátio. O mais gentilmente que consigo, digo:

— Não, minha senhora.

Ela pousa o pedaço de papel entre nós, no degrau, depois entra no *Cadillac*. Estou demasiado cansada para me levantar. Fico ali, vejo-a partir muito lentamente pela estrada abaixo. Os rapazes que jogavam à bola desaparecem da estrada, ficam imóveis a um lado, como se assistissem à passagem de um carro funerário.